

## **Besenyő János: Experiências dos operacionais húngaros em Angola - depoimentos**

Nas missões de paz em Angola prestaram serviço entre os anos de 1991 e 1999 um total 86 efectivos, entre militares e policiais, bem como, outros peritos do ministério dos Negócios Estrangeiros, com vínculo especial durante o mandato da ONU para o qual, foi requerida a sua presença. Praticamente, divididos por todos os *site-team* dos sectores da missão da ONU em todas as regiões, reunindo todos os tipos de serviço, dão-nos uma ideia geral sobre o que era ser-se *peacekeeper* em Angola. Foram enriquecidos por uma experiência ímpar, acumulando e aproveitando, parcialmente, para a preparação dos contínuos grupos do contingente, que foram rodando ao longo de quase uma década. Nos capítulos seguintes, reunimos e oferecemos ao nosso leitor uma parte desta experiência adquirida em Angola, por tantos depoimentos, frutos duma série de entrevistas gravadas com os protagonistas desta missão. Quando foram tirados a limpo estes textos para a sua primeira publicação em húngaro no nosso volume “Militares e polícias húngaros nas operações de paz da ONU em Angola” i.é. *Magyar katonák és rendőrök az ENSZ angolai békeműveletében* (Budapeste, Szakmai Szemle. 2012 3. szám), julgou-se conveniente passar para a terceira pessoa do singular tais recordações, oferecendo assim, um certo filtro da memória, que seria útil por causa da metodologia da *oral history*. Uma missão cumprida, mas uma missão cumprida. Eis os textos que, tal como nos outros ensaios reunidos nesta versão portuguesa da edição original, optou-se por utilizar à húngara, os nomes e apelidos, diferentes do que é usual em português:

### **Tenente coronel Varsányi Lajos**

Major em 1992, foi destacado para formar parte da missão UNAVEM II nos quadros do Centro de Observação e de Informação da Diminuição dos Efectivos da Hungria, prestava serviço em Angola por um ano, em diferentes funções. Depois de ter voltado para a Hungria passou a integrar a Divisão de Relações Internacionais e, posteriormente, o centro de Formação de Efectivos para Missões de Paz, das Forças Armadas Húngaras, associado às tarefas de preparação de participantes. Voltou a ser destacado para servir em Angola (UNAVEM III, bem como MONUA), onde dadas as suas experiências prévias, passou a ser comandante do contingente.

Nas Forças Armadas da Hungria, em 1991, foi organizado um curso avançado de língua inglesa na cidade de Debrecen, com a intenção de selecionarem, dos participantes deste curso, aqueles que seriam destacados para poderem seguir para a missão em Angola. Como o Major Varsányi dispunha já de diploma de conhecimento de língua inglesa e alemã em nível médio, inscreveu-se no curso que terminou com sucesso. Passou a fazer parte dos seleccionados para a futura missão angolana, e depois de terminar com louvor o curso preparatório acabou, também, por integrar o primeiro grupo da UNAVEM II. Tratando-se duma missão pioneira das Forças Armadas Húngaras para o continente africano, o Major sentia-se orgulhoso e privilegiado por poder integrar este grupo, o primeiro dos primeiros, aliás. Inicialmente, saíram apenas quatro oficiais, que foram seguidos por mais 11

camaradas e, quatro meses e meio depois, já o contingente húngaro era composto por 15 pessoas.

Os efectivos do contingente húngaro, embora bem treinados, só podiam ser preparados de forma limitada. Afortunadamente, dispunham de informações detalhadas sobre o que se passava no país, facultadas pela nossa embaixada em Luanda e, portanto, desenrascavam-se melhor do que muitos outros companheiros de outros países, que não tinham lá representação diplomática. Os húngaros não tinham experiência prévia em operações de paz e, o mesmo acontecia com os observadores das outras nações, à excepção daqueles militares que tinham servido anteriormente na UNAVEM I, em Angola (na operação que verificava a retirada das tropas cubanas do território angolano). Os militares húngaros vinham muito bem preparados no aspecto sanitário: todos foram devidamente vacinados contra as doenças, e nenhum deles ficou doente ou hospitalizado. Havia, claro, doenças, que não se podiam prevenir vacinando, como a malária, que afectou um bom número deles. Lamentavelmente, o remédio que deviam tomar, os *peacekeepers*, era de aplicação diária e atacava o fígado. Quando os oficiais húngaros chegaram à missão, os médicos brasileiros recomendaram-lhes que deixassem de tomar este medicamento, substituindo-o por um outro, que tinha um componente de mefloquina. Como os brasileiros, em matéria de cura da malária, dispunham duma vasta experiência, a maioria dos húngaros observava os seus conselhos.

Os efectivos militares em missão saíram fardados de uniformes húngaros, os quais foram completados, precisamente nesta altura, com os novos equipamentos para o deserto, dos quais, não se dispunha ainda, de qualquer experiência concreta. De qualquer forma, levaram os dois tipos de fardas um pouco com o intuito de testar qual delas é que se adaptaria melhor. Tiveram razão, pois Angola era suficientemente grande para usarem os dois, em várias condições climáticas. No Norte, em Cabinda, e na província de Uíge, na terra dos diamantes, encontraram a selva tropical cerrada, onde chovia todos os dias, pois lá precisava-se de um uniforme tropical e roupa impermeável à chuva. Por outro lado, nas montanhas vizinhas da província de Uíge, o clima era seco e continental, a uma altura de 1500 metros e, em certas alturas do ano, com uma amplitude térmica entre os 5 e 10 graus positivos. Nestes sítios, não era descabido proteger-se, de noite, na estação fria, com um casaco forrado. O equipamento de deserto era sobretudo utilizado por aqueles que prestaram o seu serviço no Sul, no deserto de Namíbia. Este estendia-se pela província de Kvandoku Bango, que era principal base das operações da UNITA, por parte do litoral e da província de Namíbia. Esta área é semideserta e com precipitação mínima. Resumindo, a grande parte do equipamento levado pelos militares húngaros prestava e era útil.

Pese o facto de em Angola estarem em confronto grupos apoiados pelo “bloco socialista” e “capitalista”, os húngaros eram tidos como neutros já que, a sua presença na operação de paz tinha começado só em 1991, portanto, depois da mudança de regime na Hungria, e da retirada das tropas soviéticas do nosso país. Desta forma, os húngaros não estavam considerados como vindos dum país socialista. Foi esta a razão pela qual foram bem-vindos ou, mais do que isso, aceites e prezados pelas duas partes, não apenas pelas forças do governo, como também, pelos rebeldes. A sua experiência era concludente, os húngaros só foram vistos construindo escolas, hospitais e infraestruturas urbanas. Funcionava uma embaixada

e uma representação comercial, mas o governo húngaro, anteriormente à mudança de regime na Hungria, cultivava com Angola, relações sobretudo económicas e comerciais, sem venderem armas. Também é verdade que, ofereceram bolsas de estudo para angolanos na academia militar do país. Tais factos, também foram verificados no processo do desarmamento, pois não foi encontrada nenhuma arma fabricada na Hungria, ao passo que as armas em questão eram, principalmente, checas, russas, chinesas e ucranianas.

Os primeiros húngaros que chegaram foram recebidos no aeroporto e depois foram registrados no alto comando da missão. Não tiveram muito tempo para estranharem que tinham chegado no verão africano vindos do inverno rigoroso da Hungria. Estavam uns 38 graus, com uma humidade, que não lhes parecia menos do que 100%. Despidas as roupas transpiradas umas quatro vezes, voltam a ser envergadas para a água continuar a pingar. Já que o acampamento-cidade de contentores não fora ainda erguido, foram alojados primeiro num hotel. Foram para o alto comando todos os dias para participarem num curso intensivo de preparação local, organizado expressamente para os militares na sua condição de “novatos”. Estudaram matérias desde geografia militar até conhecimento da política local, muitas das quais, depois, foram verificadas como sendo úteis, principalmente por tratar-se de uma preparação especialmente virada para assuntos relativos à missão. A maioria dos professores-preparadores tiveram uma experiência local, já que estiveram presentes na missão anterior da UNAVEM I e, portanto, tinham um conhecimento prático. Estes funcionários, todos da ONU, reuniam um vasto conhecimento, isento de qualquer influência política pois, nenhum dos lados envolvidos, ou seus representantes, teve a possibilidade de estar por trás da sua preparação. Após o curso preparatório, os observadores foram sendo distribuídos por campos segundo o conceito da distribuição igualitária, num sistema rotativo. Desta forma, o observador servia em três quartéis e/ou campos diferentes. Isto funcionava baseando-se na divisão do ano em três partes equivalentes de quatro meses e, significava que, os acampamentos iam sempre rodando. A sua necessidade surge pela disparidade das condições do serviço, pois todos os acampamentos foram qualificados de acordo a sua qualidade, classificados em A, B e C. Os pontos de serviço da categoria “A” correspondiam ao serviço numa cidade, com boas infraestruturas, onde tudo podia ser comprado e adquirido com facilidade, ou seja, as condições eram de “primeira classe”. Os da categoria “B” funcionavam em sítios onde a vida era “sofrível” dado que, as condições eram muito menos cómodas do que no “A”. Os acampamentos de categoria “C” estavam deslocados em sítios inóspitos, no deserto ou na selva, carecendo de qualquer infraestructura e isolados do resto do mundo, vivendo em choças ou em tendas. Só se mantinha o contacto com o “mundo lá de fora” pela rádio, e o homem branco, curiosamente, só era visto de mês a mês. A regra geral consistia em que todos tinham que servir, alternadamente, em cada uma destas condições de serviço. A rotação do Major Varsányi era a seguinte: começava um primeiro turno num quartel urbano, tipo “A” na cidade de Lubango, controlada pelo governo. Esta cidade, a terceira maior de Angola, tinha duas curiosidades: a primeira, de tratar-se duma cidade bem localizada, pois era, depois de Huambo, a segunda mais alta do país. A segunda curiosidade prendia-se com um monumento que só tinha três idênticos no mundo lusófono: o Cristo Redentor, ou Cristo Rei do Rio de Janeiro, no Brasil, o segundo o de Lisboa e o terceiro, aqui em Lubango. O oficial húngaro trabalhava no quartel geral, num grupo de reação rápida, constituído por três elementos, e onde tinha, a

maior parte das vezes, o serviço de oficial de turno, ou estava a substituir algum observador que faltava em campos vizinhos, seja por problemas com a rotação, ou devido a férias e, quando havia, portanto, a necessidade de suprir uma falta temporária. Sendo assim, os “privilégios” dum serviço em condições “A” podiam faltar-lhe também... A cidade era controlada pelas forças do governo através de dois regimentos de infantaria, e não havia aqui conflitos armados ou roubos que pudessem caracterizar as áreas mais recônditas. Pertenciam ao quartel-geral 10-12 campos militares, cuja direcção operacional e supervisão estava ao seu cargo. O Major Varsányi tinha, maioritariamente, um serviço no quartel-geral e tinha, portanto, uma visão mais alargada sobre a actividade da missão. Os seus oficiais superiores estavam contentes com o seu trabalho, mas depois de três meses de serviço aqui, tocava-lhe seguir para Djamba, para o quartel-geral da UNITA.

Este posto considerava-se como de categoria “C”, tanto por causa da sua localização, como também, pelas condições de vida. Com um Coronel irlandês, que era o oficial de comunicação entre a UNITA e a UNAVEM II, e com um Major espanhol, compunham a tríade do serviço. Quando, passado um mês, caducou o tempo de serviço do Coronel irlandês, os dois majores, o húngaro e o espanhol ficaram apenas os dois, a servirem no acampamento que era requalificado pelo alto comando como um simples ponto de observação militar. Estes pontos de observação eram instalados em pontos mais importantes, como aeroportos, portos da marinha da guerra, pontos de passagem rodoviária das fronteiras de entrada, saída e de trânsito de pessoas e productos, e onde o papel desempenhado era exclusivamente de observação e de verificação. Controlavam, portanto, o tráfego, mas sobretudo vigiavam se não entrava no país armamento ou outro material proibido pelos acordos de paz. E eis aqui o interesse da nova colocação do major húngaro, pois tratava-se de Jamba, que era o quartel-geral da UNITA, onde o comandante da organização, Jonas Savimbi e outros dirigentes do movimento passavam o tempo a maioria das vezes. Pese a esta circunstância, o facto de que, curiosamente, a ONU não conferia a este posto, significância maior. O acampamento fora instalado e localizado de forma que os soldados da ONU não tivessem uma visibilidade para o aeroporto e, de mais a mais, o acesso também não era funcional, pois deviam conduzir 17 quilómetros até lá chegarem, caso fosse permitido sair aos *peacekeepers*... eram tempos, em que não dava muito jeito protestar, pois como se diz na gíria militar, “não perguntavam, disparavam primeiro”. O Major Varsányi teve uma experiência, também por outros compartilhada, se serviam em postos de observação da UNITA: eram sempre espiados por militares de comunicação, que os acompanhavam a todos os sítios. Eram guarda-costas, mas queriam ser mais “secretários” (no sentido de conhecedores dos seus segredos).

Enquanto servia no quartel-geral da UNITA, o oficial húngaro encontrou-se várias vezes com os dirigentes desta organização. Celebravam juntos, por exemplo, o aniversário da fundação do movimento e o dia da independência pois, os oficiais da missão de paz eram convidados para estas e outras festas também. Apesar dos incómodos, o Major Varsányi gostou de Djamba, que lhe parecia uma cidade interessante. A localidade era construída por edifícios cobertos de palha e choças de barro, que foi defendida com baterias de artilharia antiaérea *Bofors*, dispostas de uma forma particular. A cidade foi defendida por quatro unidades, de seis baterias cada uma, de forma que duas delas estavam dispostas fora da cidade, e o resto ao redor formava um cinturão de defesa da cidade. Isto levava a que na altura dum

ataque aéreo, os aviões MIG 21 bombardeassem “às cegas”, deixando cair a sua carga entre as unidades de bateria – e não sobre a cidade. As metralhadoras antiaéreas de 40 mm. do sistema BOFORS eram suficientemente eficientes para fitarem e afastarem os aviões a uma altura de 7 quilómetros, donde era impossível visualizar os “targets”. Mais a mais, os caçadores descolaram da base aérea Menong o que, tendo em consideração o seu raio de acção, ao chegar à bastante longínqua Djamba, só tinham à sua disposição combustível suficiente apenas para 5 minutos, e depois eram obrigados a voltar, pois de outra forma não podiam aterrar com a segurança necessária. Desta forma, a cidade nunca sofreu um ataque real, o que se atacavam eram as unidades antiaéreas.

Com a gente armada da UNITA não foi nada fácil colaborar, muitos queixavam-se de ser um tanto imprevisível a sua atitude e comportamento. Há casos registados de observadores atacados e maltratados, que não foi o caso do Major Varsányi, que nunca foi agredido. Quer dizer fisicamente, já que psicologicamente não escapou ao terror verbal. É que na sua experiência tanto podiam ser “descarados” como magnânimos. Numa ocasião, por exemplo, o comandante da região militar das unidades da ONU, que se encontrava então em Mawinga, foi convidado para um almoço. Nada mais natural, que o alimento, matéria-prima, do almoço fora tirado aos observadores da missão, obrigando a um agradecimento ao convidado, que depois soube que a generosidade do anfitrião provinha, nada mais nada menos, do que da própria comida comprada pelos participantes da missão. Sabido isso, o discurso da gente da UNITA não poupava o adjectivo de colonialista ao oficial espanhol, posta em quarentena de terror psicológico, dizendo que “com este porco colonialista nunca mais voltará a falar-se”. O oficial húngaro então colocou-se do lado do camarada e, claro, não deu azo a discriminação alguma entre os dois. Depois deste episódio não conseguiram sair do seu campo por umas 3-4 semanas. No que diz respeito a este acampamento, eram choças de palha contruídas para umas 10-12 pessoas, onde estavam dispostas ainda uma cozinha e uma sala de rádio. O oficial de comunicação da UNITA vivia na sua companhia, que observava atentamente toda a transmissão de rádio, como, de resto, tudo o que se passava no acampamento. Os observadores pensaram puder desviar esta atenção recorrendo a um estratégia. Quando tinham que passar uma informação mais sigilosa ou importante, o alto-comando pedia sempre a um húngaro, e era através dele que se comunicava para o alto comando também. Depois tinha-se apercebido de que tal sigilismo resultou muito relativo, pois havia mais angolanos a cuja ajuda podiam socorrer-se.

O Major Varsányi encontrou, em Lubango, um coronel da UNITA que falava perfeitamente o húngaro, mesmo na sua versão dialectal saborosa. Acontece que um belo dia ele passeava pela cidade quando ouviu uma voz num tom brincalhão: “o soldado vai para onde? “. Olha ao seu redor, mas não vê ninguém, excepto o coronel angolano. Vendo este, a cara estupefacta do oficial húngaro, contou-lhe que tinha feito o seu curso de sub-oficial na Hungria, na Escola Militar de Formação de Sub-oficiais no ramo da Defesa Anti-aérea de Debrecen. Depois voltou ao seu país – originariamente foi mandado estudar fora pelo governo socialista – só que passou depois para o lado da UNITA, onde começou a sua carreira como comandante duma bateria mas, como os seus superiores foram morrendo, ele foi subindo de escalão, chegando agora ao cargo de chefe dos serviços anti-aéreos da UNITA. Este contacto acabou por não se aprofundar entre eles, o que

não impediu que se sentassem a beber um copo para lembrar os bons velhos tempos. Ambos evocavam com muita saudade a guarnição e a caserna Kossuth da cidade de Debrecen. O Major Varsányi contou que foi precisamente aqui que teve o seu curso de preparação linguística. Claro, a beleza das húngaras de Debrecen foi também motivo compartilhado e saudoso nesta conversa... Este caso, por incrível que pareça, não foi o único, pois outros também contaram encontros semelhantes, em que de repente revelou-se que o interlocutor angolano dominava a nossa língua. Mas houve ainda mais casos surpreendentes pois, viviam em Angola alguns compatriotas com quem se podia cruzar. Estes eram muito diferentes entre si. Uns tinham emigrado depois de 56, ou mesmo tinham saído antes do país para passarem a viver em Portugal ou no Brasil, mas acabaram por instalar-se em Angola. De resto, os brasileiros tinham um excelente relacionamento com Angola, por um lado ajudado pela raiz linguística compartilhada a que se associava o facto de os brasileiros não terem sido seus colonizadores. Tal circunstância foi bem aproveitada pelos brasileiros, que tinham muitas empresas com bons negócios em vários terrenos. Foram eles que construíram um bairro para a alta sociedade angolana, e os serviços públicos também eram associados a uma sua empresa em Luanda. Nestas empresas não faltaram húngaros, que vieram a instalar-se junto da sua família em Angola. Os capacetes azuis húngaros encontraram-nos em várias ocasiões e situações, mas o contacto neste caso também não passava de ocasional e superficial. O major Varsányi vivenciou um caso espectacular também com húngaros em Angola. Estava no mercado a dar uma volta, quando fica plantado diante dele um senhor que começa cantar o hino nacional húngaro. Além de ficar boquiaberto, ficou muito comovido também com a história dum patricio que já estava vivendo em Angola desde os anos 50, e que foi poupado aos transtornos da guerra, sempre vivendo lá sem problema algum.

Ao propósito: os brancos não estavam expostos a atrocidades, só aqueles que tinham usado das armas. Em Angola nunca era praticado o sistema do *apartheid*. A colonização portuguesa era diferente da inglesa ou dos *boers*, nunca se fez sentir uma superioridade que tenha provocado um isolamento, ou de formarem castas. A colonização portuguesa era algo familiar, familiar no sentido de viverem entre os africanos, só que em condições e casas melhores do que os africanos. Ensinar-nos cultivar a terra, terra a que, aliás, podiam ter acesso. Em outras áreas da vida também deixaram os locais prevalecerem, se bem que, e em abono da verdade, depois da saída dos portugueses, lentamente tudo começava a desmoronar-se. Os aeroportos e as estradas eram carcomidas pelas ervas daninhas e faltava a manutenção. A indústria também deixou de produzir sob os efeitos da guerra civil, e por largas décadas.

Passados os três meses de serviço em Djamba, o oficial húngaro foi colocado em Cabinda, dominada pela FLEK. O território, no papel, pertencia a Angola mas, existia também, um poder paralelo, que estava longe de ser controlado pelos angolanos. Cada vez que queriam efectuar uma visita às unidades “colocadas lá pelo governo”, tinham que passar primeiro por uma tasca para encontrar certas pessoas, para combinarem por onde e quando é que iam atravessar uma determinada zona, para não lhes fazerem mal. Nunca podiam evitar esta consulta prévia, pois sabia-se que os de cá não estavam para brincadeiras. Os soldados da ONU encontraram em várias oportunidades cadáveres degolados, que originariamente teriam querido chegar a vê-los, só que ficando extraviados, custou-lhes a vida tal



engano. Morriam por ignorância ou falta de comunicação com a população local. Os da missão da ONU tinham que conviver com este contexto, nunca sofreram atrocidade alguma, e até tinha havido um bom relacionamento entre a ONU e a FLEK. O Major Varsányi também integrou varias negociações, onde sempre se tinha explicado que os da missão não tinham nada a ver com o seu movimento de libertação. O seu mandato exclusivo era supervisionarem as unidades angolanas na zona, em certos casos, procederem ao seu desarmamento, o que ia ao encontro dos interesses da gente daí, aliás. Em Cabinda a ONU operava apenas nas funções clássicas dum observador tanto mais que, o desarmamento nem sequer tinha começado. Em boa verdade, este só arrancou depois das eleições.

O mandato dos *peace keepers* foi regulado por um acordo de cessar-fogo assinado anteriormente, o que servia de padrão para a sua actuação. Deviam, neste período, ficar concentrados nos pontos de integração, tanto as tropas da UNITA como as do governo. No caso das últimas recorria-se às casernas, e quanto à UNITA recorria-se a pontos de reunião assinalados para este efeito. Aqui foram criadas autênticas cidades de soldados, onde foram unificados os 2000-2500 militares duma brigada, mas não só, pois viveram aqui também, os respectivos familiares. Congregaram-se, por tanto umas 8000-10.000 pessoas num ponto de reunião, uma imensa multidão, por tanto. Serem abastecidos *in loco* parecia impossível, e recorria-se à ajuda da ONU, que fornecia alimentos para os que viviam nestes campos. Junto ao acampamento do oficial húngaro também havia um campo deste tipo, que teve que visitar todas as quintas-feiras, para proceder à verificação do seu armamento. Foram contabilizadas as armas e as munições lá reunidas e guardadas, cujo número era informado para o alto comando. Além desta actividade participaram, também, na verificação de casos de violação do cessar-fogo, em caso de conflictos entre os que estavam sendo desarmados. Embora se tenha verificado mais do que um destes casos, o Major Varsányi foi testemunha apenas dum destes. Do ponto de vista jurídico tratava-se da violação do cessar-fogo, mas parecia-lhes mais engraçado do que grave aos observadores. Mas, convém explicá-lo melhor. A alegada violação do cessar-fogo teve lugar quando o oficial húngaro tinha que sair de Lubango para um ponto de observação e fazer uma substituição temporária dada a falta de efectivo. Foi então que se deu o caso único, que deslocado para o acampamento cujo comandante era o tenente-coronel Kállay László, o acaso proporcionou a circunstância inédita de serem dois oficiais húngaros a integrarem por duas semanas o pessoal dum acampamento, em cuja proximidade, estava a funcionar um campo de reunião da UNTA de vários milhares de pessoas, cujo abastecimento era mais do que problemático... Tinha começado a época da chuva, quando os camiões só podiam usar as estradas asfaltadas, só que o campo de unificação estava a uns 40 quilómetros daqui. A ONU tinha mandado uma remessa de abastecimentos para o campo, que devia ser escoltada pelos dois oficiais húngaros e depois entregue ao comandante para fazer a sua distribuição. Foram receber os abastecimentos vindos em coluna militar, seguindo para a estrada betonada, mas os camiões avançaram só dois quilómetros, quando caiu do céu uma chuva tremenda que fez intransitável o caminho secundário. E não apenas os camiões mas, também, as viaturas da escolta dos observadores estavam travadas numa lama da qual não havia saída alguma. Não tiveram outro remédio senão pernoitarem na sua viatura. A fogueira até podia ter proporcionado uma aura romântica para a noite, se uns macacos a saltearem no capote do jipe não tivessem desfeito este *feeling* de safari improvisado dos húngaros. Em qualquer dos casos, estava impedida a passagem para o campo e o

abastecimento de víveres. A solução alternativa era recorrer a helicópteros o que, também não era isento de problemas logísticos. A ONU utilizava helicópteros MI-8 e MI-17 transformados, que estavam munidos de depósitos de combustível de dupla reposição para poderem transportar mais 1000 litros desse material. Sendo assim, a sua capacidade de carga em espaço útil era limitado, razão pela qual, os helicópteros da região militar da ONU só podiam proceder ao reabastecimento do campo da UNITA com extrema dificuldade. O ambiente que se vivia lá era de linchamento. Sabendo isso, os húngaros, tinham que agir com a devida cautela em relação ao campo. Sentados diante da sua tenda, acontece que ouvem umas rajadas. Pedem esclarecimento ao oficial de comunicação relativamente aos tiros ouvidos, que responde evasivo que apenas utilizaram arco e flechas e não armas de fogo, pois estava proibido pelo cessar-fogo assumido, usarem-nas. Como não lhes parecia ser uma resposta cabal, insistem, pois, pedindo que fosse verificar o que é que se passa, para ficarem melhor informados. Ele sai e não passou meia hora, quando volta trazendo um lombo de impala. Vendo a cara estupefacta dos dois, confessa, envergonhado, que como não havia mais do que um pouco de milho no campo, as mais de oito mil pessoas do campo já estavam a passar fome. Foi assim que resolveram melhorar da sua ração com um pouco de carne, na extrema escassez. O que fazer? Evidentemente, os húngaros prometeram não passar esta informação para o seu alto comando, ao passo que os rebeldes repuseram as balas utilizadas do seu armazém e, assim, na verificação de armas e de munições da quinta-feira seguinte, os observadores encontraram exactamente o número correcto dos armamentos e equipamentos, incluindo as munições. Sabia-se aliás, que havia imenso material bélico, que se encontrava escondido em armazéns enterrados na selva, por tanto a reposição da munição era mais do que simples. Houve casos em que a gente da UNITA avisou os oficiais húngaros que deviam declarar e entregar algumas armas “encontradas” na selva. Foram guiados junto duma choça de palha e, por debaixo dela, encontraram o equipamento inteiro duma unidade de artilharia! Tal panóplia era armazenada em zonas onde os observadores nem sequer podiam ter posto o pé, mas então, e por alguma razão, acharam que tinha chegado o momento de se abrirem para com eles e entregarem as armas que correspondiam ao equipamento de uma unidade de artilharia completa. Do mesmo sítio, acabaram por sair armas numa quantidade ainda maior incomparavelmente.

O mesmo acampamento foi cenário dum outro episódio inesquecível para o Major Varsányi. Os que tiverem lido livros de Rejtő Jenő não acharão a situação inédita, pois este escritor falava dum certo leão de circo velho e desdentado que assustava a gente. Ora bem, os nossos húngaros tiveram um encontro inesperado com este animal em Angola. Uma certa noite terão bebido eventualmente um pouco demais da cerveja de marca local “Simba” pois, na madrugada Varsányi acordou com uma premente necessidade urgente e, estava para sair tenda para urinar, quando viu a cara do outro oficial, que só a grande esforço conseguiu conter uma gargalhada que ia a ponto de explodir. “Tú, de que estás a rir?” - perguntou desabotoando as calças. “Já verás” disse. De repente viu ante de si a silhueta dum enorme leão... O Major esqueceu-se, imediatamente, do motivo que o levava a sair e primeiro ficou petrificado... Estava a improvisar como esconder-se ou precipitar-se numa fuga, quando Kállay lhe disse para não gritar e não assustar o animal. “Assustá-lo, eu? Eu ao leão...” pensou, mas “Tu estás maluco?” Depois contou-lhe que tudo foi uma brincadeira da UNITA, que tinha escolhido este sítio para instalar lá as tendas dos observadores, intencionalmente. Tudo para o fazer cruzar o campo por uma senda,



que era utilizada pelos bichos para irem ao seu bebedouro nocturno. Mas este leão nunca acompanhava aos outros por ser velho, desdentado e medroso também. O Tenente-coronel já sabia disso, ao passo que Varsányi não tinha ainda esta informação, era, portanto, muito compreensível o susto que apanhou. Foi uma recompensa tardia ele ter conseguido assustar o pobre do animal, e não vice-versa.

Ao contrário do que poderíamos concluir do episódio contado, as partes beligerantes entre si e os funcionários da organização mundial, foram muito positivos e cooperantes. O mesmo já não acontecia com o advento da campanha eleitoral e as próprias eleições, em que foram acusados mutuamente de terem cometido fraudes eleitorais. Em finais de Agosto e início de Setembro, ou seja pouco depois de irem às urnas votar, voltou a eclodir a guerra civil no país. As operações da UNAVEM II foram paradas. O Major voltou a uma colocação numa zona ocupada pela UNITA, numa cidade chamada Kindege, na província de Uige. Curiosamente, a população local tinha sentimentos um tanto ambíguos para com os rebeldes. Gostavam e não gostavam deles. Primeiro, e por um lado, estavam obrigados a gostarem deles porque eram a força militar dominante naquelas paragens, mas, e por outro lado, desgostavam profundamente deles, quando destruíram, completamente, a cidade construída pelos portugueses, ao ponto de a transformarem numa cidade fantasma. Houve uma enorme cisterna cavada numa rocha, que retinha a água pluvial e que juntados dois geradores, faziam a circulação da água, portanto, a cidade dispunha de facilidades comuns. Logo que a UNITA chegou lançaram duas granadas para explodir os respectivos geradores e os moradores foram expulsos da cidade para irem viver para choças, “retorno à natureza” – diria Voltaire. A UNITA introduziu um sistema de comunitarismo excepcional alegando a guerra o que, também não foi muito aplaudido pela população. Gostando ou não deviam era ficar integrados no sistema centralizado de abastecimento, em que as doses de alimento recebidas fossem de acordo com seu cargo, rango ou importância. A gente comum, o “plebs” recebia umas quotas base mínimas de alimentos, os oficiais rango inferior, ou seja, os tenentes e capitães, para além da quota base recebia um ou uma ordenança, que vivia com a família do oficial, enquanto os maridos faziam a guerra. Entre os privilégios contava-se ainda o meio pacote de cigarro, marca Djamba, de produção local, bem como, uma caixa de cerveja. Para os oficiais de rango superior, estas quantias cresciam escalonadas conforme a patente militar, e recebiam o cigarro sul-africano Gans – réplica equivalente do Winston. Resumindo, de acordo com a importância política ou militar é que se beneficiavam dos diferentes privilégios. O oficial húngaro encontrou um general dos rebeldes, que tinha seis ordenanças, e podia obter tudo e sem limitações. De vez em quando, os observadores também tinham que ficar integrados neste sistema, em Djamba, por exemplo, depois do desastre dum avião da sua região militar, quando ficaram sem qualquer abastecimento por quatro semanas. Em casos semelhantes a UNITA veio a integrá-los automaticamente no seu sistema de abastecimento, com a excepção de como se tratavam de militares da ONU, recebiam uma garrafa de whisky por semana e meio pacote de cigarros e 6 cervejas *per capita* diariamente distribuídos. Naquela altura considerava-se isto como um tratamento extraordinariamente generoso...

O Major Varsányi cumpria a tarefa de observador em Kindegé também, só que, junto a uma UNITA muito menos cooperante. Decorridas as eleições em que ganha o MPLA, este, no governo, e a UNITA, nesta altura, devia ter correspondido

positivamente ao começo da planificação das novas forças armadas. Faltou, portanto, a integração das duas forças político-militares. Um projecto malogrado, já que Jonas Savimbi não aceitou os resultados, alegando fraude eleitoral. Foi o recomeço da violenta guerra civil. Ao nosso Major, protagonista desta história, encontrava-se neste momento já no alto comando, e cumprido o seu ano de serviço, a fazer as malas e em preparativos para voltar à sua terra. Coisa nem de um pouco fácil, diga-se de passagem. A única companhia que estava ainda disposta a voar para Angola era a Sabena, já que pouco tempo antes a UNITA tinha abatido um avião civil. Os participantes húngaros da missão – em cujo grupo se encontrava o Major Varsányi - estavam sentados no seu avião às 11 horas da manhã, mas o seu voo só iria descolar às cinco da tarde. O avião ainda fez escala em Brazzaville, onde tiveram que esperar com as portas abertas até o horário previsto da partida. Quer dizer, atrasaram-se ainda umas horas, por isso, a viagem calculada para um dia, durou o dobro do previsto anteriormente.

Pelos húngaros que voltavam, esperava uma numerosa comitiva no aeroporto de Budapeste para dar as boas-vindas e agradecer o serviço prestado. Voltaram então para continuar nos mesmos postos de serviço, donde tinham partido. Não os esperava a quarentena – como aconteceria aos outros pouco tempo depois -, pese-se o facto de mais de metade dos participantes na missão terem contraído a malária. Todos eles ainda em Angola aderiram ao Clube da Malária, fundado pela ONU, e cujos membros tinham direito a fardar um “uniforme” muito *sui generis*. A primeira vez que alguém tivesse apanhado a malária, pagava 10 dólares pela T-shirt. Os que não ficaram doentes só podiam ganhar a mesma camisola pelo dobro deste preço. O Major Varsányi nesta sua primeira missão podia ter adquirido três “uniformes” a preço especial ou seja, tinha ficado doente em três ocasiões. Na sua segunda missão em Angola voltou a comprar mais duas camisolas com a inscrição de “Clube da Malária” ou seja, no total, desafiou cinco vezes esta doença tropical.

A malária começa como uma doença do sistema respiratório superior e é propagada por mosquitos, podendo ser mortal, se não se tomar preventivamente a quinina sintética, ou a Mefloquina. Para os nativos não significa mais do que, para nós, uma gripe. Uma vez de regresso, os médicos húngaros nem acreditaram ter passado pela doença e perguntaram se trazia consigo algum atestado médico. Ele retorquiu perguntando se por seu turno, eles teriam passado algum atestado caso um seu paciente tivesse ficado engripado. Naturalmente que não, responderam. Pois é, disse ele, a malária lá é tão vulgar por lá quanto a gripe por cá, com a diferença de que se obtém um diagnóstico muito mais cedo, pois alguns sintomas apontam indelevelmente para a sua ocorrência. A malária tem seis variantes e só a análise de sangue é que pode fazer a distinção, e é muito pouca sorte ficar contagiado pela a mortal. Não é menos incómodo porém, ficar com a malária dita “resistente”, que pode ficar activa em qualquer momento numa longa vida. Sentindo que alguém toma quinina ou outro remédio contra ela, este tipo da malária fica “armazenada” no fígado e pode ficar “silenciosa” esperando momento de o organismo ficar debilitado para voltar a atacar. Conhecemos o caso de um oficial húngaro que tinha voltado com este tipo da malária e várias vezes abalado pela mesma.

Embora as condições tenham sido pouco habituais e deva ter trabalhado em situações de alto risco, pensa que a missão lhe tenha servido para abrir o seu horizonte e mundivisão, pois no regime anterior os militares basicamente estavam

proibidos de viajarem, e ao mesmo tempo tenha ganho mais do que o seu ordenado de cá. Não lhe faltava o espírito de aventura, claro, e achava que vale a pena arriscar para oferecer a si e à sua família uma vida melhor, à custa de um trabalho honesto. Então, por que não repetir a mesma experiência – pensava ele, na Hungria. Surge assim, a sua segunda participação numa operação de paz angolana em 1996. A sua candidatura a uma nova missão será o começo de uma outra história...

### **Nagy Lajos, major dos corpos policiais**

Com uma experiência prévia de um ano de serviço no Cambodja, recebeu o convite para fazer parte da missão da UNVEM em Angola. Reunido o seu dossiê de candidatura, passou por um exame de admissão, que consistia numa sequência de provas psicológicas, um exame de inglês e vários exames médicos. Com o inglês não teve problemas, pois tinha-o estudado no liceu com suficiente número de horas de aulas, a que veio juntar-se uma prática adquirida durante o seu serviço no Cambodja.

Chegou depois a hora da sua preparação e treino para a nova missão na base do Ministério do Interior, em matérias como conhecimentos cartográficos, missão de paz, radiocomunicação e afins. O treino cartográfico e o exame foram organizados nas montanhas Pilis, mas também teve que passar um exame de tiro, radiocomunicação e condução de viatura. Recebeu também uma iniciação sobre Angola, mas procurou informar-se de forma individual, pela leitura de tudo o que se encontrava sobre o país, desde títulos como *Fui agente da CIA em Angola* até guias turísticos e livros de viagens. Naquele tempo, a Internet não tinha a divulgação geral de agora e também não havia acesso a ela, pelo que se procurava tudo o que estivesse publicado. Mesmo assim, ao chegarem a Angola, sentiram o quão limitados eram os seus conhecimentos sobre o país.

Tais lacunas foram sendo supridas por uma preparação da ONU, com base num programa de orientação que incluía matérias especiais, como os perigos das minas e explosivos, brochuras sobre os aspectos linguístico-culturais, conhecimentos especiais em medicina, saúde e higiene, através de palestras, bem como do testemunho e transmissão de vivências daqueles colegas e funcionários da ONU que tinham adquirido experiências prévias. Estas estavam já muito mais viradas para o seu interesse real e eram muito mais específicas.

Os polícias húngaros possuíam equipamentos de boa qualidade fornecidos pelo Ministério do Interior. Para Angola, receberam uniformes e fardas concebidos e desenhados expressamente para os trópicos, os quais, como não estavam padronizados nem eram usados nem no corpo policial nem nos guardas fronteiriços na Hungria, foram adquiridos especialmente para eles. Além disso, receberam um bom número de acessórios – binóculos, lanternas, canivetes, geradores, equipamentos de filtragem de água, etc. –, o que facilitava bastante a sua vida e serviço. Depois de

equipados, os polícias húngaros receberam as vacinas obrigatórias e fizeram as malas para a viagem, empreendida em dois grupos, tendo o major Nagy feito parte do segundo. Os cinco polícias do primeiro grupo do contingente viajaram em Dezembro de 1993, e eles em Janeiro de 1994 via Bruxelas, Mali e Angola.

Aterrar nos trópicos já lhe era familiar do Cambodja, mas o oficial húngaro mesmo assim não pôde fugir ao impacto imediato do clima tropical. O choque que recebeu na sua viagem desde o aeroporto até o centro foi porém muito maior. Atravessar o que era Luanda, passar dum momento para o outro dum ambiente europeu para um contexto africano foi outro choque tremendo, de carácter cultural. Tudo o que via parecia-lhe não apenas caótico, mas também desordenado e improvisado, como as montanhas de lixo (que tanto podiam arder como servir de pasto a cabras ou de parques para crianças), os subúrbios, os edificios em cubo de betão ou os edificios improvisados. Toda esta visão era um tanto chocante e marcada no seu conjunto pela diferença.

Os polícias húngaros foram recebidos pelo primeiro grupo de colegas, que os ajudaram a ocupar o seu alojamento, instalado pela ONU em casas-contentores. No estado-maior, tanto os gabinetes de trabalho como o espaço residencial foram instalados desta forma: tratava-se de uns contentores equipados com ar condicionado, proporcionando razoável conforto. Depois de ficarem instalados, teve início um treino de preparação, mediante um curso que terminava com exames práticos: teste linguístico e de condução de viaturas. O exame de condução era sempre muitíssimo importante nas missões da ONU, nunca se permitindo que ao volante se sentasse alguém antes de fazer o exame e obter uma licença de condução especial da ONU, demonstrando claramente as suas capacidades. Os países tinham enviado os seus participantes para a missão com cartas de condução, e mesmo não as havendo podiam passar-lhes a licença. Mas a prática e dar provas dos saberes aplicados era outra coisa. Os indianos, por exemplo, podiam ter a sua carta de condução, mas normalmente não conduziam, já que eram os seus ordenanças que guiavam e não eles. Isto significava que lhes faltava a prática, o que levou a que grande parte dos acidentes ficasse associada a eles. Por isso muitos examinandos chumbaram, e se não passassem um segundo exame de teor correctivo, podiam fazer as malas e voltar para casa. Afortunadamente, dos polícias húngaros ninguém chumbou.

Um maior embaraço constituía ainda o uso da língua, que foi ao mesmo tempo também o ponto fraco da logística na missão angolana. Ao passo que no Cambodja e na Bósnia tinham sido admitidos e contratados pela ONU intérpretes e tradutores preparados e pagos, em Angola o caso foi completamente diferente. O grande plano consistia na missão valer-se dos oficiais de língua nativa portuguesa para simultaneamente utilizá-los como tradutores: tratava-se de oficiais brasileiros, guineenses e portugueses. O projecto mostrava-se não apenas criativo como perfeito, só que ia ao desencontro das realidades. Acontece que, pese o facto de ter sido

condição *sine qua non* da admissão nas missões o domínio da língua inglesa, o contingente de alguns países, nomeadamente o brasileiro e o guineense, não considerava importante este factor, ou simplesmente esqueceram o inglês entre a sua colocação na missão e a sua chegada à mesma. Esta era uma situação caricata, já que falavam um português excelente, por ser a sua língua materna, mas nada de inglês, que deveria ter sido a sua língua de comunicação interna na missão. Muitos deles foram chumbados no exame linguístico e foram bem poucos os que puderam ficar, mas tendo em consideração a falta de efectivos, iam ficando mesmo assim. É por isso que pôde ter-se dado o caso, num distante ponto de observação no leste de Angola, de haver três elementos numa missão isolada com completa falta de comunicação entre si e com a população local. Os nativos não falavam português, por tratar-se uma área étnica tribal. O polícia da Guiné-Bissau falava por seu turno um português impecável, mas não havia modo de se entenderem. Os colegas malaio e europeu da tríade não falavam nem uma palavra de português nem o dialecto local, pelo que estavam linguisticamente isolados tanto interna como externamente. Isso ao final de contas levava a uma situação extrema de nem conseguirem organizar o seu auto-sustento nem fazerem funcionar o grupo de observação. O oficial malaio em vão pedia reabastecimento, pois não o recebiam, não estando instaurado ainda o sistema e rede de abastecimento da ONU e faltando o avião que tivesse podido viabilizar e fazer chegar o abastecimento aéreo. O capacete azul, tendo pedido a ajuda que não se lhe dava e já trocado por alimento tudo o que havia para oferecer, não teve outra opção que não pegar no carro e avançar para uma missão impossível: conduzir por meia Angola até ao quartel-general de Luanda e aos berros fazer entender que já era de mais, que não se podia continuar daquela forma e que era urgente fazer alguma coisa. Atravessou rios sem pontes, estradas minadas e zonas de conflito, arriscando a vida. Em termos práticos, cumpriu uma missão impossível equivalente às maiores façanhas da história das explorações geográficas, um autêntico Amundsen numa viagem polar, sozinho e apenas acompanhado por uma sorte invulgar. Este episódio dá algumas pistas de interpretação para as dificuldades por que se passava na primeira fase da implementação da missão.

O major Nagy não ficou em Luanda, sendo sim colocado relativamente perto, a 70 quilómetros da capital, na localidade de Caxito. Ao princípio, ele era o único europeu no acampamento misto de observadores militares e policiais, onde serviam junto com ele colegas do Bangladesh, Jordânia, Índia, Malásia e Zimbabwe. Tratava-se dum contingente em que tanto militares como polícias ficavam alojados e executavam as suas tarefas operacionais, sendo o seu comandante sempre militar, no caso concreto um oficial indiano.

O acampamento abrangia uma área de responsabilidade que equivalia a metade da Hungria, ou um pouco menos, pois eram entre 36 e 38 mil quilómetros quadrados, em que a maioria das estradas estava intransitável, ou melhor, só troços delas foram poupados a uma destruição total, como sinistra consequência da guerra civil. Ao abandonar Luanda, foi-lhe entregue uma tenda e ficou advertido de que de

futuro devia dormir nela. No entanto, afortunadamente e graças às autoridades locais, foi-lhes logo consignado um edifício de pedra, que já anteriormente tinham utilizado para a mesma finalidade os observadores da ONU numa anterior missão falhada. Basicamente deixaram-lhes apenas o lugar, e isto mesmo no sentido estrito da palavra, pois em vez da janela encontraram apenas o seu espaço vazio, e em vez das portas apenas o lugar delas, num edifício meio arruinado e completamente vazio. Na localidade não havia electricidade, água ou qualquer serviço público comunal. Luz e electricidade obtinham-na por um gerador, e a água tinha que ser trazida dum rio que ficava a uns 35 quilómetros. Dia sim, dia não, era preciso ir buscá-la com um carro-cisterna para ficarem reabastecidos. Com uma pinguinha de exagero, não mais, poder-se-ia dizer que a tarefa principal da missão era encontrar um modo de sobrevivência, mas a verdade é que uma boa parte da energia era mesmo gasta em assegurar o mínimo de condições de vida. Fazer funcionar um obstinado gerador, mudar o óleo, adquirir o combustível do centro, todos estes eram trabalhos hercúleos. O combustível vinha em barris de 200 litros do armazém central, que nem sequer estava muito longe (em termos europeus), mas a ida e volta de 150 quilómetros levava horas e horas. O depósito dos carros enchia-se, de resto, com uma bomba manual.

Com o seu companheiro da Jordânia, Nagy era responsável por toda a logística: reuniam o dinheiro de que faziam as compras, e dos 10 dólares semanais por pessoa comprava-se alimentos colectivamente. Na missão, principalmente quando se trata de pontos de observação meio afastados de tudo, era costume geral montar esquemas comunitários de auto-sustento. Há um certo convívio maior do que a mera coexistência, pois viviam mesmo juntos, quer tivessem querido quer não. A falta de tolerância ou flexibilidade podia ter causado alguns conflitos bem feios. Felizmente que o major Nagy não tinha este feitio e era capaz de conviver com as pessoas mais diferentes numa harmonia exemplar. Quando empregamos o termo conviver, falamos de uma total comunhão de existência: os observadores compartilhavam os quartos, comiam da mesma panela, cozinhavam juntos e adquiriram os víveres também de forma conjunta. O polícia húngaro teve também companheiros búlgaros, nigerianos e um francês da Legião Estrangeira, além dos já mencionados, ou seja, tinham de ser respeitadas pelo menos três orientações culturais e religiosas: a muçulmana, a hindu e a cristã. A comunhão era tal que se cozinhava nas mesmas panelas e tachos, por todos se saberem mutuamente respeitados nas convicções religiosas que tinham e apreciados nas diferenças. Cumpriram a missão de modo que as compras não fossem motivo de fricção e de forma a que todos pudessem comer do mesmo prato feito. O frango comprado era comprovadamente “halal” e mostrado ao colega muçulmano, para este verificar a procedência e poder comê-lo. Houve uma única ocasião em que não encontraram o rótulo, e o oficial húngaro responsável pela compra sentiu-se incomodado. Mas não era preciso, pois o muçulmano agradeceu a escolha do frango por causa dele, escusando-se porém a comê-lo por faltar o abatimento ritual comprovado. Cozinhou outra coisa qualquer para si, sem uma palavra de queixa.



A comida era comprada no mercado local, sobretudo os vegetais, a um preço razoável. A inflação era muito grande, pois quando chegaram um dólar equivalia a 1.600 kwanzas. Convinha não fazer o câmbio de muito dinheiro, no máximo 50 dólares, para não ficar desvalorizado o valor do câmbio, cuja desvalorização só numa semana podia ser significativa. Depois foi introduzida a nova divisa do país, a nova kwanza, a que se chegava dividindo a antiga por mil. A inflação desta forma ficou mais ou menos consolidada. Tudo isto tinha que ser tido em consideração, pois as suas compras não podiam ser feitas em dólares no mercado. Uma outra fonte de abastecimento foi um supermercado da capital, onde havia produtos congelados. As suas compras também eram condicionadas pelo estado das estradas, tão más, aliás, que só podiam escolher duas direcções: ir para norte, para a cidade portuária de Ambriz, ou então para o sul, para Luanda. As outras direcções eram, por um lado, intransitáveis, e por outro, mais grave ainda, estavam minadas. Uma vez receberam a ordem do centro para entrar em contacto com as autoridades locais de Muxaluando, que estavam a uns bons cem quilómetros. Foram num jipe Nissan Patrol 4x4, e foi por um triz que depois não tiveram que pagar eles a sua reparação. Avariou-se a embraiagem e os pneus foram furados por invólucros de cartucho. Os furos não foram por causa de pregos, mas sim por invólucros de munições, já que os cartuchos utilizados eram tantos que não podiam ter evitado o furo, pois tinham que passar por antigos campos de batalha abandonados. As próprias bermas da estrada não passavam de autênticos cemitérios de viaturas, de toda uma unidade de sapadores, com balas até aos calcanhares. As manobras eram para ultrapassar carros minados e explodidos, mas depois tornou-se impossível continuar. O último troço deste arriscado caminho só o puderam percorrer com a ajuda do exército local: foram rebocados por um camião e seguiram por sendeiro de selva dentro. As rodas do jipe não pisavam a terra, deslizando sim na própria estrutura do chassi, porque a estrada estava feita uma fossa bem profunda. Tudo isto já noite escura, o camião sem luz, só iluminando o caminho os faróis do carro rebocado dos observadores.

Durante o trabalho, o ponto mais problemático era a barreira linguística, pois não havia entre eles ninguém que falasse suficientemente português para se entender a sério com a população local. Entre esta também não havia praticamente ninguém que falasse por seu turno inglês, e os mais cultos o que mais falavam era o francês. Encontraram apenas uma única pessoa nas proximidades de quem podiam valer-se como intérprete ocasional, um indivíduo empregado na autarquia local por 8 dólares mensais. (A título de comparação, por esta quantia compravam-se 8 quilos de açúcar, por exemplo.) O “empréstimo” desta pessoa resultou numa limitada e temporária solução. Um efeito a médio prazo foi os observadores de paz se terem empenhado a estudar português, sempre numa sua “versão ligeira”. O major Nagy podia desenrascar-se algumas vezes através do russo, sobretudo quando estava colocado em regiões dominadas pelas forças do governo MPLA. A razão era muito simples e prendia-se com a ajuda recebida de lá. Inversamente, junto da UNITA, onde se recebia um treino militar ocidental, muitas vezes na França, era o francês

que mais se falava pelos oficiais da UNITA, e surpreendentemente bem aliás. Em último recurso, os gestos estavam sempre ao alcance da mão.

O abastecimento de água potável revelou-se altamente satisfatório, já que do acampamento de abastecimento central, onde funcionava uma estação de filtragem de água, recebiam água para beber em embalagens de plástico de 5 ou 10 litros. A água aí não foi responsável por nenhuma doença, era pura e de absoluta confiança, por causa duma possibilidade de filtragem cerâmica. Este não era o caso em outros pontos de observação, onde a água era tirada de rios, causando não poucas doenças. Angola é extremamente rica em ouro, diamantes, bauxite, mercúrio, cobre, chumbo, etc., minérios que em minúsculas micropartículas diluídas nas águas dos rios, que os levavam para as camadas de águas superficiais, eram a causa de muitas doenças, pois tanto os observadores como os locais se serviam destas águas para beber. No sangue dum dos polícias húngaros foi encontrada uma concentração tão alta destes metais pesados, que ultrapassava umas doze vezes o padrão base permitido. É claro que tal ocorrência foi verificada muito depois, já regressado à Hungria. Os rios eram aproveitados para tomarem banho, mas só passaram a tomar precauções mínimas quando um observador holandês foi atacado por um crocodilo. Caso atípico, aliás, pois a sinistralidade rodoviária era de longe a maior causa de perdas humanas. Além disso, era a malária a causa de bastantes mortes. No contingente policial húngaro não havia ninguém que não tivesse passado por ela. Houve um caso quando isto aconteceu três vezes seguidas, e como não havia medicamentos para curar a doença, o indivíduo foi mandado para casa. Naturalmente que os médicos disseram que um quarto eventual ataque o teria podido vitimar, tratando-se duma malária resistente. Praticamente ninguém foi poupado à malária no contingente policial húngaro, pese as advertências, os avisos, a preparação e uma disciplinada atitude de prevenção. Do ponto de vista médico, estavam muito bem informados, o que se associava a uma adequada prevenção pessoal. Mesmo assim, foi impossível fugir à malária.

Durante a sua preparação, os observadores húngaros foram influenciados pela opinião perita de médicos especialistas acerca das vantagens do Lariam, um medicamento suíço, de que fora abastecido o participante húngaro, pois julgavam ser este o melhor medicamento. Tinha que ser tomado um comprimido por semana com carácter preventivo, e numa dosagem cíclica de 3-2-1 comprimidos caso se tivesse já contraído a doença. A opinião médica da ONU era por seu turno diferente, pois em sua alternativa o que se promovia era o uso da Doxyciclina, que devia ser tomada diariamente. Tratava-se de uma guerra interminável... e académica. Os húngaros preveniam-se com Lariam, enquanto em Angola se preferia a Doxyciclina. Ambos tinham efeitos secundários, pois sabia-se que a Doxyciclina praticamente matava a flora intestinal, enquanto o Lariam prejudicava os rins, além de poder ser

causa de delírios. Resumindo, os policiais húngaros achavam que, face a tais circunstâncias, preferiam contribuir para a saúde pública da população local, a quem doaram os seus medicamentos, intensificando o uso de repelentes para se prevenirem contra os mosquitos. Com o fim da tarde, punham camisas de manga comprida e calças também compridas, pese o calor de 30 graus, e fechavam as janelas, para provocarem uma sauna interior de 40 graus. E acima de tudo não se cansavam de se defender, aplicando químicos e repelentes, principalmente nos espaços que não estavam tapados, como a região do pescoço, face e mãos. O major Nagy foi poupado durante 9 meses, mas no fim do seu serviço acabou por apanhar também a malária.

A malária tem três variantes padrão principais, conhecidas como *falciparum*, *vivax* e mais uma terceira. O que apanhou o major Nagy era o *falciparum*, a variante mais leve dos tipos mencionados. Pode dizer-se que precisou de três dias para ficar minimamente recuperado. Foi curado por médicos militares romenos no hospital destes, onde recebeu um tratamento farmacêutico por infusão. Estava mesmo mal: perdia os sentidos, tinha ataques de febre, um mal-estar generalizado, vômitos, diarreia, e sobretudo uma imensa fraqueza. O polícia húngaro só pode usar termos superlativos para qualificar o empenho e o relacionamento para com ele demonstrados pelos médicos militares romenos. Foram afáveis e delicados, além de eficientes, pois curaram-no em três dias. Ficar hospitalizado é fonte de experiências e aventuras: a sala era uma tenda de paredes abertas com seis camas, com seis doentes de seis nacionalidades. Os outros já estavam melhor do que ele, quando acabou por recuperar os sentidos. A propósito disto, lembra-se dum “enfermeiro” muito particular, um macaco que quis tirar-lhe a todo custo a infusão. Uma vez que o conseguira com o soldado indiano ao lado, pensou que valia a pena voltar a tentar a façanha. Tratava-se, como depois veio a saber, dum macaquinho que era o animal de estimação duma enfermeira assistente.

Os policiais que serviam na missão observavam em primeiro lugar as manobras militares e os movimentos das unidades numa operação, sobre a qual passavam os seus relatórios. Visitas ao posto da polícia local e o relacionamento com os polícias angolanos também faziam parte das suas tarefas. Era pouca a actividade e de alguma monotonia, sendo que na maioria das vezes estavam fechados no edifício que ocupavam e poucas vezes conseguiam sair, sobretudo aqueles que estavam mesmo fisicamente impossibilitados de o fazer, como foi o caso do posto de Kafunfo, onde prestava serviço um outro polícia húngaro, Tivadar Borszéki. Cada vez que tentavam sair, a resposta era uma rajada de tiros. O baptismo de fogo foi logo à chegada, pois aterrado o avião, a UNITA abriu fogo intenso, de forma que os pilotos russos nem sequer pararam, mas sim voltaram a tentar, embora a UNITA sempre encontrasse modo de os expulsar “aos pontapés”, juntamente com as suas bagagens e equipamentos. Esta parecia ser uma prática recorrente e rotineira. Os homens da UNITA continuaram a disparar sobre o aeroporto por uma boa meia hora, enquanto os observadores desarmados ficavam

escondidos numa fossa, na berma da estrada. Só depois é que arriscaram ocupar o seu edifício, tomando posse dos seus aposentos, cuja parede que dava para onde estavam as forças da UNITA se encontrava meio arruinada pelos efeitos das balas destinadas a discipliná-los. Não era esta portanto a porta de saída mais habitual e utilizada... Havia também casos de pontos de observação muito diferentes deste, instalados no meio do deserto, onde não havia gente com que os observadores se cruzassem. Por falar em cruzar-se, os cruzamentos de importantes vias de comunicação eram também ocupados prioritariamente para efectuar a tarefa de observação, sendo os mais indicados para reconhecer os movimentos de tropas. Um outro polícia húngaro, Attila Adorján, prestava serviço junto da fronteira da Namíbia, a uns 1.300 quilómetros de Luanda, num posto de observação que só podia ser apoiado por logística aérea. Esta podia faltar, como daquela vez quando Attila e mais dois colegas seus foram à Namíbia para se abastecerem, pois estavam já em apuros e escassez máxima no que diz respeito a víveres. Tiveram pouca sorte, pois as autoridades prenderam-nos e transportaram-nos para Windhoek. Não foi pouca a complicação diplomática para conseguir tirá-los daí, pois só depois de vários dias de intensa negociação é que foram entregues aos representantes da ONU. Em suma, as condições não eram sempre muito favoráveis para o exercício clássico do trabalho. A improvisação fazia parte dos recursos diários do major Nagy e seus colegas.

O campo do oficial policial húngaro, que se encontrava numa zona próxima de Luanda ocupada e controlada pelas tropas do governo, podia considerar-se pacífico e vantajoso. A própria proximidade da capital impunha paradoxalmente uma tarefa acrescida aos que aí serviam: controlar as forças policiais especiais que funcionavam em Luanda. Tratava-se de um corpo especial muito bem equipado e particularmente bem treinado, não só altamente profissional como de grande impacto, pois era uma força de repressão de primeira linha e podia considerar-se um exército privado do governo daquele tempo. A tarefa dos observadores consistia em verificar o número de seus elementos, observar a sua actividade e velar um pouco pela sua actuação. Passados os primeiros seis meses do serviço, o major Nagy devia mudar para um outro ponto de observação, mas acontece que precisamente aí havia um seu colega húngaro que queria ficar lá, e Nagy aceitou de bom grado a proposta de, em vez de trocarem de colocação, cada um ficar no seu primeiro posto. Tal procedimento não era nada usual, pois regra geral os participantes policiais da missão eram mudados e colocados em turnos semestrais. Desta forma, os que ficavam num posto particularmente mau beneficiavam depois duma colocação mais “civilizada”. Com esta troca, o nosso protagonista Nagy foi favorecido, pois tinha acesso à capital sem ter que recorrer ao avião, guiando poucas horas, o que era de todas as formas vantajoso. Por outro lado, estava habituado a Caxito, onde se sentia bem.

Aqueles eram tempos assaz conturbados, já que as partes beligerantes estavam hostilizadas e mutuamente desconfiadas uma da outra, tendo fracassado um anterior acordo quase realizado, que fizera antever a paz, e desembocando o

processo iniciado em nova e sangrenta chacina. A ONU era incapaz de criar ou gerir uma paz, bem pelo contrário, pois por uns tempos teve que abandonar também ela o país, evacuando os seus observadores. Com severas e duras negociações é que se acabou por lograr que a organização mundial pudesse ter voltado ao país, para tentar ensaiar mais uma iniciativa, a qual também resultaria nula. As forças do governo só conseguiriam depois chegar a uma paz liquidando fisicamente o dirigente da UNITA, Jonas Savimbi, o seu adversário. Nesse momento ficou evidente para todos que a gigantesca luta de dois mundos terminara. Já não podia ser mistificado o que acontecia no país como uma luta de dois mundos e mundivisões, comunismo e capitalismo, podendo-se identificar as cúpulas dos beligerantes adversários com as respectivas vanguardas e representantes de um e outro campo ideológico. Em 1995 ficou claro e evidente que não se tratava, no caso de Angola, de outra coisa que não a crua realidade duma luta desenfreada pelo poder. O polícia húngaro também chegou a esta conclusão. Desapareceram estrelas e ideologias dum firmamento artificial pintado e fictício, para aparecerem à vista de todos, em tons nítidos e caracteres puros, figuras que se batiam pelo poder como meio para a obtenção das avultadas riquezas do país. A contenda só podia ser resolvida com força brutal, até uma das partes cair, sem que a ONU pudesse intervir na luta por via de uma reconciliação entre as partes.

Curiosamente, e pese em Angola se sentir constantemente exposto ao perigo, não foi desta vez, mas sim em missões posteriores, que enfrentou o risco de eventualmente perder a vida... Aqui não, apesar de ter encontrado um posto de serviço onde havia janelas, mas sem vidro ou grades, pelas quais tanto podiam ter entrado balas como pessoas. Foi este último caso o que lhe aconteceu. Acordou sob um olhar que o fitava na escuridão, ficando logo menos assustado quando lhe pediram apenas algum refresco. A adrenalina subia e não foi fácil habituar-se a um ambiente em que se ouviam tiroteios a pouca distância...

O oficial do corpo policial gostou de ter estado em Angola, pois esta terra continuava a excitá-lo e a ser para ele estranha, perigosa e ao mesmo tempo tão curiosa também. Foi lá que tirou uma importante conclusão: imerso numa civilização diferente, o convívio traz um profundo entendimento da mesma, mais e mais sincero de que quaisquer outras informações livrescas, de fontes oficiais. Parecia-lhe fascinante a herança local dos portugueses, o emaranhado do catolicismo e de certos elementos de crenças tribais ancestrais, num curioso sincretismo. Ou então a poligamia, como tal. A título de exemplo, Sebastião, o tradutor católico praticante, abriu-se uma vez e segredou-lhe um projecto íntimo seu: querer adquirir mais uma esposa no futuro previsível. Das suas palavras ficou evidente uma motivação mais económica do que sentimental, pois uma esposa não bastava para que a família pudesse funcionar e abastecer-se sem problemas. Precisava duma para tomar conta das crianças e cozinhar em casa, mas precisava também duma segunda para trazer a água e a lenha, bem como trabalhar na roça e produzir na horta os vegetais do sustento familiar. O homem mais tarde saía e entregava-se a uma boa

vida, passeando com desdém, seguido pelas esposas e apenas de catana na mão, enquanto elas andavam carregadas.

Este era aliás um espectáculo muito habitual. A mulher angolana com um pote de 20 litros na cabeça, uma criancinha atada ao colo, 10 quilos de lenha debaixo dos braços e uma catana entre os dentes, num doce equilíbrio, dois passos para diante, outro para trás, sem sombra de dúvida feliz, e literalmente sem sombra, num calor de 40 graus de temperatura. Uma fileira de mulheres assim era um cenário muito habitual.

Não muito longe donde estavam estacionados o major Nagy e os observadores, encontrava-se a funcionar um campo de refugiados, com uns dez mil refugiados a viver em condições de grande miséria. Passavam de boca em boca, contadas por colegas que serviam na Namíbia, histórias arrepiantes de horror, como a de ser costume deixar propositadamente no meio da estrada bebês para serem atropelados pelos observadores, para que se pudesse fazer chantagem com eles ou com a organização mundial, exigindo o pagamento de avultadas somas de indemnização. Esta história ficou de certa forma gravada na memória de Nagy, e provavelmente foi esta a razão por que conseguiu escapar a uma armadilha deste tipo. Acontece que o comandante interino do acampamento dos observadores, um polícia da cavalaria zimbabuano chamado Mandi, lhe deu instruções para ir buscar água ao rio com o camião-cisterna, porque a água era pouca. Estava já o major Nagy de volta do rio, quando, descendo uma encosta, na penumbra do entardecer, reparou que algo se mexia no meio do caminho. Pensava que seria um cão e achou que correria e desapareceria ao vê-lo chegar, mas não foi esse o caso, pois tratava-se dum bebé exposto na estrada. Apercebeu-se que se tratava de algo encenado e intencional quando viu gente amotinada nas duas bermas da estrada para verem, curiosos e imobilizados, o que é que se iria a passar. Graças a Deus que, quando se apercebeu desta situação, fez a manobra certa, inclinando o camião 45 graus e aguentando a carga de uma tonelada de peso, e deslizou evitando o simulacro fatal de atropelar o bebé inocente. Só Deus sabe as consequências que resultariam de uma falta da atenção. Um outro grande susto que levou teve a ver com uma situação ainda mais perigosa. Estavam a atravessar a selva profunda, quando se lhes apresenta um bando armado, tipo piratas espanhóis de outrora, com uma figura trajada de uniforme com requintes de botões e cordões dourados, mandando parar a viatura. A cara disforme berrando, os olhos enxutos de sangue do ébrio chefe dos esquisitos bandidos, com os seus homens agitando as armas para não os deixar passar, estes eram enfim presságios de tudo menos de algo bom e agradável. Chegou realmente a visualizar uma chacina. Foi este o momento quando se levantou do assento traseiro da viatura o oficial de contacto do MPLA, cuja aparição conseguiu parar a delirante multidão agressiva. O chefe do bando, com passos de honra e o respeito dum humilhado, fez continência e apresentou-se junto do oficial, com rigor marcial, entre pompas e honras oficiosas, de alto grau de requinte. Ficou esclarecida – e salva – a assustadora situação pelo “nosso” bom tenente-coronel acompanhante.



Quando se soube que o irmão do tradutor Sebastião estava também entre os indivíduos armados, foi até feito o convite para dividir com eles a sua porção do jantar. Mesmo assim, os episódios mencionados não eram nada vulgares naquela região, onde o major Nagy prestou o seu serviço mais ou menos tranquilamente, pois a relativa proximidade da capital traduziu-se numa forma geral num ambiente mais calmo.

Mas sempre há momentos de excepção. O polícia húngaro estava ensinado e instruído para ponderar pouco se alguém estivesse a apontar a arma sobre ele, quando ao volante a conduzir. Se havia uma mínima chance para poder passar, a regra era acelerar em vez de parar. O seguinte caso porém não foi nada usual. Na capital, onde costumava passar mais frequentemente a caravana de carros do presidente, havia sempre uma grande preparação por parte dos corpos especiais, ora policiais ora militares, que asseguravam a passagem segura destas viaturas, parando o resto do trânsito. As unidades especiais de batedores iam afastando os outros carros para as estreitas bermas das estradas e faziam os motoristas parar o motor. Numa destas ocasiões, salta-lhe de repente para a frente, numa curva, um efectivo armado, e ele, guiado pelo automatismo, acelera ainda mais, conforme instruído. Ainda bem que teve uma fracção de segundo para dar-se conta de que estava a passar-se a mesma coisa com os carros que iam em sentido contrário, pelo que tratar-se-ia numa situação de asseguramento do itinerário da caravana presidencial. Estando o major apenas a cumprir uma regra básica do treino de instrução, foi por um triz que não atropelou o polícia angolano, que sem saber apontava a arma para um colega,

Pese estas situações embaraçosas, o observador da paz húngaro está ciente de que tem uma lembrança que nunca trocaria pela de ninguém. Viu muitas curiosidades e teve experiências nunca antes imaginadas, ou seja, novos saberes e amplos conhecimentos, neste ano de serviço que, por outro lado, correspondeu a um exílio voluntariamente querido e assumido. É que manter o contacto com a sua família era mesmo muito difícil. Teve direito a umas férias de três semanas, e só isso funcionou, pois ainda não havia Internet, se bem que houvesse nos gabinetes do campo central da ONU telefones por satélite. Usá-los equivalia porém a gastar em poucos minutos o que se ganhava em meses. Por estas razões, preferia-se a carta, mas manter uma correspondência àquela distância significava semanas de espera para uma demorada troca das cartas.

O regresso também já não tardou tanto assim, mas regressado à Hungria não foi recebido com fanfarras, louros ou louvores, ou mesmo com uma irreprimível alegria por parte das pessoas em casa. Acontece que o grupo original dos quinze polícias húngaros ficou reduzido a dez que conseguiram completar o seu ano de serviço. As razões foram muitas e diversas, maioritariamente eram as doenças que criavam esta situação, mas muitos opinaram que foi manchada a honra do corpo policial pelos que regressaram a casa. Ele discordava, mas de qualquer forma é

inegável o facto de um terço dos participantes da missão, por uma razão ou outra, não terem cumprido até o fim o seu compromisso, desistindo. Problemas de saúde ou com a língua inglesa puderam ter contribuído para esta fraqueza, mas essencialmente foi a malária a obrigar a saírem do sistema, sendo que o próprio trauma do cenário da guerra, ou seja, a pressão que reinava numa missão, também contribuiu a sua quota-parte. O major Nagy não é portanto da opinião de que foi uma vergonha o que se passou. Os participantes na missão de outros países também apresentavam índices semelhantes e não toleravam melhor as circunstâncias. Mesmo assim, e até por isso, foram chamados a passar a sua experiência pessoal durante a preparação dos grupos que os seguiram, para desta forma facilitar que lidassem com aquilo que os esperava. A polícia, precedendo e tomando a dianteira em relação ao exército, enfatizou que não se perdesse o *know-how* e experiência adquiridos no serviço da missão. Estas vivências foram sendo incorporadas na preparação. Houve portanto uma louvável utilização, sistematização e mesmo transmissão deste saber e experiência aplicados.

### **O tenente-coronel engenheiro Kovács Tibor**

Em 1991, estava a dar aulas na Escola Superior Militar Kossuth Lajos, como chefe do Departamento de Blindados, quando apresentou a sua candidatura para integrar a missão UNAVEM, na qual foi bastante simples ficar admitido, dado o limitado número de oficiais húngaros que eram versados em inglês. Foi esta a razão pela qual logo depois a direcção do exército resolveu organizar cursos, onde suficiente número de oficiais aprendeu esta língua com relativa rapidez. Em 1991, o Departamento de Recursos Humanos do CEMFA pretendia reunir um número suficiente de oficiais que dominava já esta língua, visando a sua integração em missões de paz, tendo já contado com Kovács Tibor, tenente-coronel naquele tempo. Depois houve um processo de selecção propriamente dito, testando a capacidade linguística e aptidão física. Fechado o processo, foi incluído no primeiro grupo daqueles que seguiram para Angola para participar nas operações da UNAVEM II. Importa salientar todavia que o recrutamento para a integração nas missões de paz baseava-se no voluntariado, ou seja, sempre havia a necessidade de todos os candidatos apresentarem as suas candidaturas para serem seleccionados e destacados para os respectivos novos postos.

A preparação para a missão teve lugar na base do HIEK do HM, com a participação de oficiais que tinham tido uma experiência prévia em missões e de peritos oriundos de diversas origens, como por exemplo o Ministério dos Negócios Estrangeiros. O Exército Húngaro não contava ainda com experiências directamente colhidas em África, e pretendia-se então colmatar esta lacuna com experiências de

diplomatas que tivessem passado eles próprios tempo na região. Foram eles os responsáveis pelas palestras com informações sobre o país, enquanto os militares forneciam detalhes sobre os procedimentos da ONU. O grupo teve a sorte de integrar nas suas fileiras dois oficiais na reserva e peritos do MNE, sendo que um deles tinha pouco antes servido na nossa embaixada na capital de Angola, Luanda, pelo que tinha um conhecimento e experiência recentes sobre o local, onde voltaria a prestar o seu serviço. No começo de Agosto de 1991, partiram os primeiros cinco membros do contingente húngaro, ao passo que os restantes dez participantes húngaros da missão – incluindo o tenente-coronel Kovács -, ficaram à espera da sua saída, prevista para finais de Agosto, a qual se tinha atrasado por causa da demora na chegada das suas passagens aéreas de Nova Iorque. A saída foi portanto adiada para o início de Setembro.

Os observadores de paz húngaros foram recebidos no aeroporto e levados ao quartel-general da ONU instalado na “Villa Espa”, uma mansão portuguesa com um parque à sua volta, onde estavam já montados as tendas e os contentores em que eram alojados os observadores recém-chegados. Era neste alto comando que se procedia à sua instrução, orientação e distribuição para os diferentes pontos de observação. A preparação específica durava três dias, sendo aí reforçados os seus conhecimentos sobre o procedimento da ONU e fornecidas informações actualizadas sobre a situação em Angola. Foram verificados os seus equipamentos e vacinação, de modo a receberem no último dia a folha de distribuição dos serviços, especificando o lugar onde deviam começá-los. O contingente dos húngaros, composto por 15 oficiais, tinha por comandante o tenente-coronel Török László, que perdeu a sua vida numa posterior missão da ONU na Geórgia. Ele tinha chegado no grupo dos primeiros cinco oficiais, que voltaram depois para a Hungria em Março de 1992, altura a partir da qual coube ao tenente-coronel Kovács assumir a função de comandante do contingente húngaro. Estes 15 oficiais, seguindo a prática habitual da ONU, foram sendo distribuídos de forma a, regra geral e preferencialmente, nunca servirem juntos dois observadores da mesma nação. O primeiro posto onde foi colocado Kovács era uma aldeia de pescadores, Cabo Ledo, a uns 100 quilómetros de Luanda. A ONU montou aí um ponto de observação composto por dois elementos, ele e um outro oficial holandês. Importa ficar assinalado que os dois, que pertenciam a dois blocos militares outrora hostis um em relação ao outro, a saber, a NATO e o Pacto de Varsóvia, rapidamente puderam conhecer-se, reconhecer o valor um do outro, e apreciar mutuamente os seus conhecimentos e preparação. Os cubanos tinham construído nesta localidade, já no final da guerra, um aeroporto com uma enorme pista de aterragem, de vários quilómetros: era isto que o grupo tinha por tarefa observar. Tinham instalado ali o seu aeroporto, ao pé duma aldeia piscatória, afastados de tudo, num litoral distante, para que se pudesse isolar melhor do que o de Luanda, onde a observação do movimento era mais fácil por parte dos rebeldes. Deste modo, tinham conseguido esconder melhor o material bélico e equipamentos trazidos. Mas quando as obras foram concluídas, os cubanos já praticamente tiveram que retirar-se de Angola. Os

observadores tinham que controlar precisamente isso, porque mesmo as forças do governo também só podiam utilizar esta instalação com uma licença prévia especial. O ponto principal, que vertebrava todo o acordo de paz assinado em 1991, era que as partes beligerantes, as forças do governo e da UNITA, tinham que ficar paradas onde estavam no momento da assinatura do acordo, devendo ficar aí estacionadas. Desta forma distinguiram-se zonas que eram ocupadas pelas forças do governo e zonas ocupadas pelas forças da UNITA, a sua oposição, dirigidas por Jonas Savimbi. Este aeroporto estava nas mãos das forças do governo. Tinha havido uma anterior cooperação entre as duas partes, mas multiplicavam-se os sinais de que tal atitude conservar-se-ia apenas até ao limite dos seus interesses. O ponto mais embaraçoso era Jonas Savimbi, que acreditava firmemente que poderia ser ele a assumir o poder, e não o seu adversário, facto que não aconteceu, porque os resultados da eleição não o permitiram. A UNITA voltou então a lutar contra o governo, luta que em última instância só acabou quando, muitos anos depois, as forças governamentais puderam eliminá-lo.

Os pontos avançados de observação, que tinham a tarefa de verificarem todo o desenrolar do processo da paz, a reunião das tropas e o recolhimento das armas, eram compostos por um delegado de cada uma das partes. Curiosamente não se procedia à destruição das armas supérfluas, o que mais tarde se revelou ser uma decisão errada. As armas armazenadas eram guardadas pelas unidades que as possuíam anteriormente, sendo a sua quantidade verificada pelos observadores internacionais da ONU mediante uma contagem semanal. Com o reacendimento das hostilidades, as unidades simplesmente tiraram o cadeado e pegaram nestas armas para entrar em combate. Esta experiência valeu para a ONU, a partir daí, sempre pretender, quando possível, a destruição das armas nas suas operações de apoio da paz, sendo a excepção as armas que seriam depois utilizadas pelas unidades conjuntas das partes pacificadas. O seguinte e curioso episódio demonstra a predisposição das partes para colaborar no processo. A primeira coisa que faziam os observadores, logo depois de chegarem, era irem ter com o comandante local do aeroporto, onde servia um número bastante reduzido de efectivos, antigamente incumbidos de guardarem a instalação. Durante a primeira reunião dos delegados do ponto avançado da observação, foi decidido que entabuariam um diálogo para debaterem o funcionamento do processo da observação, onde é que os observadores seriam colocados, etc. A reunião começou e foi-se tornando cada vez mais esquisita aos olhos do tenente-coronel Kovács, pois o chefe dos dois delegados da UNITA estava calado que nem uma pedra. Kovács, através do intérprete, perguntou-lhe se concordava com aquilo que fora exposto. Continuou calado, sem responder. Então voltou a ser-lhe perguntado qual era o seu problema, pois se tinha ficado decidido ser convocada uma reunião para estas questões, altura em que não houve nenhuma objecção da sua parte, porque continuava ele mudo? A reunião estava condenada ao fracasso por causa desta atitude. O oficial húngaro decidiu nesse momento fazer um intervalo para dirigir-se-lhe a sós. Saíram e perguntou o que é que se passava. Ele perguntou se não tinha visto a pistola à cintura do comandante do aeroporto, que

participava na reunião, e que um observador internacional deveria saber que não podia portar armas. Respondeu-lhe ter visto, claro, e explicou-lhe que, segundo o acordo assinado, os militares não podiam portar armas, à excepção do comandante da unidade, que tem direito a andar com a sua pistola, sendo por isso que o comandante do aeroporto pôde entrar na reunião armado. O observador húngaro fez-lhe lembrar que se tratava de algo estipulado pelo acordo, pelo que não havia qualquer problema. O outro replicou que temia que, caso discordasse de algo que fosse proposto pelo comandante, a primeira coisa que este faria era matá-lo a tiro. De nada valeu explicar que, se o comandante apenas e tão só lhe apontasse a pistola, sem dar um tiro, este acto em si bastaria para provocar um escândalo internacional. Finalmente e aos poucos se foi convencendo, e foi possível, desta forma, continuarem a sua reunião. Esta é apenas uma achega, mas exemplar e demonstrativa para se perceber o grau de desconfiança, de ressentimento e de ódio que se criou ao longo da sangrenta guerra civil de décadas entre as partes envolvidas no conflito.

O relacionamento dos observadores com os soldados do governo estacionados no aeroporto era excelente, recebiam muita ajuda deles, que da sua parte também retribuía na medida do possível. Nos anos que se seguiram à guerra civil, o maior problema era o abastecimento de comida. Os observadores eram oficialmente auto-sustentáveis, pois deviam pagar o custo da sua alimentação da diária que recebiam para o efeito da parte da ONU. Neste caso, tratava-se porém duma aldeia tão pequena, que não dava praticamente para comprar nada lá. A ONU tinha pretendido ajudar da seguinte forma. Fazia-se-lhe chegar o que se pretendia comprar e ela levava o alimento de que ficara encarregada de comprar, na maioria dos casos na Namíbia, aos capacetes azuis no respectivo ponto de observação, por mais minúsculo e distante que fosse. Em Cabo Ledo, a única coisa que se podia comprar no mercado era peixe. Desta forma, era a ONU que os abastecia de tudo, sendo o valor descontado do vencimento que os observadores recebiam. O transporte dos produtos era semanal e realizado por aviões AN 26 e Hércules, em voos realizados para os seis quartéis-generais regionais, que faziam a distribuição por helicóptero nos campos mais distantes, para ficarem os pontos de observação avançados reabastecidos do que necessitavam os observadores. De resto, o abastecimento de víveres era melhor nas zonas controladas pelas forças do governo, ou seja, neste caso era mais fácil o auto-sustento alimentar relativamente a certos artigos a que se tinha acesso aí, e que se podiam comprar lá. No caso concreto, o relacionamento com a população local era impecável, e o oficial húngaro e o holandês iam comprar peixe fresco na praia directamente. O seu passeio até à praia, logo de manhã, coincidia com a chegada dos pescadores do mar, a quem se lhes compravam magníficos peixes. O tenente-coronel nunca na vida comeu tanto peixe como em Angola. Por muito agradável que tivesse sido este posto, foi aqui que se confrontou pela primeira vez com o perigo de perder a vida. Na sua preparação instrutiva, foi explicado aos observadores que gozavam de livre movimento e beneficiavam da chamada protecção diplomática. Numa ocasião, o oficial húngaro e

o colega holandês tiveram de ir apresentar o seu relatório no quartel-general da missão. Seguiam numa viatura branca da ONU, com todos os sinais oficiais requeridos, devidamente visíveis e evidentes, para poderem ser facilmente identificados. Chegaram a um posto de controlo montado pela polícia angolana, que funcionava nas proximidades de Luanda, para fazer a filtragem daqueles que se dirigiam para a capital. Os dois observadores tencionavam atravessar este posto. A passagem na sua faixa estava vedada, com polícias armados à frente, e o oficial húngaro disse ao seu colega holandês que estava ao volante para desacelerar um pouco, para a viatura poder ser identificada facilmente e os deixarem passar sem qualquer procedimento, e também para verem que eles, observadores, eram gente que respeita as regras. O holandês, por seu turno, pensava que estavam “acima de qualquer lei” e que podiam passar como quisessem, tendo até acelerado. Afortunadamente, não estava disposta uma tábua de madeira com pregos ou uma corrente, e assim puderam passar. Mas os polícias tiraram do ombro as suas metralhadoras, carregadas e prontas para disparar. Graças a Deus, alguém teve olho de lince, pois reconheceram que se tratava duma matrícula da ONU e acabaram por não disparar. O susto que apanharam... O oficial húngaro tinha tentado explicar ao seu colega holandês que o sistema não funcionava assim, porque se alguém tivesse a reacção mais rápida nos dedos do que na cabeça, os dois já estavam mortos...

A instalação dos observadores em Cabo Ledo era um sólido edifício, um antigo armazém e depósito usado anteriormente pelos cubanos, de que isolavam um espaço para cada um deles. Diga-se de passagem que se encontravam entre os mais afortunados, pois a maioria dos seus colegas estava alojada em choças de palha, que não ofereciam nem um nível de conforto nem uma defesa comparável à deles. Quando o tenente-coronel Kovács esteve colocado no seu segundo posto, ainda via estas choças em Mussende, mas já pouco a pouco estavam instaladas tendas climatizadas em todos os campos dos observadores, as quais ofereciam um conforto maior. Dadas estas diferenças entre as condições de vida e de serviço, a chefia da missão fazia rodar os observadores periodicamente de três em três ou de quatro em quatro meses. O sistema estava assente na divisão dos postos de serviço em três categorias, a saber A, B ou C, que diferiam no grau de conforto e de qualidade de vida. Os que funcionavam nas grandes cidades, com bom alojamento e boa qualidade de abastecimento, eram classificados de “A”, enquanto os que funcionavam muito longe e com problemas no abastecimento pertenciam à categoria “C”. Os casos intermédios eram os “B”. O critério da ordem de colocação que estava a ser rigorosamente seguido era que um observador que tivesse servido num ponto de observação “A”, seria depois colocado num campo classificado como “B” ou “C”, e vice-versa. Cabo Ledo era considerado um campo “A”, dada a proximidade de Luanda e do aeroporto, e desta feição o oficial húngaro acabou depois por ficar colocado numa zona controlada pelas forças da UNITA, num campo “C” em Mussende.



Perto de Mussende, no campo extremamente bem montado da UNITA, o comandante mantinha uma ordem incrivelmente rigorosa. O problema mais grave residia no facto de as estradas terem sido minadas com o mesmo rigor. Havia na selva uma clareira onde foram montadas as tendas militares habitacionais do campo da ONU e que distava do campo da UNITA dois quilómetros. Só que ao redor tudo estava minado, à excepção do caminho que levava à base da UNITA. De facto, como estavam isolados pelas minas, todo o abastecimento vinha por helicóptero. Saírem dali, nem pensar. É que não se podia mesmo, pois o campo de minas anteriormente instalado pela UNITA, com base no acordo, só deveria ficar desminado um mês depois, o que de facto ocorreu, abrindo mais um caminho para poderem ir fazer compras à localidade vizinha. O papel do coronel engenheiro consistia em visitar semanalmente o campo da UNITA, contar as armas, lavar as actas e enviar o seu relatório sobre o estado das coisas. As armas foram depositadas nos paióis (com excepção das do comandante), situação que os observadores da ONU iam inspeccionando periodicamente. O número das armas e dos efectivos constava numa lista em que os números estavam registados. É claro que tudo batia sempre certo, mas evidentemente saíam para caçar, muito embora houvesse uma proibição total de o fazerem ou usarem armas (além de que em princípio estas nem sequer existiam, a não ser que fechadas). Das duas uma, ou abriam o depósito ou as tinham escondidas, e nenhum dos casos ia particularmente ao encontro dos interesses dos observadores... Onde os soldados da ONU estavam instalados mais perto, talvez se pudesse evitar o roubo de armas dos respectivos armazéns. Mas diga-se também de passagem que, em abono da verdade, no caso de uma organização de resistência, teria sido difícil comprovar a procedência da arma, se tirada ao inimigo ou se resultado de uma violação do embargo e de aquisição ilegal. Ficou posteriormente comprovado que, tanto no caso de Angola como no de Moçambique, havia depósitos, armazéns e paióis escondidos na selva, de que ninguém sabia. Os capacetes azuis não podiam ir dar passeios para a selva, pois nunca se sabia quando um deles seria rebentado por uma mina, ou seja, as armas ficaram lá no meio da selva. Além destas circunstâncias, também não se podia ter procedido contrariamente, já que os observadores tinham uma actuação clássica, ou seja, prestavam um serviço desarmados, o que desaconselhava vivamente outra postura. Embora naquele tempo o desarmamento e o registo dos efectivos estivessem na ordem do dia, o processo avançava assaz lento, tal como a criação das forças armadas unificadas, prolongando-se tudo até as eleições. Por outras palavras, todos esperavam para ver o que se ia passar. Esta era também uma espera esperçada por parte da ONU, que acreditava que depois das eleições as coisas iam acelerar, sendo criado o novo exército mediante a integração das duas forças. Embora tenha havido um consenso entre as partes envolvidas, por todo este tempo mantinha-se e reinava um espírito de desconfiança geral.

Embora esta desconfiança não se estendesse àqueles que apoiavam a paz como observadores desarmados, estes também não estavam na situação de “observarem” mais do que era consentido verem. Não é que não tenham tentado, a

questão é que não lhes era fisicamente viável saírem do campo. Minas são minas, o que não lhes dava grande raio de acção. Em Cabo Ledo, os observadores tinham contacto com a população local. Lá, por exemplo, o presidente da câmara, que era simultaneamente o maior proprietário de barcos de pesca da localidade, convidava-os para jantarem na sua casa, onde comiam peixe grelhado. Mostrou-lhes as sequelas duma rajada de metralhadora no tecto da sua sala de estar e contou-lhes que, durante a guerra civil, uma unidade da UNITA conseguira avançar mesmo até aí, o que era considerado uma grande bravura militar. De noite confiscaram carros e foi nestes que vieram para atacarem a aldeia e o aeroporto. Os rebeldes quiseram sacar-lhes informações, mas como o mandatário da terra não quis colaborar, o chefe daquele grupo disparou para o tecto. Quando o oficial húngaro chegou a Mussende, o comandante da unidade da UNITA de aí perguntou-lhe donde vinha, qual tinha sido o seu posto anterior. Disse ter estado em Cabo Ledo, ao que o comandante respondeu que conhecia, pois ele e os seus tinham passado por aí. Certo, passaram sim, respondeu o tenente-coronel Kovács, pois vi o efeito que as suas balas deixaram num tecto lá. Que balas?, perguntou o comandante, sem perceber. Pois o comandante daquela unidade, quando passaram por lá, fez uma rajada no tecto. Foram as balas da sua AK que eu vi... O comandante ficou boquiaberto, e o seu espanto significava que o observador húngaro começava a ser visto de forma diferente: possuía sobre ele uma informação que não lhe tinha contado ele próprio. Um outro motivo para o respeito geral para com ele resultou do seu conhecimento de armas. Numa certa ocasião, foram-lhe mostradas umas armas que, por informação, eram inutilizáveis, pois eram não mais que uma estrutura. Pediu licença para fazer uma demonstração, pegou numa AK, fechou os olhos e de olhos fechados desmontou e voltou a montar a metralhadora. Nunca mais foi desafiado no que dissesse respeito a armas. Neste campo serviam cinco observadores – um norueguês, um brasileiro, um indiano, um nigeriano e o nosso oficial – em condições muito melhores do que os do grupo anterior, pois viviam numas tendas canadianas, então instaladas, podendo abandonar as choças tradicionais. É claro que havia problemas que subsistiam, como era o caso dos escorpiões. A regra básica em relação aos escorpiões era ter uma atenção especial logo de manhã: ao acordar e antes de pôr as botas, devia-se verificar se não se teria metido lá um, brincadeira usual do bicho. Por outro lado, o positivo, não havia serpentes ou outro animal no campo, embora a voz de alguns animais selvagens pudesse ser ouvida e distinguida claramente. Neste campo, por maioria da patente, já desempenhava a função de comandante do grupo, boa iniciação para experiências futuras, pois viria ainda a ser também destacado como comandante do contingente dos observadores húngaros.

A sua colocação seguinte calhou levá-lo ao sector de Huambo, na localidade de Ngove. O quartel-general funcionava em Huambo, antiga capital de Angola. A 1.000 metros de altitude, situa-se no planalto central angolano, pelo que desfruta dum clima ameno. Ao passo que Luanda tem um clima tropical com humidade, ali sentia-se em casa. Só não havia neve, mas o clima era muito familiar. Não era terra de malária, como Cabo Ledo, onde teve os primeiros dois ataques, a

que se somaram mais quatro ainda, numa missão posterior, razão pela qual pode justamente considerar-se como “perito em assuntos de malária”. A gente pode prevenir-se e tomar os medicamentos – argumenta –, mas é como uma vacinação contra a gripe, apanha-se na mesma, sendo mais suave a sua progressão. Muitas vezes reconhece-se pelas particularidades dos sintomas característicos, mas está “inscrita” até no olhar, de que pode fazer-se um diagnóstico prévio às análises feitas ao sangue. Os medicamentos receitados podem ter a sua utilidade, mas nem sempre é assim, motivo que levou alguns a deixarem de tomá-los. A malária pode ser extremamente perigosa. Conta o caso dum oficial húngaro, cujo diagnóstico começou por demorar, e que depois não foi tratado adequadamente, estando a ponto de morrer, quando foi transportado para a África do Sul, onde o salvaram. O medicamento que ele usava foi dado pelos médicos brasileiros da missão e, por alguma razão desconhecida, acabou por não produzir efeito. O resto foi um encadeamento de acontecimentos, que quase se revelou fatal. As análises ao sangue foram feitas tarde demais para poder evitar uma séria infecção do fígado. Foi por isso transferido para um hospital de Luanda, tendo porém o paciente chegado num estado tão crítico, que este hospital recusou o seu tratamento, tendo que ser transportado para a África do Sul. A ONU tinha primeiro preferido e proposto ser levado para a Hungria, coisa que o seu estado cada vez pior desaconselhava, pois quase não teria sobrevivido à viagem. Finalmente, a ONU acabou por fretar um pequeno avião para levá-lo, depois duma consulta com um hospital em Joanesburgo, onde tinham um tratamento especial para casos de malária como este. Foi efectivamente posto no avião para ser levado o mais cedo possível. Os ulteriores desentendimentos de carácter burocrático conjuraram-se contra ele. A ONU quis primeiro que os custos do transporte do major, bem como todos os custos do tratamento, ficassem a cargo da Hungria, enquanto os húngaros achavam que estes deviam ser pagos pela organização mundial. De qualquer forma, o piloto do avião fretado acabou por ficar farto dessa discussão, e assumiu todos os gastos por conta própria. Estes encargos foram aliás reembolsados depois pela organização mundial. Levantado voo, surgiu porém um outro problema. Os controladores aéreos primeiro não autorizaram a sua entrada em espaço aéreo sul-africano, a que respondeu o piloto não estar em condições de poder esperar por uma licença, pois estava a transportar um doente em risco de vida. Mais uma vez, radical, foi aterrar por responsabilidade própria. Foi por um triz, e o major já entrou em coma no avião, tendo que ser reanimado. Transportado imediatamente ao hospital, foi curado por mãos experientes, estando também à disposição os equipamentos necessários. O major esteve durante dias entre vida e morte. O coronel Forgács László, comandante responsável na Hungria pelo acompanhamento do contingente em missão, foi fazendo telefonemas diários para o hospital para ficar informado do seu estado. Nas primeiras vezes disseram que ainda seria melhor nem dizer nada aos familiares, pois as chances de sobreviver não eram muitas. Passados uns dias, deram uma primeira informação encorajante: disseram que os familiares já podiam ser avisados da melhora do estado do paciente, pois já havia hipóteses e mesmo alguma possibilidade de sobreviver à crise. Os húngaros da missão, entretanto informados,

foram ter com o piloto e agradeceram-lhe o carácter corajoso e a sua invulgar solidariedade para com o observador compatriota.

A propósito da comunicação interna entre os observadores húngaros, estando eles a prestar o seu serviço em diferentes sectores, não lhes era muito fácil manterem o contacto. No entanto, com esforço e empenho, conseguiu-se montar um esquema de comunicação, através do chamado “dia húngaro”. Puseram-se de acordo em relação aos dias e frequências para poderem comunicar entre si. Em todos os pontos de observação avançada funcionava uma estação de rádio de onda curta, em que, fixadas data e hora, podiam dialogar entre si e manterem o contacto. Cada campo dispunha de cinco frequências, e uma delas era cedida aos húngaros nestas circunstâncias especiais, de forma periódica, mas pontual. Todos fizeram o seu melhor para tomarem parte da conversa, que de resto também não era fácil desde o ponto de vista técnico. Podia acontecer um deles, a uma distância de 1.000 quilómetros, entrar na conversa com boa perceptibilidade, mas depois ficar perdido no ar, pois as condições atmosféricas mudavam num espaço de tempo inferior a uma hora. A direcção da missão também estava informada desta “corrente de informação” e da necessidade de os observadores de cada país manterem contacto, pelo que tomou a iniciativa de garantir que sempre serviria no quartel-general um oficial de cada contingente, para facilitar este tipo de contacto. Sorte gorda para os húngaros ter sido este oficial o capitão Nagy Zoltán, engenheiro informático, cujo contributo era bem necessário no quartel-general. A partir daí, foi ele que ajudou a resolver os problemas que surgiram relativamente aos observadores húngaros, colocados a enormes distâncias e a precisar de alguém que interviesse a seu favor, facilitando a própria gestão dos assuntos. A comunicação externa, com as suas famílias, era ainda mais difícil, já que naquele tempo não havia Internet ao dispor e alcance de todos. Se mandavam cartas, a troca da correspondência podia demorar um mês. Do quartel-general podiam ser feitas chamadas telefónicas, mas pelo balúrdio de três dólares por minuto. Chegar a poder ter este contacto via satélite tinha também as suas limitações, a começar por os observadores apenas uma vez por mês terem possibilidade de aí se deslocarem vindos das províncias. Havia na Bélgica uma organização de ajuda humanitária, com presença em África, que colocava à disposição dos observadores a sua rede telefónica, podendo estes telefonar para casa gratuitamente. Tal situação não persistiu por muito tempo, e pode ser que se tenha abusado da generosidade oferecida, já que a organização acabou com esta alternativa. Seja como for, era mesmo muito problemático manter o contacto com os familiares.

A já referida localidade de Ngove era conhecida por aí terem construído os portugueses uma barragem num rio e uma central hidrográfica subjacente, que durante a guerra civil a UNITA fez explodir. O oficial húngaro perguntou ao observador delegado da UNITA sobre os motivos, mas nunca recebeu uma resposta certa. A região era controlada aliás por forças do governo, e o tenente-coronel Kovács, como comandante do ponto de observação da ONU, tinha que se deslocar a

Huambo, ao quartel-general regional, com certa frequência. Quem aí prestava serviço operacional era o major Braun László, a quem lhe aconteceu a seguinte interessante história. Ele morava num hotel meio arruinado em que não havia água, a qual os inquilinos tinham que subir aos quartos em jarros. Também periodicamente faltava a luz. Pois ia a caminho deste seu hotel para o quartel-general, quando de repente pára ao pé dele um jipe, e um coronel angolano aborda-o desta forma: Te magyar? - assim mesmo, em húngaro. O major, meio a dormir e com os pensamentos no que se passaria naquele momento na Hungria, achou que ainda não tinha acordado. Depois teve uma conversa com este oficial e contou o caso a Kovács também. Chegou-se à conclusão que o oficial angolano tinha estudado na Escola Superior de Estudos Militares no ano lectivo de 1989-1990, precisamente no seu Departamento de Blindados, tendo o tenente-coronel sido o professor responsável pelo curso. Depois foram-no procurar: o oficial desempenhava um importante cargo no quartel-general da região militar. Alegaram-se os dois de voltarem a ver-se, e o oficial angolano foi apresentá-lo a todas as autoridades locais, nunca se esquecendo de mencionar que era o seu professor, vindo da Hungria. Foram depois encontrar ainda vários angolanos que falavam bem a nossa língua, o que era sempre uma excelente surpresa para observadores húngaros. O próprio tenente-coronel Kovács foi encontrar tanto em Luanda como na província outros oficiais e sub-oficiais que tinham tirado o seu curso na Hungria, ora em Budapeste ora em Debrecen. Eram histórias fascinantes as que lhe contavam todos, diferentes entre si mas sempre coincidentes num ponto: todos concordavam que foram aqueles os anos mais felizes das suas vidas. Na missão prestavam também serviço oficiais da Jugoslávia, incluindo um, cujo apelido era Kovac, que tinha parentes croatas e contava com húngaros entre a família, um deles o seu avô, de quem herdara o nome. Ele na altura já não falava húngaro. O seu problema era bem mais grave, pois foi nessa altura que os jugoslavos deixaram de falar a mesma língua, ou mais propriamente, deixaram de se falar uns aos outros. Antigos amigos e bons camaradas acabaram por cortar relações pessoais, por tudo o que acontecia no seu país em vias desintegração, lutando uns contra os outros numa guerra fratricida. O fenómeno acabou por ser “importado” para a missão, onde o convívio entre os oficiais sérvios, croatas e bósnios era cada vez mais problemático. Era um ambiente completamente alterado entre companheiros de armas outrora muito próximos, que começaram a tratar-se uns aos outros por “ustasha” ou “chetnik”, respectivamente. A situação acabou por dar para torto e foram cortadas as amizades, como foi o caso do oficial croata e do sérvio, inseparáveis tempos antes e que deixaram também de se falar. Este oficial, já isentado do serviço militar no seu país, veio a alistar-se nos quadros da ONU. Conhecera-o o Kovács húngaro na região de Huambo, donde três meses depois veio a ficar colocado na cidade de Namibe.

Esta cidade também era controlada pelas forças do governo. Situada na parte meridional do país, onde o deserto da Namíbia entra no território angolano, Namibe é uma cidade portuária. Entrando nela pelo interior, primeiro tem que se passar uma cordilheira montanhosa de 2.000 metros de altitude, a qual, chegando à

costa, forma uma parede abrupta de 1.000 metros no litoral. Entre as duas há uma passagem, controlada pelas forças do governo com a máxima severidade. O espaço físico mudava depois para dar lugar a um deserto de 100 quilómetros, o qual ninguém transitava, com a excepção de algumas tribos nómadas. Foi esta a razão pela qual as forças da UNITA nunca conseguiram ocupá-la. Os soldados teriam podido um por um infiltrar-se a pé pelas montanhas, mas no deserto não teriam podido ficar escondidos. Na cidade havia um aeroporto militar e, segundo as informações recebidas por parte dos militares locais, helicópteros de patrulha vigiavam de forma constante aquela zona, a qual, dadas as condições físicas, nunca teria podido ser ocupada pelo inimigo. Esta segurança, por seu turno, traduziu-se em condições paradisíacas de conservação do seu património, poupado a repetir a experiência de Huambo ou de outras cidades destruídas. O oficial húngaro teve a sorte de ficar a servir aqui por seis meses, já que, por causa das eleições, acabaram por deixar de fazê-los rodar. A razão era muito simples: se as eleições fossem realizadas com sucesso, era de se esperar serem concluídas as posteriores operações de paz da própria missão. Lamentavelmente, sabemos que não aconteceu assim, porque a UNITA não aceitou os resultados das eleições e a guerra civil voltou a eclodir. Foi esta a razão pela qual a maior parte dos efectivos que participavam nas operações da missão UNAVEM II tiveram que ser retirados do terreno operacional até os combates se atenuarem. Na cidade de Namibe, os portugueses haviam instalado um complexo recreativo, que continuava a funcionar mesmo naqueles tempos. Neste complexo de férias havia até discotecas, mas não foi por isso que as condições de serviço podiam ser classificadas de principescas, se comparadas com outros campos da ONU, mesmo que aqui os felizes dos observadores não tivessem a necessidade de morar em tendas, por mais sofisticadas que fossem, mas sim em casas habitacionais. O seu papel era patrulhar a maior das regiões de observação e patrulhamento da operação da missão, com uma superfície de 45.000 quilómetros quadrados. Se acontecesse qualquer acção policial que se fizesse notar ou algum movimento militar, os observadores deviam ficar informados, controlando tais acontecimentos. Os polícias da ONU, por exemplo, estavam incumbidos de acompanhar as investigações, verificando a sua imparcialidade, quer fossem roubos ou outros actos criminosos que fossem sendo verificados. E como a área de cobertura e subjacentes responsabilidades caíam sobre um território na sua maioria desértico, foi preferido o helicóptero a outras formas de deslocação, aqui impraticáveis. Sem dúvida alguma que nessa região o tenente-coronel Kovács apreciou o serviço, que se ia aproximando do fim.

Por causa da guerra civil reacendida, a ONU resolveu executar um corte radical no número dos observadores, incluindo e afectando o contingente húngaro, bem como o resto dos participantes da missão, que foram mandados para casa ou para outras missões. Em finais de Outubro, os oficiais húngaros destinados ao regresso foram concentrados em Luanda, tendo ficado a bebericar as suas últimas cervejas na cantina. Acompanharam-nos os ruídos rudes de uma guerra crua, pois os elementos da UNITA conseguiram aproximar-se da capital. Viram um avião civil

em descolagem, com o motor acelerado ao máximo, quase a tremer, com as luzes apagadas e a ganhar altura, enquanto passava a ser alvo da UNITA. Os rebeldes não estavam devidamente perto, pelo que felizmente não conseguiram abatê-lo. Aos húngaros tinha-lhes custado pensar que no dia seguinte estava previsto o mesmo espectáculo, só que com eles sentados no próximo voo da SABENA, que iria descolar no mesmo horário das 21:00 do dia seguinte. E se dessa vez os soldados da UNITA não falhassem? No dia seguinte, estavam a caminho do refeitório para almoçarem, quando foram avisados por um funcionário da ONU, para os que estavam previstos para sair naquele dia, que se apresentassem dentro de 20 minutos junto do portão, onde o autocarro já estava à sua espera. O tempo não era muito para ficar tudo arrumado, mas foram metendo o equipamento na mochila com uma pressa descomunal, pois a mala estava por fazer, pensando que não lhes faltaria tempo. A única coisa que depois lamentaram ter deixado por fazer foi tirar uma fotografia de despedida, pois tiveram que ir a correr para apanhar o autocarro para o aeroporto. O que os húngaros também não sabiam era a decisão da SABENA, pois a companhia não pensava voltar a arriscar o voo nocturno, tendo prudentemente antecipado a saída para as duas horas da tarde. O avião, de facto, saiu às duas, tendo-se evitado qualquer tiroteio.

O retorno não provocou nenhum sério eco, diríamos que passou despercebido. Um primeiro grupo já tinha voltado e não estava previsto sair nenhum grupo de substituição. Ao mesmo tempo, estavam a ser organizadas novas missões, estando a da Geórgia já a funcionar. Não voltaram para Hungria como heróis, foram simples militares que tinham feito um serviço igual aos outros, só que cumpriram-no no estrangeiro. Primeiro pensou-se seguirem para uma quarentena, já que chegavam dum país de elevado risco de doenças contagiosas, mas depois puderam seguir directamente para os seus familiares, e os exames médicos ficaram para logo a seguir. Foram entregar os respectivos equipamentos e voltaram para os seus anteriores postos de serviço. O nosso tenente-coronel teve sorte, foi destacado e esperavam-no no Estado-maior, já que estava a ser feito o recrutamento de um oficial que falasse bem inglês e que tivesse uma válida experiência de missão. A partir daí, dedicou-se as questões relativas às operações de paz.

O tenente-coronel Kovács afirma pessoalmente ter sido o seu desafio maior servir como comandante do seu grupo nesta missão. É claro que no fim do mundo é inevitável que gente fechada, isolada e proveniente de vários países tivesse fricções entre si. Contou um exemplo, o caso de um oficial indiano e de um nigeriano. O indiano pesava 60 quilos com todo o equipamento nas costas e media 1,60 m. O nigeriano tinha 1,90 m de altura e pesava uns 100 quilos. O tenente-coronel teve literalmente que servir como muro de separação entre os dois, que se desentenderam, discutindo qual das duas nações tinha uma melhor formação para os seus oficiais. O que é que se passa? – perguntou. Ambos têm uma formação excelente e invejável, que importa ser-se “o” melhor? Foi muito difícil chegar a uma reconciliação. Por seu turno, cabia-lhe servir de comandante dum campo de



observação maior, de cinco observadores militares, cinco polícias e cinco observadores eleitorais, que foram aumentando com a proximidade do processo eleitoral. Fazer funcionar e servir a sua integração não se revelou nada fácil. Quando chegou, reparou que os 15 membros do grupo usavam 3 viaturas, mas não dividindo-as conforme as conveniências, mas sim recorrendo e valendo-se da força maior. Isto significava que aquele que chegasse primeiro pegava no carro e os outros ficavam sem poder fazer uso da viatura. Mais a mais, corria-se de vez em quando o risco de não haver capacidade para fazer a operação de patrulhamento prevista. Os carros devolvidos à garagem estavam sujos e os tanques sem gasolina, por puro egoísmo, pois os que usavam os jipes não pensavam depois em fazer a sua manutenção. Impor uma certa ordem aos militares ou os polícias foi menos complicado do que convencer os civis a aceitarem e seguirem as indicações que se impunha dar. Mas finalmente também eles entraram na ordem e, por milagre, o espírito de colaboração melhorou, bem como a estima pelos outros naquela missão.

### **O tenente-coronel engenheiro Pintér István**

A participação deste oficial húngaro na missão começa motivada por um triste acontecimento familiar, o seu divórcio. Nestas circunstâncias, teve de encontrar uma nova orientação e novos caminhos para a sua vida. Em conversa com dois amigos seus, Dékány István e Kovács Tibor, surge a ideia de que é preciso um diploma de conhecimentos de língua inglesa de nível médio, conforme fica informado, para poder candidatar-se para a participação na missão UNAVEM II. Naquele tempo já se sabia da intenção da participação da Hungria nesta operação de manutenção da paz, razão pela qual o tenente-coronel começou a informar-se onde é que se podia aprender a língua. O Exército Húngaro acabava de implementar o Comando para a Diminuição dos Efectivos, onde estavam a lançar um curso intensivo de inglês, que cobria as horas todas do horário laboral e parecia ser bastante eficiente. Só que os outros já tinham começado a estudar quando Pintér foi admitido no curso, ou seja, os outros estavam em vantagem em relação a ele – preparando-se aliás para um exame de nível superior – e ele tinha que se esforçar ainda mais para vencer os obstáculos. Foi duro, mas conseguiu fazer o exame em Abril de 1992, obtendo o diploma que atestava os seus conhecimentos de língua inglesa de nível médio. Foi este facto que lhe deu a oportunidade de entregar também de forma oficial o seu dossiê de candidatura para a participação na missão. Não tardou muito em receber a notificação sobre a sua aceitação naquele grupo que estava destinado para participar na missão em Angola.

A preparação do novo grupo ficou basicamente a cargo do tenente-coronel Kovács e da sua equipa. Receberam uma preparação séria e bem concebida, em que se pretendia serem equipados com toda a informação teórica útil e necessária, sem esquecer porém a vertente prática no curso de preparação. Tiveram também sorte e foram beneficiados pelas recentes experiências daqueles seus colegas que estavam de volta ou de férias na Hungria, e que foram chamados a complementar a sua instrução, frisando um quadro vivo e actualizado do que os esperava em Angola.

Naquela altura Angola estava dividida em seis regiões, em que estavam a funcionar 40 campos ou mais, nos quais os observadores da ONU estavam colocados. As experiências eram quase tantas quanto o número dos campos onde eram colhidas, e aquelas que eram válidas para um não eram para os outros, ou seja, tinham uma utilidade bastante relativa. Por exemplo, houve o conselho de andarem munidos e prevenidos para poderem consertar tudo, desde o gerador até ao mais simples instrumento que podia avariar-se, e por isso era uma boa ideia levarem jogos de parafusos e de ferramentas. O aviso foi tomado a sério e levaram quilos de ferramentas, fios, arames, pregos, tudo. Completamente supérfluos aliás, como acabaram por aperceber-se aqueles que estavam colocados em campos, onde as reparações e obras estavam entregues aos funcionários civis da ONU. A sua preparação profissional, recebida de oficiais húngaros, era por seu turno excelente, com informações detalhadas e sumamente úteis, como por exemplo sobre a natureza da missão, bem como sobre os protocolos e procedimentos que a ONU seguia. Naturalmente que os aspectos da segurança na região recebiam um enfoque especial, bem como a geografia e história do país, cuja composição étnica também foi abordada. Outro aspecto muito bem tratado era a situação política e militar, cuja matéria e informação foi fornecida pelos peritos do Ministério das Relações Externas húngaro. Foi séria a sua preparação também do ponto de vista ético de qualquer missão, ou seja, foram informados de que não podiam agir de acordo com algum preconceito ou parcialidade, pois a posição de observador não permitia compromisso algum, nem político, nem militar: devia ser-se isento, e aberto aos problemas de ambas as partes. No que diz respeito à sua preparação sobre a saúde e higiene pessoal, esta foi dada na secção de Doenças Tropicais do Hospital László sobre tratamentos e prevenção. Alguns ficaram mesmo mal depois das explicações, que resumindo e concluindo consistia em “pelar, descascar, cozer, fritar e depois da refeição continuar a rezar”. Foi feita a sua vacinação preventiva, embora mesmo assim para a maioria não tenha sido possível evitar um encontro com doenças exóticas, desde a malária, quase habitual, até diferentes infecções. Depois de tantos anos, podemos dizer que as Forças Armadas Húngaras fizeram tudo para que a sua partida fosse acompanhada por uma boa preparação, mas era completamente impossível estarem preparados para aquilo que os esperava no dia-a-dia na missão. A boa vontade e saber não faltavam, mas quem podia antever o futuro?

Os participantes da missão de manutenção da paz estavam equipados e fardados de forma adequada, tendo em consideração para onde é que iam, um país de clima quente e por conseguinte um desafio também climático. Mesmo assim levavam fardas e equipamentos concebidos para outros climas, que em temperaturas amenas e condições climáticas davam perfeitamente, só que aqui pouco sentido faziam. O caso mais evidente eram as botas que se levavam naquele tempo, que não condiziam com as condições angolanas, sobretudo por serem quentes de mais. Noutros casos, com a estação das chuvas, as solas das botas davam de si, desprendendo-se com grande facilidade. Não se tratava duma experiência pessoal única... De resto, o pé fechado, com o suor, dava perfeitamente para começar a “apodrecer”. Podiam aplicar talcos, mudar as meias com a devida frequência, e muitos foram os que apanhavam infecções e fungos. A solução mais simples era ir ao mercado local e comprar uns sapatos de veludo, tanto práticos como adequados para as condições de trabalho. Por outro lado, quando iam de carro, também não era forçosamente necessário cumprir com um rigor máximo aquilo que fora prescrito. Há quem tenha conduzido de chinelos, havaianas ou sandálias, nada pior do que de

botas... Por conseguinte, sempre que as circunstâncias o permitiam, ia-se calçando o sapato de couro local, africano, mas é claro e evidente que, quando era preciso efectuar patrulhamento na selva, calçavam-se as botas, pois estas protegiam bem de possíveis perigos, como os animais venenosos. Outros dos problemas prendia-se com as fardas que também eram quentes de mais, pois concebidas para um clima húngaro. As condições climáticas são inversas às nossas. No inverno as noites são rigorosas, e em certas zonas o termómetro desce até os 0 graus, enquanto de dia sobe até aos 40. Durante essa estação, a farda que se levava da Hungria ainda prestava, mas não no Verão. Foi esta a razão que levou a serem introduzidos uns “uniformes para os trópicos” ou umas fardas de verão, de manga curta de matéria mais leve, incomparavelmente mais confortáveis. De resto, levava-se muita roupa e estavam bem aviados, com quantidades mais que suficientes de roupa interior, meias, etc. E como estavam integrados nas missões de manutenção da paz por aqueles tempos, pretendiam cumprir tudo ao máximo. Ou seja, levavam muito e de mais. Eram admitidos 120 quilos de peso no avião. Agora já não é este o caso, mas aqueles eram também tempos diferentes. Eram levados a planear com margens de erro de cálculo que excediam as medidas normais na previsão e provisão para os soldados participantes nas operações duma missão.

O contingente húngaro composto por 5 oficiais – Balogh Ferenc, Faludi Sándor, Tóth László, Tóth Zoltán e Pintér István- partiu para Angola em 16 de Abril de 1992, no itinerário Budapeste – Viena – Bruxelas – Luanda, numa viagem que durou quase dois dias. Quando chegaram a Luanda, foram recebidos pelos oficiais húngaros que naquele tempo estavam a prestar serviço e que logo que puderam os levaram de jipe para o alojamento. Mesmo assim não foi uma chegada muito gloriosa. Partiram em Abril, quando na Hungria estava frio, pelo que vestiram o seu casaco e gravata de gala, com que fizeram a viagem e que ficou que nem uma esfregona ao aterrar, logo de manhã, com 30 graus positivos e uma humidade assinalável. Até conseguir reunir a bagagem toda, mais de cem quilos de tralha cada um, primeiro na sala de espera e depois nas viaturas, as bonitas fardas ficaram uns farrapos de que escorria água aos cântaros. Estavam literalmente a pingar, mas não podiam sair sem primeiro preencherem os formulários que estavam à sua espera. E havia também um montão de gente, que estranhava a vinda de mais uns oficiais branquinhos, numa chegada um tanto caótica. Daqui seguiram para a “Villa Espa”, instalação herdada e adquirida aos cooperantes brasileiros, depois transformada num campo de contentores habitacionais e onde estava a funcionar o quartel-general da missão. Estavam instalados aqui os gabinetes, oficinas, os oficiais do comando e os recém-chegados que, como Pintér, antes de saírem para o seu posto recebiam um treino instrutivo. Primeiro visitaram as instalações, onde decorreu o seu curso de três semanas, bem semelhante às matérias e estrutura que tinham recebido na Hungria, só que muitíssimo mais focado nas condições locais. Foram sendo iniciados nos hábitos e costumes locais, no comportamento adequado, nos aspectos culturais e religiosos, e na diversidade étnica do país. Também a sua instrução e tarefas especiais receberam um retoque final. Passadas duas semanas, o general chefe da missão publicou a sua lista dos postos rotativos de colocação, em que já estavam incluídos os então “novatos.” Receberam assim a sua primeira colocação, em que podia ter havido ainda algumas alterações, um tanto de acordo com a possibilidade de *lobbying* de cada nação.

Os holandeses estavam por exemplo numa posição vantajosa, tal como os oficiais oriundos da África Negra de uma forma geral, também pelo simples facto de o general comandante da missão ser igualmente africano. Tais preferências traduziram-se nos melhores postos e cargos de serviço que podiam ocupar. Os húngaros também estavam favorecidos, graças ao capitão Nagy Zoltán, um informático, que passava a limpo e a computador as respectivas listas e que era a “mão direita” do general. Ele ficou de forma permanente em Luanda e escolheu ficar acompanhado por mais um compatriota, informático também, alegando que precisava duma ajuda. Tratava-se de Andrásy Kálmán, que passou a ser o seu assistente. O resto dos húngaros era destacado para diferentes campos da ONU na província, evitando, sempre que possível, que estes fossem os de pior reputação. Mas havia mais um aspecto em que os húngaros foram mais afortunados do que os outros. Aqueles que falavam russo eram de preferência colocados nos quartéis-generais regionais, em cujo comando era preciso que os oficiais dominassem esta língua, para poderem comunicar com os pilotos russos, responsáveis pelos transportes aéreos imprescindíveis para a missão.

O tenente-coronel Pintér foi colocado no campo de Bungo, na região norte, um campo de classificação “C”, que era um dos campos com piores condições naquele tempo. O comando do sector estava colocado em Luanda, no quartel-general da missão. Esta posição – a do comando regional – viria a ser pouco tempo depois ocupada aliás pelo coronel Forgács László, um outro oficial húngaro. Em Bungo fiscalizava-se a desmobilização do pessoal armado da UNITA, numa localidade relativamente pequena, uma aldeia fundada pelos portugueses e dominada pela UNITA, a dois mil quilómetros da capital. A curiosidade da situação residia no facto de que, favorecendo o entendimento, foi autorizado que o partido do governo também abrisse um gabinete local, pelo que o gabinete da UNITA funcionava numa ponta e o outro na ponta oposta. O acampamento onde era realizado o acantonamento das tropas da UNITA situava-se num planalto próximo da aldeia, onde não apenas viviam os soldados desmobilizados, uns 500 efectivos, mas também os seus familiares, num total entre duas e três mil almas. Os observadores da ONU faziam cada semana uma visita de inspecção ao campo, onde verificavam o número dos efectivos registados, fiscalizavam a quantidade de armas armazenadas, bem como vigiavam a não-violação das prescrições do cessar-fogo em vigor. Faziam o exame das metralhadoras, canhões e outras armas de fogo, como também contabilizavam por alto as minas, explosivos e munições. Por uma misteriosa razão, o número dos efectivos nunca batia certo com o número dos soldados registados, mas nunca foram levantadas maiores reservas quanto à situação existente. O número a ser contabilizado também era sempre diferente, porque nunca contavam os que estavam em patrulhamento, actividade que estava aliás expressamente proibida. Sim, porque todos eles deviam conviver desmobilizados e conscritos a uma área determinada, a do campo, onde prometiam levar uma vida pacífica. Pelo menos devia ser acatada esta situação até à sua integração nas forças armadas nacionais, cujas bases estavam a ser criadas segundo o acordo de paz. Mesmo assim, houve casos que não foram ao encontro do que estava negociado: saíam para patrulhamento ou eram simplesmente reagrupados segundo conveniência superior. Mas houve casos mais sinistros que também nunca foram apurados: o caso de fugas de pessoal que abandonava o campo, de que se sabia depois serem caçados por patrulhas que a breve trecho punham um ponto final radical às buscas.

O desarmamento dos soldados do campo de acantonamento fez com que as armas fossem retiradas. Apesar de tal circunstância feliz, havia um aspecto rotundamente errado. É que os soldados desmobilizados e as armas retiradas estavam concentrados no mesmo espaço físico. Deste modo, as armas, engenhos e munições estavam praticamente ao alcance da mão, “guardados” por eles próprios. Por conseguinte, com os resultados desfavoráveis para o seu lado, pura e simplesmente abriam os armazéns, pegavam nestas armas e lançavam-se imediatamente de novo para a luta.

Os moradores do campo, nos primeiros tempos, eram abastecidos pela ONU, mas não directamente pelos observadores, porque os abastecimentos de víveres e de água da ONU chegavam à cidade vizinha de Negage, e eram os soldados da UNITA que estavam a ser desmobilizados que os iam procurar lá. Além deste apoio, outras organizações humanitárias também estavam presentes nesta região, contribuindo também para o seu sustento.

A base de Bungo da ONU era, bem vistas as coisas, um único edifício. A aldeia também não era muito grande, correndo por duas amplas ruas paralelas, com casas de cada lado, mas não mais que uns 50 edifícios. O que estava no melhor estado de conservação era de certeza um casarão dum comerciante português, com um grande armazém e apetrechos adjacentes. Foi este que os observadores da ONU compraram e transformaram para as suas conveniências. Quando se soube que ia ser instalado aqui um grande campo de acantonamento das forças da UNITA na região, compraram então a casa e instalaram o necessário, a saber, um gerador, bombas de água, etc. Além disso, fizeram umas poucas obras que a modificaram. Lamentavelmente a aldeia não tinha água. Era preciso ir buscá-la a um rio próximo e assim a água para cozinhar e tomar banho era trazida depois purificada com cloro. A água potável era fornecida por uma tubagem que corria em Uíge, donde dum fonte do bispado era levada a água para as casas. Trazida daqui, a água potável tinha também que ser fervida antes de tornar-se apta para o consumo humano.

Na base de Bungo prestavam serviço cinco oficiais, cujo número real era mais propriamente três, já que sempre havia quem estivesse de férias, de comissão ou hospitalizado durante semanas. Lembra-se de casos, por exemplo, quando não tinham substituído um oficial com malária, hospitalizado já há mais de um mês, e até aconteceu ficarem também reduzidos apenas a dois oficiais. Quando o tenente-coronel Pintér chegou, o comandante da base era um oficial da Marinha da Argentina. Havia um major árabe jordano e dois capitães, um senegalês e um guineense. Dois meses depois, quando o tenente-coronel argentino acabou a sua missão, foi a vez do oficial húngaro assumir a chefia do campo. Os observadores da missão desempenhavam a sua função estritamente desarmados, sendo a sua tarefa reduzida a uma verificação clássica: subiam ao campo da UNITA para contabilizarem efectivos e armas, uma semana os soldados e a outra o armazém. As folhas de presença eram assinadas e homologadas também alternadamente, de duas em duas semanas, relativamente ao material bélico dos desmobilizados. Cada semana seguia um relatório detalhado para o quartel-general sectorial, onde eram reunidas as informações sobre a região, no que diz respeito a eventuais movimentos de tropas, a algo que considerassem imprevisível ou estranho, e sobre o ambiente que reinava. Estes relatórios eram recolhidos cada quinta-feira por um helicóptero, que reunia as informações dos respectivos campos dos observadores da ONU.

Nos restantes dias da semana, os observadores tinham pouco a que se dedicar, salvo o seu auto-sustento. O patrulhamento era raro, também porque a UNITA não se mostrava nestes casos particularmente alegre ou entusiasmada. Pese esta liberdade reservada, pretendiam chegar a todos os pontos de interesse, menos às proximidades do campo de acantonamento, o que aliás tinha muito interesse, mas também era muito pouco tolerado. Ao campo iam todas as quartas, sendo que as aldeias menores vizinhas e as suas proximidades eram visitadas com maior assiduidade. Dia sim dia não também ia até à cidade seguinte, Negage, para fazerem compras, ou a Uíge buscar água potável. De certa forma, o auto-abastecimento preenchia bastante a vida deles. Eram completamente auto-suficientes, ou seja, compravam tudo do seu ordenado e não podiam contar com ajuda externa. Os mercados locais também não ofereciam tudo de que eles teriam precisado, e uma refeição podia ter diversas origens no que aos ingredientes diz respeito... A monotonia, o tédio e o isolamento eram os pontos mais problemáticos nesta colocação. Tais circunstâncias favoreciam naturalmente a pouco salutar formação de “grupinhos” interiores no seio duma missão, as pessoas arrelhiavam-se umas às outras. O oficial húngaro conseguiu ficar à parte destes jogos, associando-se a outros: corria, fazia exercício físico no seu tempo livre, e aprimorava o seu inglês e os rudimentos do português, que acabava por ser cada vez mais importante. É que com a população local só podia entender-se em português, e embora tivessem um “tradutor e intérprete” na pessoa do capitão da Guiné-Bissau, o inglês deste não era muito avançado. Só este inglês básico já não lhe bastava para poder seriamente dialogar com o comandante da UNITA ou com os nativos. Tinha que pôr-se ele mesmo a estudar português (de que fez o exame uma vez regressado à Hungria), o que para ele significava mais do que um passatempo, sendo extremamente útil, pois não tinha que levar consigo intérprete nas voltas que dava pela zona, ganhando confiança junto dos seus interlocutores.

O dia-a-dia era portanto um desafio mais mental do que físico, e a rotina pouco ajudava. A quarta-feira passava-se bem com as visitas de observação feitas ao campo da UNITA, a noite com a informação sobre o que se tinha verificado, e a quinta-feira aguardando a chegada do helicóptero. Tudo tinha o seu ritual, pois tinham que preparar a chegada, que se limitava a receberem os barris da gasolina e a mala do correio, e a entregar informação. Nos restantes dias, a organização do seu tempo e vida não estava sujeita a grandes regras ou normas. É claro que sempre se discutia pelo carro, pois tinham uma única viatura, cuja “distribuição” era tarefa do comandante da base, decisão quase sempre contestada por parte daquele a quem não lhe tocava a vez. Evidentemente tentava fazer o seu melhor para que todos tivessem um acesso igual a irem fazer as compras, trazerem água, etc., ou seja, para as actividades que os pudessem fazer “ausentar-se”, nem que por apenas umas horas, do seu relativo isolamento. Tais saídas eram facilitadas pelo facto de não haverem minas e engenhos explosivos anticarro nos limites da zona. Houve uma única ocasião quando foram vistos uns fios e arames pela estrada, dispostos de forma alarmante. Mas nem isso era um explosivo, apenas uma brincadeira da UNITA, cujos soldados acabaram por retirar “as minas”, chutando os “dispositivos” para fora da estrada com os pés. Ameaças reais, minas, engenhos ou explosivos e afins não dificultaram o seu trabalho, e também não encontraram homens mutilados ou outros efeitos do seu uso. Mesmo assim, cumpriram todos os regulamentos em vigor, estabelecidos para os participantes da missão. Uma destas regras básicas era nunca abandonarem as amplas estradas africanas de terra batida, nem para a direita nem



para a esquerda, fossem canaviais, campos de pastos, ou um mato adjacente, nem sequer para urinar. Por mais vergonhoso que pudesse parecer aos soldados, nem eles nem civis se atreviam a entrar no mato. Desta forma evitaram acidentes, pois era de supôr a existência de minas dispersas, precisamente fora do espaço controlado das ditas estradas.

O que mais espantava o oficial húngaro era a total ausência de animais selvagens em toda a região de Bungo. Estes desapareceram, como se nunca tivessem vivido nesta parte de Angola. Provavelmente eram caçados e a própria guerra os fazia recuar para as selvas mais distantes. À excepção de alguns pássaros, a selva parecia aliás desabitada. Os animais domésticos também eram poucos: algumas cabras, dois ou três porcos e nada mais. Durante os oito meses de serviço, só viu uma única manada de vacas, de resto faltava toda a população animal. Mesmo assim havia excepções, como por exemplo répteis. Serpentes, escorpiões e aranhas pareciam contrabalançar a mencionada falta...

O bem-estar psicológico e a capacidade mental dos participantes das operações de paz nesta e noutras missões dependia muito da forma como podiam (ou não) manter o contacto com os seus familiares. Era basicamente por correspondência que se mantinham as relações familiares, através de cartas cuja troca, carta vai e carta vem, podia demorar umas oito semanas. O tenente-coronel só podia contactar os seus por telefone nas ocasiões que estava a passar por Luanda, pois no quartel-general havia uma cabina telefónica donde podiam fazer chamadas e cujo preço era cobrado logo, ou então descontado do seu vencimento. Os participantes do contingente húngaro trocavam também informações pessoais (locais, regionais ou do mundo) através de uma comunicação interna que montaram num dos canais da rádio, em que a horas combinadas ligavam uns para os outros. Eram estas as conversas que se utilizavam para a “candongá”, pois havia produtos a que não tinham acesso alguns que serviam em guarnições mais remotas ou isoladas. Neste caso, pediam aos seus camaradas<sup>325</sup> para lhes mandarem o que faltava: selos, envelopes, papel, sabão, cigarros ou chocolate. Estes dois últimos eram os primeiros da lista quando Pintér ia a Luanda, sobretudo o chocolate com amendoim. O sistema da rede húngara de mútua entajuda funcionava da seguinte forma: mandavam-se por onda curta as mensagens com as encomendas, as quais, quando adquiridas, iam sendo despachadas por helicóptero na semana seguinte, ou daí a duas semanas, conforme o caso. Os que recebiam as suas encomendas mandavam o valor do preço, e o tenente-coronel não se lembra que tenha havido qualquer desentendimento por alguém não pagar. Amigos amigos, negócios à parte.

O relacionamento que reinava entre os oficiais húngaros era bom e caracterizado por um espírito de camaradagem, pese o facto de fisicamente não se cruzarem durante alguns dias, tendo sido dispersados por vários campos e bases da ONU. Os húngaros geralmente davam-se também bem com os das outras nações, e as poucas vezes em que havia discrepâncias, isso tinha a ver na maioria dos casos

---

<sup>325</sup> Nota do tradutor: Utilizo esta palavra não na sua acepção política, mas na militar. Numa certa ocasião fui testemunha de um oficial da marinha que rectificou um outro, dizendo que colegas só têm as prostitutas, os militares têm camaradas. A palavra deriva portanto de camaradagem: convívio muito próximo, alusivo, neste caso, ao dormitório que compartilhavam. A expressão húngara „bajtárs” é muito bonita e um tanto pessimista, pois significa um companheiro no „mal”, seja desastre, perigo ou ameaça iminente.



com os brasileiros. Isto não se passava por serem melhores ou piores do que os outros, mas sim por causa de uma situação sua muito delicada e curiosa. Acontecia que na guerra civil o Brasil tinha ajudado as forças do governo com o envio de peritos e de armas com que combatiam a UNITA, pelo que as pessoas não nutriam uma particular simpatia por eles nas zonas dominadas pela UNITA e onde apareciam depois outros oficiais brasileiros no estatuto de observadores. Eram mais tolerados, por constar entre os pontos acordados a sua inclusão na missão, do que apreciados. Quando Savimbi perdeu as eleições e a guerra civil se reacendeu, as cúpulas da missão decidiram evacuar dos pontos mais quentes os seus observadores. Os primeiros destes campos postos em perigo a serem evacuados, e não por mera coincidência, foram aqueles onde serviam brasileiros, expostos a uma ameaça ainda maior. Temos registo de casos quando pessoas treparam a cerca das bases dos observadores da ONU e dispararam contra eles, mas sabemos também de casos específicos, quando observadores brasileiros foram encontrados meio mortos, pela sova que levavam por parte dos rebeldes. Nestas circunstâncias, talvez não seja de estranhar uma certa psicose da sua parte. Os brasileiros não tinham confiança em rigorosamente ninguém, nem nos angolanos, nem nos outros participantes da sua missão, de quem pensavam poderem ser traídos e/ou eventualmente entregues ao furor da UNITA. Embora não com eles, passou-se também algo bastante parecido na base onde Pintér servia. Era já Novembro ou Dezembro, quando notaram uma estranha transformação na aldeia do seu campo. É que a pulsação da localidade estava diferente. Espreitando fora, notaram a total ausência de mulheres e crianças, pois pelas ruas só passeavam os homens. Elas tinham sumido. Estavam desaparecidas. De repente aperceberam-se de que os seus vizinhos passaram a ser diferentes: em vez dos inquilinos de sempre, estavam as casas vizinhas e próximas cheias de soldados da UNITA. Não tardaram a ver um capitão da UNITA, a quem tinham uma certa amizade, aparecer um dia armado, com a pistola à cintura, e já eram também os homens que abandonavam a aldeia. Reinava um silêncio muito tenso e pouco natural, e os observadores da organização mundial passaram então a uma outra condição: de observadores a observados, sentindo-se agora cercados, embora não cortados do mundo exterior. Não sabiam o que se passava, mas o comandante do campo de acantonamento da UNITA, através de mensageiros e contactos, fez-lhes saber que não podiam voltar a aproximar-se do campo objecto da sua verificação, caso não quisessem apressar o seu martírio. Foi este o momento em que de imediato organizaram patrulhas para se aperceberem da situação nas imediações, e constataram que nas aldeias vizinhas estava gente de novo armada a tomar as rédeas da situação, pronta e de metralhadora. Os homens armados na sua aldeia não se mostravam hostis: os capacetes azuis podiam deslocar-se livremente para onde quisessem, à excepção do campo da UNITA, que estava interdito às suas visitas. Passaram alguns dias nesta estranha e peculiar situação, quando um oficial indiano foi a Uíge para os abastecer de água. Disse que ia lá e que regressaria na manhã seguinte, o mais tardar. Acontece que nunca mais voltou, muito menos no dia a seguir. Foi então que souberam que as coisas andavam pior nas cidades vizinhas: em Negage havia um quartel das forças do governo e Uíge era a capital, sede administrativa da província. Houve um ataque de golpe de mão por parte das forças da UNITA, que surpreendeu e vitimou membros da administração local e os soldados do governo, os quais foram sendo perseguidos. Sabiam onde é que moravam, iam lá procurá-los e fuzilavam-nos. Em certos edifícios, onde se sabia estarem os donos ainda dentro, meteram bombas e explodiram com eles. Foi esta a situação que esperava o oficial indiano, que tinha considerado mais prudente nem

tentar voltar à sua base. Simplesmente fugiu, abandonando os outros em Bungo. O tenente-coronel teve depois que informar o quartel-general de que tinham ficado sem viatura. A promessa era receber um carro transportado por helicóptero. Segundo os planos, vinha também nesse transporte o capitão Balogh Ferenc, que devia ser levado por Pintér para Negage, para a cidade que já estava nas mãos da UNITA. Acabaram por chegar dois helicópteros, um trazendo o jipe e o outro gasolina para os aparelhos ficarem reabastecidos, pois o que vinha sobrecarregado com o carro consumiu imenso combustível. Os helicópteros aterraram e os observadores descarregaram a viatura, em que seguiram a viagem para Negage, depois de os helicópteros terem levantado voo. Quando chegaram a esta cidade, estava sem iluminação e saqueada por bandos armados. Tiroteio já não se ouvia, mas largas dúzias de cadáveres jaziam nas estradas. Depois presenciaram também ajustes de contas internos da UNITA. Acontece que a UNITA tinha bastantes delegados nas novas forças armadas conjuntas e, com o recomeço das hostilidades, nem todos obedeceram à chamada para voltarem para a sua anterior obediência. Estes foram perseguidos e, quando não conseguiram “reformatá-los” ou “reconvertê-los”, foram executados se capturados. Provavelmente foram estas as vítimas em que tinham tropeçado ao entrar na cidade.

O oficial húngaro, quando servia em Bungo, chegou a estabelecer laços de amizade com o comandante do campo da UNITA, o coronel Gongo, e com o seu subcomandante, o tenente-coronel Tujula. Durante a guerra civil, Gongo tinha participado em atrocidades que não lhe permitiam passar para as fileiras das novas forças armadas conjuntas. Estava proscrito. O seu subalterno, o tenente-coronel Tujula, foi por seu turno integrado no novo exército e subiu de patente, passando a coronel, e quando recebeu a ordem de regressar para junto dos seus anteriores companheiros, recusou obedecer. Foi detido e levado para o campo onde servia, onde o encarceraram e torturaram para o fazerem voltar para as fileiras da UNITA, além de lhe fazerem chantagem com a família retida como refém. Tudo isto chegou ao conhecimento do tenente-coronel Pintér, quando o coronel angolano foi libertado por algum tempo e, se calhar por razões de abastecimento, veio ter com ele para lhe contar o que se passava. Resumindo, não foi pouca a crueldade da UNITA mesmo para com os seus. Entretanto, o estado da segurança tornou-se tão imprevisível que o comandante sectorial (ou seja, o da região dos observadores) não autorizou o seu regresso Bungo e, mais do que isso, encarregou-o de ficar com o cargo de comandante dos observadores em Negage. O seu campo anterior fora abandonado em três semanas e os dois observadores de lá também foram incorporados no ponto avançado de observação em Negage. Esses foram tempos em que receberam a ordem e instrução de serem fechados um por um todos os campos expostos a um perigo iminente. Na prática, isto significava que, além das viaturas, que se levavam, todo o material remanescente tinha que ser destruído. Quando, já em Negage, o tenente-coronel e o seu grupo tiveram que abandonar também o seu posto, foi necessário proceder desta mesma forma: destruir a comunicação do sistema de rádios, perfurando peças ou cortando fios, tornando as estações inoperáveis, tal como as máquinas de escrever, juntamente com os documentos e naturalmente os arquivos produzidos. Só as reservas de combustível não puderam levar consigo, e teriam ficado atrás valiosos equipamentos, como, por exemplo os geradores. Ficando apenas dois, o capitão brasileiro e Pintér, foi fragilizado a presença dos observadores neste teatro dos operações, porque um observador espanhol entretanto foi evacuado, tendo cumprido o seu ano de serviço. O caso do brasileiro, de resto,

foi também muito complicado, pois estava à beira dum ataque de nervos, esgotado e fragilizado. Naquele tempo, os observadores da ONU estavam expostos a muitas fricções com a UNITA, que se tornou cada vez mais agressiva e ameaçadora. No campo onde se tinha instalado a ONU refugiaram-se quinze soldados de governo na altura das matanças para salvarem a vida, não tendo sido fuzilados graças ao “refúgio” encontrado. Os soldados da UNITA, para evitar a sua fuga, ocuparam um apartamento vago ao lado e vigiavam tanto os soldados refugiados como também os observadores, estes últimos para não darem qualquer ajuda aos primeiros, claro. O tenente-coronel Pintér perguntou ao coronel Gongo, dono da cidade, porque é que soldados ocupavam posição numa área controlada pela ONU, ao que Gongo respondeu que era apenas para garantirem a sua segurança, evitando algum linchamento por parte da população civil revoltada, a qual, por seu turno, eram eles próprios que incitavam à revolta. De qualquer forma, esta era uma resposta credível, embora claramente falsa. Por muito que reclamassem, os soldados da UNITA preferiram permanecer... e o círculo vicioso ficou fechado. O escândalo aconteceu quando dois dos soldados do governo conseguiram escapar. Os guardas que estavam de serviço informaram Gongo, cuja reacção não tardou muito: a casa foi rodeada por uma unidade de soldados da UNITA, que não deixaram sair ninguém, tendo mesmo agredido o oficial húngaro que teve a ideia de tentar pôr a cabeça de fora. Pior sorte tiveram os soldados do governo, que foram arrastados para fora da sua “protecção”. Depois de detidos, nunca mais se soube o seu paradeiro.

Pouco depois, o tenente-coronel Pintér teve a visita do coronel Tujuca, que lhe veio pedir alimentos e combustível. Estava magro e visivelmente muito maltratado. Deixaram-no sair sob a condição de ir pedir à organização mundial alguma comida para poderem distribuir entre si no campo da UNITA. Vendo a sua situação, o oficial húngaro colocou-lhe a hipótese de lhe darem uma mão para conseguir que fugisse ou que se escondesse algures. Disse não, e explicou que era a família que pagaria o preço da sua fuga, e que não hesitariam em fuzilar a sua mulher e os três filhos que se encontravam na posse deles. Ou seja, não tinha nenhuma alternativa. O tenente-coronel, como estava bem aviado de comida e de combustível, não lhe negou o pedido e abasteceu-o. Do mesmo campo da UNITA tiveram também um outro visitante, renovando o pedido, mas como vinha arrogante, acabou por sair de mãos vazias. O oficial húngaro em nenhuma destas ocasiões teve que recorrer-se da ajuda da tradução do oficial brasileiro, já que falava suficientemente português. Tal circunstância acabou por virar-se contra ele, já que o oficial brasileiro pensou que estavam a tramar alguma coisa contra ele. Criou-se aí um mal-entendido e, conforme deixou registado depois no seu depoimento, pensava que o iam a matar. Assim, aproveitando-se de ser solicitado a ir procurar água, pegou num dos carros e deu-se a sua fuga. Não parou até o quartel-general, onde informou que o seu superior estava a conspirar contra a sua vida e que, a troco da sua livre saída, estava preparado para “vendê-lo”. Fez uma descrição pormenorizada das ameaças que pensava estarem a pesar sobre ele, nomeadamente que podiam torturá-lo ou até executá-lo. A situação de pânico estava relacionada com a rede de comunicação interna, que foi espalhando os casos de maus-tratos e fuzilamentos que se multiplicavam. De qualquer forma, excitado e em pânico, resolveu pôr-se em fuga e não parou até Luanda, pois deixara de acreditar em quem quer que fosse, sentindo-se traído e por sua conta caso tivesse algum problema no caminho. Resumindo, desertou e o tenente-coronel ficou sozinho na base. Telefonou então para o comandante da região de operações, o coronel Forgács László, que o advertiu para ficar, e pediu reforços para poder ombrear com

as tarefas dos cinco efectivos previstos. Isto passou-se em Janeiro de 1993. Foi então que deslocaram para Negage o major Bézi László, cujo campo de observação fora fechado. Os dois húngaros resistiram por mais três semanas até receberem também a sua ordem de evacuação.

Os observadores e a população local continuaram a manter um relacionamento normal, pese o facto de ter assumido a liderança naquela região o coronel Gongo. Afortunadamente, conheciam o seu superior, o general Apolo, com quem o capitão Balogh tinha bons laços, ao ponto de os oficiais húngaros terem sido convidados para almoçar algumas vezes com ele. Este general professava uma outra linha. Não desejava mais hostilidades e matanças, razão pela qual teve uma atitude diferente também para com a ONU. Cabe dizer aqui que nesta altura o ambiente era de certa forma hostil para com a ONU. Foram várias as atrocidades contra os capacetes azuis, o que nunca acontecia naquela região militar, já que o general Apolo tomava as rédeas com pulso firme. A ordem e a disciplina eram exemplares, pois o general punia os seus próprios oficiais de forma bem dura e sem vacilar. Num belo dia, os dois observadores húngaros estavam no caminho para Uíge, quando receberam via rádio a ordem do coronel Forgács para voltarem imediatamente para atrás, de forma a prepararem a sua evacuação, pois tinha sido decidido fechar também o seu campo. Foram-lhes comunicadas a hora aproximada e as coordenadas exactas onde devia aterrar o avião de carga que ia buscá-los. Os dois oficiais húngaros puseram-se de acordo de que não deixariam cair em mãos da UNITA as reservas de que não precisassem, deixando-as sim à disposição da missão católica de Negage, que funcionava sob a orientação de padres mexicanos. Retiraram a bandeira da ONU e a antena de comunicação via rádio, e começaram a destruir todos os equipamentos que não cabiam nas viaturas. E o problema maior era este conjunto de carros, quatro no total, que só os dois evidentemente não podiam conduzir. Contactaram entretanto a missão católica e disseram-lhes que, a troco de ajudarem a levar dois dos jipes ao ponto de encontro para a evacuação, podiam levar os alimentos e tudo que o lhes fazia jeito ou era necessário. Não faltava a cerveja, que foram oferecendo aos soldados da UNITA que estavam ao pé da sua casa, conversando em altas gargalhadas das piadas que contavam, bebendo na maior, ao mesmo tempo que os seminaristas carregavam as caixas para camiões, carrinhos de mão ou para o que tinham à disposição. Enquanto isso, os observadores cortavam fios, destruíam o material lá dentro, esvaziavam a cozinha, limpavam o campo e uma ponta à outra, pois os soldados estavam proibidos de entrarem. Foi um pouco descarado. Estando prontos, dois dos seminaristas juntaram-se aos observadores húngaros ao volante dos jipes, e esta caravana de viaturas pôs-se em marcha em direcção ao aeroporto, deixando para atrás os soldados, por esta altura já completamente bêbedos. Quando os observadores chegaram ao aeroporto militar, estabeleceram ligação com o quartel-general de Luanda, donde foram informados que o avião ia demorar uma hora ou hora e meia. Entretanto, na cidade fora descoberta a sua fuga precipitada. Os homens da UNITA chegaram e aproximaram-se dos carros. Quando uma patrulha também chegou, ligaram por rádio para a cidade, informando estarem ali as quatro viaturas e os dois oficiais “sumidos”. Chegou também um tenente-coronel da UNITA, vestido à paisana, que lhes perguntou o que andavam ali a fazer e porque é que partiam? O tenente-coronel Pintér disse-lhe ter recebido instruções nesse sentido, mas que não fechariam o campo e que fizessem o favor de ir lá verificar. Os húngaros não pararam de rezar para que aquilo não acontecesse, pois naturalmente encontrariam o campo completamente vazio. O oficial foi-se embora e finalmente o

avião chegou, mas demorou a aterrar, tendo dado duas voltas, porque, segundo depois lhes contaram, ouviam-se disparos, provavelmente dum casario à volta. O protocolo nestas circunstâncias era os helicópteros darem a volta imediatamente, mas para fortuna deles veio buscá-los um avião de carga que, uma vez aterrado, abriu as suas portas. Desceram dois soldados que, com os oficiais húngaros, meteram os carros imediatamente avião dentro. No entanto, já prontos para saírem, começa logo uma discussão. É que apareceram duas freiras, que imploravam para serem também levadas a bordo do avião, mas os rebeldes não as deixavam subir. Pintér não estava em condições de poder decidir, pois era o capitão do avião que tinha a última palavra. Tratava-se duma monja mexicana e de uma freira negra, que os homens da UNITA estavam decididos a impedir de embarcar. O capitão do avião acabou por embarcá-las e estender a elas a sua protecção, e todos levantaram voo. Afortunadamente, o tenente-coronel não tinha voltado da cidade e a saída deles de Negage foi desta forma menos complicada. Aterrados em Luanda, eram já esperados no aeroporto tanto eles como as viaturas. Seguiram para o quartel-general, e o tenente-coronel teve que lavrar um relatório sobre todo o sucedido. Entretanto, já todos os oficiais húngaros estavam lá, após fechados os seus campos que se encontravam sob ameaça. Os observadores aqui reunidos ou esperavam o fim do seu ano de serviço ou seguiam para outras missões. O nosso tenente-coronel não seguiu nenhum destes trâmites, tendo sido destacado para comandante da divisão de logística de toda a missão da ONU, o que era considerado um sério reconhecimento. Ao mesmo tempo, foi informado no quartel-general que o oficial brasileiro fugitivo fizera uma denúncia contra ele, caluniando-o, entre outras coisas, de contrabando de diamantes, tendo sido aberto um processo de averiguação dos factos relativamente à sua actuação.

Neste processo, o tenente-coronel teve que prestar declarações por escrito sobre todo o seu procedimento. O seu relatório foi revisto pelo coronel Forgács, seguindo os bons costumes dos superiores húngaros. O depoimento escrito foi entregue, e uma averiguação interna do caso revelou que as acusações não só eram falsas, como também as calúnias tiveram consequências negativas para o dito oficial brasileiro, que foi repatriado, acusado de comportamento desonesto e caluniador. Fechado o processo, foi tomada a decisão de Pintér, à semelhança dos outros oficiais húngaros, seguir para Moçambique para lá completar o serviço nas operações da missão ONUMOZ, entretanto criada, já que praticamente todos os observadores da UNAVEM III foram retirados do teatro das operações de Angola. Primeiro passaram por Windhoek, na Namíbia, e daí os oficiais continuaram para Maputo num avião fretado pela ONU, o que já é matéria para uma outra história.

Depois de regressar para a Hungria, foram poucos os que se interessaram pela sua experiência e, de uma forma geral, a sua vivência africana despertou pouco ou nenhum interesse. Tanto ele como outros “veteranos” da mesma missão levaram isto a mal naquela altura, mas volvido relativamente pouco tempo foi criado no seio das Forças Armadas Húngaras um Centro de Direcção de Operações, onde repetidas vezes foi pedida a sua colaboração, para partilhar a sua valiosa informação com os que estavam a preparar-se para participar numa missão. Pese tal circunstância, as experiências angolanas não foram reunidas e muito menos publicadas. Segundo a opinião do tenente-coronel, valeria a pena lançar-se a esta tarefa, pois são cada vez menos as testemunhas que poderiam perpetuar uma memória de interesse colectivo.



## **Márkus Tamás, tenente-coronel do Corpo Policial**

Em 1996, o tenente-coronel Varga, da capitania geral nacional da polícia húngara, mandou apresentar-se no seu gabinete o jovem tenente policial, dizendo-lhe: “Ora bem, rapaz, agora são dez da manhã e você deve dar-me uma resposta, tipo sim ou não, até à uma da tarde, se não quiserá integrar uma missão de um ano em Angola, onde, na última hora, foi preciso substituir um efectivo”. Passada meia hora telefonou, para dizer que aceitaria mais este desafio e que estaria disposto para partir. Pese a rapidez da decisão, esta não lhe foi fácil, pois estava seleccionado para integrar um grupo de segurança que daria cobertura nos Jogos Olímpicos de Atlanta nesse mesmo ano. A sua preparação não foi muito complicada: deram-lhe dois números de telefone, com um nome que devia contactar na esquadra da polícia do bairro XVIII de Budapeste. Foi lá ter para falar com um colega que tomou uns dois minutos do seu tempo, enumerando as razões pelas quais ele nunca aceitaria tal comissão em seu lugar. A lista começava por serpentes, aranhas e lagartos, e passava pela malária, pelo que, resumindo e concluindo, o posto era só para doidos varridos. Recebeu outro endereço, por causa das vacinas, e passou ainda por um depósito onde complementaria o seu equipamento – faltava pouca coisa, pois acabava de regressar de uma missão no Sara. Por isso, pegou em mais umas fardas de camuflagem tropical, uns uniformes, um aparelho de filtragem de água, redes de mosquitos, etc. A sua preparação em termos práticos estava pronta.

Fez a viagem a partir da Bélgica, num voo da companhia Sabena para Luanda, com uma escala técnica em Kinshasa, onde o avião foi reabastecido. No aeroporto era esperado por um funcionário da ONU, que o acompanhou ao acampamento central, onde ficou alojado e onde de seguida teve início a sua preparação.

Esta, por seu turno, foi já bem diferente, com muitas informações sobre o país, o contexto, o seu sistema rodoviário e os tipos de actividades envolvidas no serviço (patrulhamento, condução, telecomunicação, etc.). Recebeu também muitos e bons conselhos de índole prática, tais como, por exemplo, quando se está em patrulhamento, nunca se deve sair da estrada para a árvore mais próxima para urinar, pois nunca se deve sair da faixa do betão (caso houvesse algum revestimento na estrada em questão) para fazer as necessidades. Muito particularmente, deveria evitar esta situação junto de pontes, ou a caminho de um rio, para lavar as mãos, pois aqui certeza absoluta que o esperava qualquer engenho explosivo. Era uma iniciação na Angola das minas. Devia passar também por uma prova de inglês, que para ele foi fácil, mas houve um colega húngaro que ficou reprovado. Por causa dele, experimentou uma outra profissão: dia e noite dava explicações para o colega não voltar a chumbar, pois neste caso era mandado para casa, devendo também pagar do seu bolso os custos da viagem. Houve uma prova prática de condução, que era pouco mais do que ir em frente e depois engatar a marcha atrás. Quem acertava nas velocidades, passava o exame. Por incrível que pareça, isto também podia ser difícil para alguns, acarretando as mesmas consequências do que a reprovação em inglês: a compra do bilhete para voltar para a sua terra. Um dos seus instrutores foi particularmente chato e rude, um oficial nigeriano, temido de uma forma geral. Uma vez mandou umas bocas para uns nativos que, andando armados, não hesitaram em se vingar: pela frecha da posta atingiram-no numa perna, ficando a perder sangue e vida antes de ser evacuado.



O jovem polícia húngaro, acabado o seu curso, teve de esperar algum tempo na capital até receber o seu posto, a sua colocação. Como era novo e novato, esperava-o um dos piores campos, ou pelo menos considerados como tal, em Maquela do Zombo. Esta é uma localidade junto da fronteira congoleza, onde serviu o dobro dos três meses previstos. Pese tais circunstâncias, podia considerar-se um felizardo, pois vivia no único edifício de tijolo de toda a região. Diga-se de passagem que este luxo não era acompanhado nem por luz nem por água canalizada, pois era numa casinha ao lado que estavam instalados o gerador e o filtro da água, para completar o conforto. A água era trazida de um rio de água poluída e bombeada para um barril disposto no teto da casa, de onde tomavam banho. Não se atreviam, estando também proibido beberem dessa água. Tinham um equipamento de filtragem ultravioleta de água, com que obtinham um decilitro por hora, pelo que funcionava todo o dia, para lhes dar água para ferver, utilizada em sopas ou em chá. Abasteciam-se principalmente de água engarrafada, que recebiam por encomenda da capital. Ou seja, reinava certo puritanismo quanto as suas condições de vida, já que nem havia vidros na janelas e nem porta tinham...

O seu campo ficava a várias centenas de quilómetros do quartel-general da missão, onde só podiam chegar fazendo várias escalas. Primeiro ia-se, salvo erro, até Uíge, em cujo campo devia esperar um ou dois dias pela sua “ligação”, dormindo num cantinho numa tenda. Chegado o Cessna, seguia a viagem, mais o homem do que a sua mala, pois muitas vezes esta já não cabia, circunstância que foi responsável por vários conflitos. Acontece que a “mala” era a água potável que se levava e podia ficar “para trás” em certas ocasiões. Quando, por exemplo, se devia dar prioridade ao carregamento de vinte quilos de carne em conserva do seu comandante sueco, ficavam com muita falta de água. As tempestades tropicais também podiam fechar as vias normais de reabastecimento: água, conservas ou mesmo o gasóleo podiam demorar dois ou três dias, tornando ainda mais duras as suas condições.

A comida compravam-na no mercado local, onde, em termos práticos, nunca havia carne. Muito de vez em quando compravam uma cabra viva – motivo para festas e regozijos – ou então uns frangos pele e osso, que dava dó matar. Se havia galinhas, mais valia tê-las para ovos. O tamanho dos ovos era também minúsculo, mais de pombo do que de galinha, para os padrões da Hungria. As galinhas traziam uns laços coloridos para serem identificadas, e assim sabia-se a quem pertencia o animal. Numa ocasião, assistiram à caça a um ladrão de galinhas, perseguido pela aldeia toda, o que muito desaconselhava tentarem “vias alternativas” de abastecimento. Por esse motivo, o frango também não fazia muito parte da sua dieta. Comiam mais umas papinhas à base de tubérculos e raízes, couves, e sobretudo muita e variadíssima fruta. Ninguém ficava com fome, mas de carne certamente é que não se alimentavam. Havia momentos de excepção, quando os caçadores voltavam com alguma gazela, que logo iam comprar, para sentirem um sabor realmente a carne, e que não fedia a cabra. Isso era sempre muito criticado pelo comandante sueco (ambientalista, mas bem abastecido de carne de conserva que nunca pensava em oferecer aos subalternos), que os denunciava por terem comprado carne de animal selvagem sob protecção. Pior só foi o caso quando compraram uma galinha sultana em vias de extinção. A eles parecia-lhes porém que as redes de abastecimento de carne sueca enlatada não estavam a ser ameaçadas da mesma maneira... O comandante, de resto, tinha alguma razão, pois os animais selvagens

estavam a desaparecer. Apenas numa única ocasião viram um elefante vivo durante o patrulhamento... O que achavam no mercado eram cebolas e tomates, e o que nunca perceberam era porque é que cresciam tão pequenos, pois uma cebola roxa não passava do tamanho duma cereja e um tomate ligeiramente maior já se contava como recordista. Márkus contava que na Hungria podiam chegar ao tamanho duma maçã, e ninguém acreditava. Pior ainda era que no sabor também não competiam com as versões europeias, estando também muito longe de poderem ser adquiridos com a mesma facilidade. Vale a pena ainda falar da cerveja, de que a oferta se limitava a uma marca de mau sabor, importada do Zaire. Sendo a única a que se tinha acesso, não demoraram muito a se familiarizar com ela.

O ponto de observação que ocupavam era a casa da autoridade local, que a alugava para a organização mundial. Pintaram-na e colocaram umas persianas na janela, para ficar mais protegida do sol. Instalaram um WC com autoclismo, utilizando a água disposta no tecto. Mas o que mais prestígio lhes dava era sem dúvida ser a única casa iluminada ao cair a noite, o que por um lado atraía todos os insectos possíveis, mas por outro lado permitia verem televisão. Ver é uma forma de expressão, pois transmissão não havia, nem captavam nenhum canal. O que tinham era um grande ecrã de televisão *Sharp*, que receberam de algum lado e que ligavam a um videogravador. Tinham ainda um limitadíssimo número de cassetes, nomeadamente do Mr. Bean, que foram vendo até conhecerem o filme de cor. Não eram os únicos que viam televisão. A curiosidade atraiu também nativos... Virada para a janela, a TV serviu depois de cinema e passatempo popular na aldeia. No mês seguinte, o Mr. Bean em sessões contínuas tornou-se extremamente popular por aquelas bandas. Os primeiros dez habitantes que estavam a espreitar por entre as persianas o espectáculo foram espalhando a notícia deste luxo.

A sua base ficava a escassos quilómetros da fronteira, à beira duma estrada (mais propriamente dizendo um sendeiro), onde a tarefa principal do polícia húngaro e dos seus companheiros consistia em obstaculizar o contrabando de armas. Como cumpriam um serviço sem possuírem eles próprios armas, cujo tráfico vigiavam, esta actividade não estava isenta de perigos. O próprio comandante dos observadores também só por um triz escapou de levar um tiro, e a partir daí receberam a ordem de nem tentarem parar os contrabandistas, apenas anotarem a matrícula, o tipo do carro e, no melhor dos casos, a sua identificação. Foram instruídos para nem pensarem em saltar para diante dos carros, fazerem sinais para parar ou outra actividade que os pudesse levar a ficarem expostos a um perigo desnecessário. Bastava apresentar um relatório da infracção. Foi precisamente isso que fizeram. Geralmente de noite eram acordados pelo tremor da terra, seguido de um ruído, e não tardava muito até os contrabandistas aparecerem. Então corriam para fora da casa, contavam o número de carros que passavam e voltavam a deitar-se. Esse não foi o caso do seu comandante sueco, recém-nomeado, que os fez levantar para saírem todos de casa, de lanterna na mão a tomar posição no meio da estrada para mandar parar a caravana de veículos. Márkus pediu-lhe, implorando, que não fizesse isso, primeiro em inglês e depois em todas as línguas possíveis, tentando fazê-lo entender, puxando-o pela manga, gritando que não, que se deixasse daquilo se amanhã não quisesse ser notícia de necrologia. Aconteceu que desceu dum dos carros um indivíduo de olhos como relâmpagos, e o sueco, precipitando-se para viatura, ia saltar para cima dele. O polícia húngaro foi atrás dele, para tirá-lo de qualquer maneira daquela estúpida situação. O polícia húngaro era um jovem, mal havia cumprido 24 anos, ao passo

que o seu superior, maior e mais experiente, de alta patente de tenente-coronel, tinha pelos vistos menos instinto para aperceber-se do perigo mortal e do sarilho em que estavam metidos. Márkus agarrou-o e atirou-o para chão, gritando que, se não ficasse quieto, seria com ele que teria que lidar. Basta dizer que sobreviveram os dois, recebendo porém uma jamais esquecida lição do que é andar armado ou não... Em outras ocasiões, foram alvo da pontaria dos contrabandistas que, escondidos por detrás duns arbustos, andavam a brincar com eles, mas os observadores achavam muito pouca piada a esta brincadeira. Como também quando viajavam numa caravana de carros e ouviam o silvar das balas, que de vez em quando batiam e faziam um som diferente no metal do carro furado. Não era muito indicado saírem do carro para ver o que se passava, mais valia nem desacelerar, bem pelo contrário.

O campo, que era uma base mista de militares e de polícias, cujo comandante era sempre um militar, primeiro o sueco seguido por um queniano, era considerado relativamente pequeno e nele serviam apenas uns seis ou oito observadores. Como se para contra-balançar o já mencionado sueco, o comandante africano era de um excelente sentido de humor, propenso a uma certa preguiça despreocupada. Quando acordado, ia apresentar-se ao rádio, mas voltava logo que podia para a sua cama, salvo quando expressamente exortado a dirigir uma patrulha, para verificar o que se passava. Os efectivos eram de composição mista e verdadeiramente multicultural, provenientes da Jordânia, Bangladesh, Zimbabwe e Zâmbia, e foram rodando durante os seis meses de serviço do polícia húngaro, conforme cada caso. Se alguém saía, cumprido por exemplo o ano de serviço, vinha um outro em sua substituição, que foi o caso de um ucraniano, com quem se dava particularmente bem. As amizades faziam correr sempre mais depressa o tempo, passado sobretudo no patrulhamento regular daquele troço de trinta quilómetros da estrada transitável. A patrulha levava seis ou sete horas na sua ida e volta, e todos os dias rodavam os observadores. Os que estavam de serviço verificavam ainda os movimentos junto da fronteira, do que elaboravam os respectivos relatórios diários.

Foi neste campo que o tenente Márkus passou pelo ataque da malária, em circunstâncias assaz complicadas. Verificou-se a Lei de Murphy, dir-se-ia, pois uma tempestade tropical e a doença coincidiram, e por esta razão não pôde ter sido levado ao hospital de helicóptero e a sua evacuação foi impossível. Márkus nunca se sentiu tão mal como daquela vez, quando dum momento para o outro, sem nenhum sinal que o indicasse, começou a sentir um calafrio e a tremer, para em menos duma hora chegar ao estado de perda de sentidos e alucinações. Na dor, gritava em húngaro, sobressaltado, que o acudissem e que os colegas se apercebessem da gravidade da sua situação e chamassem o helicóptero-ambulância. Eles não tardaram em fazer a chamada, mas o helicóptero não veio, pois não podia por causa da tempestade. O que o salvou foi o excelente relacionamento com o campo de refugiados do outro lado da fronteira, no Zaire, em que funcionava uma equipa dos Médicos sem Fronteiras. Mantinham o contacto por rádio e visitavam-se mutuamente, pois organizavam uns jogos de vôlei para se divertirem. Veio um médico colombiano de lá, logo que contactado, para tratar do jovem polícia húngaro, mas estava completamente carente de quaisquer meios. Como não podia dar-lhe uma infusão, tinha que improvisar: pegou em duas garrafas de plástico de dois litros cada, em que meteu uns sais diluídos na água que o paciente tinha que beber, mesmo contra a sua vontade. Sabia que se não bebesse a sua dose diária, morria. O líquido cheirava mal, dava náuseas, mas ele tapava o nariz e engolia o remédio de péssimo

sabor, mas salva-vidas. Não deixava também de tomar os comprimidos de quinina, que tiveram por efeito secundário quase a perda da audição: era um zumbido contínuo, como se alguém não parasse de tocar uma campainha. Foi depois duma cura de uma semana que começou a melhorar ligeiramente, sentia como se estivesse a recuperar-se duma gripe. Continuava abatido, sem apetite algum, mas estava salvo, e aguentava-se cada vez melhor.

A população era duma forma geral amistosa. Acontece que alguns excediam mesmo este nível de amizade para com os observadores, como o caso dum capitão chamado Domingos, que tinha umas seis esposas e um sem número de filhos, aliás. De vez em quando, uma das esposas passava por eles, logo de manhã, para tomar lá o pequeno-almoço, pois eles ainda tinham umas manteigas em lata. Passado algum tempo, basicamente uma delas ofereceu-se-lhes de tal forma, que passava a incomodá-los, pois eles bem sabiam que ultrapassar certos limites não teria significado uma falta de cortesia, mas sim um perigo iminente. O capitão foi informado, mas depois veio ela acompanhada do marido, para repetirem sorridentes a mesma proposta, que os oficiais húngaros nunca teriam tido a ousadia de aceitar...

Mas as pessoas duma forma geral foram hospitaleiras para com eles, como demonstra o seguinte caso. Quando estavam precisamente num patrulhamento, avistaram uma choça de barro com um lindo quintal com umas roseiras, a terra batida varrida e o anfitrião à espera deles na sua porta. Convidou-os para entrarem. Já eles estavam a preparar algum dinheiro para recompensarem a comida fraternalmente partilhada (metade dum prato de arroz e a metade duma cerveja), quando o anfitrião disse que não aceitaria, pois era por pura amizade que os tinha convidado para a sua mesa. Os observadores encontraram muitos angolanos levados por esta atitude de gestos humanos, magnânimos, sobretudo na província, onde a escassez dos meios estava associada a um tradicional comportamento para com as visitas. O dinheiro, de resto, tinha muito pouco valor e importância. As pessoas iam-se bebendo e dançavam: nunca tinham conflito algum com a gente da terra. A título de curiosidade e a exemplo da ingenuidade, conte-se o caso de um vizinho se ter lembrado de construir a sua casinha no meio duma pista de aterragem, num aeroporto junto do campo militar. Há menos de uma semana que aí estava aterrado um avião, que o senhor parecia ignorar, mas como tinha visto que o terreno estava bem plano e não tinha que usar da sua catana para o limpar, resolveu construir aí a sua casa. Nunca teria pensado que essa faixa podia ter sido eventualmente utilizada para outras finalidades, até irem lá informá-lo e desfazer a sua choça, enquanto um avião já estava a dar a sua segunda volta no ar. Pediu desculpas e levou o material da sua construção desfeita para outro lugar menos movimentado. O avião conseguiu aterrar nas calmas, e o assunto ficou arrumado.

A propósito disto, o tenente Márkus, na qualidade de polícia, teve também alguns casos de quebra-cabeças. Numa ocasião, os homens duma aldeia entraram na aldeia vizinha, montados num camião IFA, e raptaram todas as mulheres. Na noite seguinte os homens da aldeia roubada foram recuperá-las, e o tenente Márkus teve de averiguar o que é que se tinha passado. Mas tiveram que proceder também a uma investigação, levantamento de verificação aliás, pois não tinham competência para efectuarem nenhuma investigação policial propriamente dita dum homicídio. Para tal tiveram que viajar uns vinte quilómetros de carro desde o campo militar, e a outra

metade da viagem numa jangada e a pé, até chegarem à aldeia onde tinha ocorrido o caso. Vivia lá uma rapariguinha, que devia ter alguma doença incurável e que fora levada junto do xamã local, para este efectuar a sua cura. Pese o tratamento, a rapariga morreu, e o curandeiro foi culpado pela multidão, que resolveu matá-lo por vingança. Os polícias não tinham nenhuma testemunha que quisesse dar o seu depoimento, nem prova criminal, e só sabiam ter acontecido realmente tal caso ao irem encontrar uma campa fresca no cemitério, sobre o qual estava deitada uma muleta e apenas um sapato. Como sabiam que o xamã era perneta, tinham-se apercebido que o alvo da vingança popular estava enterrado lá. O caso não teve aliás quaisquer consequências, não funcionava lá nenhuma força policial local que tivesse indagado o caso, e nunca era visto por ali polícia algum.

Depois de ter cumprido aí seis meses de serviço, o polícia húngaro foi temporariamente colocado num “no name camp” junto dum lago, na parte central do país, onde servia com um colega ucraniano. Daqui seguiu para o paraíso de Namibe, pois em relação ao seu posto anterior, era um luxo em todos os sentidos da palavra. Foi aqui que passou os restantes cinco meses de serviço, numa base tipo “A”, junto ao mar. A base dos polícias era uma mansão com piscina (que não tinha água) e as condições eram óptimas: na cidade portuária compravam todos os dias peixe ou carne frescos e todos os artigos que tanta falta tinham feito no seu posto anterior.

Namibe anteriormente era uma cidade balnear muito desenvolvida, com tudo: avenidas, mansões, discotecas, praias de areia dourada, etc., que agora estavam abandonadas, faltando-lhe qualquer tipo de cuidados. A cidade parou no momento quando, 30 anos atrás, os portugueses a tinham abandonado. Exemplo e símbolo deste processo poderia ser aquela árvore crescida no meio duma auto-estrada de faixas duplas, que por ser grande ninguém arrancava. Mas era uma linda cidade, que oferecia tudo do que o tenente-coronel tinha anteriormente sido privado. Das choças sem electricidade, chegou ao mundo do consumo: estava mimado, pensava, no colo de Deus.

Os polícias da ONU tinham que fiscalizar os barcos que chegavam ao porto, verificando a sua carga, abrindo pontualmente alguns dos contentores. Também efectuavam patrulhamento com os militares até Huambo, observando se as disposições do Acordo de Lusaca eram respeitadas. Com a população local mantinham um bom contacto, da mesma forma do que no Norte, na região de Maquela. A única diferença que havia era que lá era a UNITA e cá as FAA, ou seja, as forças do governo, que estavam a dominar a zona de observação. Tal separação não acontecia noutras paragens.

A segurança pública era bastante maleável e, duma forma geral, na capital aconteciam coisas mesmo duras. Era prática recorrente os carros da ONU estarem dotados de umas grelhas de metal nos seus pára-brisas, já que quando estavam parados num semáforo, andavam logo amotinados à sua volta bandos de adolescentes, que não apenas iam mendigando, mas que, distraída a atenção, iam roubando peças, e muito frequentemente tiravam das molduras de plástico também o pára-brisas, e logo desapareciam com ele. Era um jogo popular. Quando o tenente Márkus chegou, perguntou o porquê das grelhas protectoras no carro. Já verás, foi a única resposta. De qualquer forma, era perigoso ficar parado junto da sinalização. Se tinham que resolver aí qualquer assunto, eram imediatamente abordados por trinta ou quarenta rapazes, e neste caso a solução era escolher o maior deles, dar-lhe algum

dinheiro e a troco disso ele ia afastando os mais pequenos. Caso contrário, teriam desmontado o carro, peça por peça, roubando-lhe tudo. Além destes bandos, estavam sempre à beira da estrada outros pedintes, os inválidos, pernetas, feridos e mutilados por causa das minas, que mendigavam na sua triste situação. Era horrível. E perigoso, como as favelas que iam surgindo à volta da cidade, onde os carros da ONU eram impreterivelmente roubados. Muitas vezes os ladrões não eram a rapaziada ou os criminosos, mas os próprios polícias que controlavam e desviavam para si os nefastos lucros da criminalidade. Em vários pontos de Luanda estavam instalados pontos de passagem e de controlo policial, onde em princípio os carros da ONU não deviam parar e tinham passagem livre, embora na prática, e sobretudo de noite, quando se sabia que os observadores também andavam em “missões de lazer”, pois iam para festas, estas viaturas fossem também logo paradas. Nestes casos, era preciso dar uns cinco ou dez dólares, caso contrário teriam tirado o dinheiro à força, não poupando a violência. Por esta razão, independentemente do motivo das suas saídas, os observadores da ONU iam já com o dinheiro pronto, que reuniam anteriormente. Baixavam a janela do carro, entregavam a “multa”, os polícias angolanos faziam continência, e seguiam o seu caminho. Os polícias não eram nada moles. O polícia húngaro foi aliás testemunha ocular dum espantoso episódio, quando ao pé duma discoteca um polícia local deu um tiro na perna dum soldado que parecia querer levar a sua namorada para o bailarico. Com aquelas pernas nunca mais.

A situação na província era completamente diferente. As pessoas conheciam os observadores, que as cumprimentavam e eram vistos também de havaianas a fazer as suas compras diárias no mercado. Lá ninguém teria pensado em agredi-los, até porque sabiam que não tinham dinheiro, pois era regra geral nunca andarem com mais do que o suficiente para o seu auto-abastecimento. Tal medida de precaução justificava-se pela generalização dos roubos cometidos contra observadores, depois que a UNITA se tinha desobrigado de cumprir o acordo de paz. Por tais actos dos rebeldes, a própria missão da ONU, a UNAVEM II, ficou suspensa temporariamente.

Cumprida a sua missão, o tenente Márkus entregou os equipamentos recebidos lá, foi posto num avião da ONU que o levou a Joanesburgo, de onde seguia com um voo da Lufthansa até Frankfurt, e depois até Budapeste. Chegado a casa, não sabia muito o que fazer de si, já que a sua experiência não tinha um valor directamente convertível. Pediu para ser destacado para o corpo policial da província de Pest, para um outro tipo de função, que, com poucas interrupções, continua a desempenhar até hoje.

Pese o facto de a polícia não ter encontrado aproveitamento para as suas experiências africanas, tal não se aplica a si próprio. Voltou a candidatar-se a outras missões, onde as suas experiências e competências adquiridas lhe prestaram um bom serviço. Por outro lado, foi depois convidado regularmente para passar aos colegas seleccionados para missões deste tipo as suas vivências pessoais, nos cursos no Centro de Formação Internacional do Ministério Interior. Estas vivências acabaram por ser úteis, através de apresentações relativas às missões, e sobretudo no que diz respeito aos aspectos de direito criminal, cooperação entre polícias e civis, e outras informações afins.



Em 1992, o então capitão Makay Viktor estava a ser transferido do Regimento de Batedores nº 24 Bornemissza Gergely para o regimento de reacção rápida de Szolnok, e regressava de uma conversa pessoal que tivera lugar no comando regional de Cegléd. Nesta viagem, cujo itinerário foi Cegléd-Budapeste-Eger, teve de esperar duas horas para a sua transferência, e resolveu matar o tempo passando pelo Ministério de Defesa, que se situava bem perto da estação ferroviária. Lá encontrou o coronel Szabó László, com quem servira na missão da ONU no Iraque, e que na altura era o responsável pelo assunto das missões da ONU. Como tal, tinha a possibilidade de indicar pessoas idóneas para serem convocadas para a participação em missões no estrangeiro. Depois de uma breve conversa, foi isso que sucedeu: ofereceu ao capitão continuar a servir numa outra missão no estrangeiro, só que a possibilidade agora em aberto era Angola. Depois do consenso do seu comandante, foi frequentar um curso de preparação de três semanas na Academia Militar Zrínyi Miklós, juntamente com outros oficiais seleccionados para a participação nessa operação de paz. Receberam uma preparação pormenorizada por parte dos peritos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Gabinete de Serviços de Inteligência Militar, em que foram reunindo vastas informações jurídicas, sanitárias e mesmo um mínimo de “português militar”. Para a época pode considerar-se que foram também bem apetrechados, se bem que alguns equipamentos acabaram por revelar-se inaptos ou inúteis.

Depois da sua preparação, o capitão<sup>327</sup> fez a sua viagem para a missão UNAVEM- II da ONU em Angola, onde, após uma preparação local específica, foi colocado no campo militar de Mucosso, na região sudeste do país, situado no triângulo das fronteiras de Angola, Namíbia e Zâmbia, junto do rio Okavango. Com um outro polícia, foi encarregado de controlar o trânsito fronteiriço e, através da sua presença física, dificultar o labor dos contrabandistas. O comandante do sector de Mavinga era um coronel canadiano, Cameron Ross, que depois foi incumbido de formar um grupo preparatório de peritos, responsável pela criação do núcleo da implementação do estado-maior do que viria a ser a missão de verificação da fronteira entre o Uganda e o Ruanda – a missão UNOMUR.<sup>328</sup> Estes peritos foram escolhidos de entre os efectivos activos de mais elevada capacidade da missão

---

<sup>326</sup> Texto organizado por Besenyő János, com base em entrevista gravada em novembro de 2011.

<sup>327</sup> Em abono da verdade, naqueles tempos a patente de Makay Viktor era de primeiro-tenente, mas como nos começos da década noventa eram muito poucos os que falavam inglês e detentores das capacidades requeridas para poder participar em missões, muitas vezes recorria-se ao estratagema de os subirem de patente nas Forças Armadas Húngaras. Isso foi possível por uma “promoção” temporária, recebendo o oficial húngaro a patente requerida para a missão (*mission rank*). Depois de cumprido o seu período de serviço, os oficiais voltavam para o seu posto e patente anteriores. O caso inverso (o de servirem oficiais de mais altas patentes num posto inferior) só acontecia pouquíssimas vezes. Nos finais da década noventa, tal estranha situação foi ultrapassada, já que então havia suficientes oficiais que falavam inglês a se candidatarem para uma missão no estrangeiro.

<sup>328</sup> Sobre o coronel e a sua actividade, faz também menção o tenente-general canadiano Roméro Dallaire no seu livro sobre o massacre do Ruanda (*Shake Hands with the Devil: The Failure of Humanity in Rwanda*).



angolana. Makay Viktor tinha sido seleccionado para esta elite: o grupo de peritos indigitados.

Nos inícios de Janeiro houve uma deterioração da situação em Angola. Jonas Savimbi, que tinha perdido as eleições, tendo portanto ficado na oposição, decidiu voltar para o mato e continuar a sua luta contra o governo. Desta forma, a UNITA violou o que tinha assumido num cessar-fogo anterior, para além dos acordos. Isto não significava apenas o recomeço dos ataques armados contra o governo, mas foram também atacados os campos militares da ONU, acusados por Savimbi de fraude eleitoral. Os observadores da missão da ONU que operavam nos territórios dominados pela UNITA foram todos eles declarados *persona non grata*. A organização mundial fazia funcionar naquele tempo em Angola uns 70 campos militares e pontos de observação (Team Site), cujo número em pouco tempo foi diminuído para 5, funcionando no território dominado pelas forças do governo. O resto dos campos ficou inoperacional, pois os seus observadores foram espoliados. O capitão Makay também se viu forçado a abandonar o seu campo militar de Mucosso, tendo sido a seguir colocado no alto-comando da ONU em Luanda. A evacuação do acampamento não decorreu da forma como teriam desejado. Já antes de as hostilidades terem sido de novo retomadas, o ambiente era visivelmente tenso, mas havia um bom relacionamento entre os observadores da ONU e os militares da UNITA. Encontravam-se várias vezes, faziam questão de estar presentes nos eventos de uns e outros, e até havia certa entreaajuda se a situação requeria algum favor. Era este também o espírito no campo militar de Mucosso, e foi por causa disso que ficaram surpreendidos e espantados com as hostilidades que sentiram da parte das fileiras da UNITA e da própria população. Os militares da UNITA, se iam caçar, sempre lhes levavam algum animal abatido, enquanto os observadores não hesitavam em oferecer-lhes água filtrada, cigarros ou electricidade, se lhes faltava. Por conseguinte, havia uma troca de ajudas e gestos de apreço entre ambas as partes. Foi por isso que lhes custou ver o ambiente de repente tão deteriorado e hostil por parte da população.

Um dia, uma centena de pessoas iradas apareceram e começaram a sacudir a cerca do campo militar por todos os lados, sitiando os observadores com uma chuva de pedradas, de que estes se foram refugiando sob a protecção das suas tendas. Isso pouco ajudava, pois a população irada derrubou a cerca e ocupou o acampamento.<sup>329</sup> Notava-se, por outra parte, que a população civil – os manifestantes “pacíficos” – estava a ser manipulada e orientada pelos soldados armados da UNITA, que acabaram por contribuir fisicamente para a ocupação do campo. Abandonando o seu campo militar, os observadores só puderam levar consigo os seus objectos pessoais, ao passo que todo o equipamento, incluindo as tendas, os geradores de electricidade, viaturas e rádios, tiveram que ser deixados aí, onde estavam. Foi nestas circunstâncias de um abandono feito à pressa que o oficial húngaro foi agredido nos rins com a coronha da metralhadora dum soldado da UNITA, para que não se demorasse tanto e acelerasse o passo em direcção ao helicóptero que os viria evacuar. Em outros lugares também não foram poupados a uma agressão, como por exemplo em Lubango, onde prestava serviço o capitão Hornyák Ferenc. Lá os

---

<sup>329</sup> A missão UNAVEM era uma clássica operação de verificação, em que os observadores estavam completamente desarmados, não lhes sendo possível transportar qualquer arma que os tivesse protegido, pois estavam ao abrigo apenas dos acordos que foram sendo assinados para oferecerem alguma garantia.

soldados até abriram fogo sobre os observadores, se bem que não houve nenhum ferido mais grave. Evitar o agravamento desta situação foi mais obra da experiente paciência dos observadores do que da boa vontade da outra parte.

Depois de a ONU evacuar a maioria dos campos militares, a maior parte dos observadores ficou concentrada no alto-comando de Luanda, onde não havia condições para acolher e abastecer um número de efectivos consideravelmente maior. Tiveram que recorrer a uma diminuição do contingente, e os que “sobravam” foram sendo evacuados para Windhoek, a capital da Namíbia, onde passavam entre 2 e 3 semanas, sendo retirada uma parte deles, terminado o seu serviço, enquanto os outros eram redistribuídos para outras missões. Foi então que passaram para a missão da ONU em Moçambique, entre outros, Varjú Gusztáv, Katona István e outros oficiais húngaros.<sup>330</sup> Durante esta diminuição do número de efectivos, ninguém não foi mandado voltar para a Hungria, à excepção daquele oficial infectado pela malária e que recuperava mais lentamente do esperado.<sup>331</sup>

Alguns oficiais húngaros – como o coronel Forgács László, o major Nyári Dezső, os capitães Hornyacsek Ferenc, Kranczizki József e Makay Viktor – puderam continuar a servir na missão em Angola. O nosso capitão foi colocado primeiro numa cidade do litoral, Namibe, perto de Lubango. Foi então que o encontrou o coronel Ross com a sua proposta, oferecendo-lhe uma posição de perito no grupo preparatório do estado-maior da UNOMOR (Missão de Verificação da ONU no Uganda e Ruanda), proposta que aceitou após uma breve reflexão.

Quando se tratava da transferência de uma missão da ONU para outra, a Hungria também tinha que dar o seu aval positivo, mas como os custos da recolocação ficavam a cargo da ONU, o Exército Húngaro não levantou nenhum obstáculo, autorizando a colocação numa nova missão. O oficial húngaro deixou Angola em Abril de 1993 e a seguir passou mais de quatro meses no Uganda, nas operações da UNOMUR, onde ainda se cruzou com os oficiais húngaros que o foram render. Voltou a ser colocado na missão angolana, onde cumpriu os restantes três meses do serviço previsto. As experiências colhidas no Uganda, num estado-maior, foram bem aproveitadas na sua nova posição, pois veio a prestar serviço no alto-comando da UNAVEM-II, como oficial de serviço, coordenando e fiscalizando o trabalho dos oficiais de serviço das bases regionais e sectoriais. Foi então que

---

<sup>330</sup> Um deles, o coronel Papp István, acabou por tornar-se um dos *peacekeepers* mais experientes das Forças Armadas Húngaras. Pese esta condição, e por uma decisão provavelmente pouco ponderada, passou muito jovem para a reforma, com uma licença especial, considerando os seus anos de serviço. Aceitando o convite da UE, serviu mais dois anos no Congo, onde participou da reforma do sector da segurança. Mais tarde, a pedido da ONU, encontrou uma colocação no Nepal, de onde foi mandado para o Darfur, onde trabalhou como vice-comandante do grupo de desarmamento. Aqui foi raptado e depois libertado a troca de um resgate nunca especificado. Presta actualmente serviço nas fileiras da ONU no Haiti. É de destacar que a ONU recorria de bom grado e com certa frequência à contratação de oficiais húngaros na reserva, já que estes tinham muito boa fama nas missões.

<sup>331</sup> Naquele tempo, eram relativamente poucos os que estavam a cumprir o seu serviço na missão e que só o tivessem feito num período parcial da sua estadia, pelo que todos aceitaram continuarem numa outra missão africana da ONU. Desta missão só houve um repatriamento (quando por qualquer razão se põe fim a um contrato), por questões de saúde, mas nunca por motivos disciplinares. Os participantes húngaros eram considerados os mais disciplinados de todo o contingente, o que se devia a um processo de selecção aparentemente adequado.

encontrou uma senhora húngara, originária de Balmazújváros, casada com um militar angolano, que no momento do rebentamento do conflito já não tinha tido a possibilidade de voltar para a Hungria. Tanto ele como os outros oficiais húngaros a ajudaram na medida do possível, até encontrarem uma solução para que ela e os seus filhos nascidos lá pudessem ser repatriados para a Hungria. Abrindo um parêntese, em Angola encontrou vários oficiais e políticos que tinham feito o seu curso universitário na Hungria, e muitos deles continuavam a falar fluentemente o húngaro.

Ao longo do seu serviço de capitão, os maiores problemas foram as condições que eram diferentes das da casa: a falta de boa água potável, a monotonia da dieta alimentar, as diferentes doenças tropicais, os bandos da UNITA e das diferentes fracções que encontrava, além dos explosivos e minas não desactivados, lagartos, serpentes e insectos venenosos. Uma longa lista. Uma vez sofreu também um acidente de carro, mas isto aconteceu no Uganda, quando um seu companheiro canadiano perdeu o controlo da viatura. Despistaram-se e, depois de darem várias voltas, acabaram por parar com as rodas viradas para cima, deixando cortada toda uma faixa na plantação de milho que ficava junto da estrada. O dono das terras começou por ficar irado, mas pouco depois viu-se finalmente compensado por uma fotografia que lhe fora tirada, uma compensação bem mais moderada do que a média que a ONU pagava de indemnização em casos semelhantes.

Foi inesquecível entre as suas vivências uma visita feita ao Lago Vitória e às nascentes do rio Nilo, pois naquele tempo eram bem poucos os húngaros que se pudessem gabar de terem passado por aquelas maravilhas. Naturalmente, considera algo muito gratificante poder ter visto também algumas das belezas naturais de Angola, como a foz do rio Okavango, justamente famosa por todo o mundo.

Depois de ter voltado para a Hungria, as suas experiências começaram por ser desaproveitadas, já que a maioria das pessoas nem sequer sabia em que estranha parte do Continente Negro tinha prestado o seu serviço na missão. É claro que em momentos como aqueles, em pleno processo de reorganização e redução do número dos efectivos das Forças Armadas Húngaras, também não era aquela a necessidade colectiva mais premente. De qualquer forma, as muitas competências adquiridas em Angola revelaram ser de máxima importância nas suas ulteriores posições e colocações.

Foi em 1992, no Departamento de Operações de Paz do Alto Comando de Nova Iorque da ONU, que foi colocada a possibilidade de a Hungria poder mandar para Angola um oficial de alta patente para a posição de comandante regional. Naquele momento foi o coronel Forgács o único a preencher os requisitos estabelecidos pela organização mundial, pelo que foi indigitado para ocupar aquela posição. Não recebeu nenhuma preparação especial focada em Angola, já que os seus superiores tinham considerado que, por causa das suas experiências em anteriores missões, não era preciso participar em mais um curso de preparação para a missão. Desta forma, recebeu os seus equipamentos e provisões e aguardou pela ordem de partida. É claro que isto não significa que não tivesse feito indagações para obter o máximo possível de informações sobre Angola e as operações que estavam em curso.

Segundo os planos, teria sido colocado na posição de comandante da região sudeste, em Mavinga. Naquele tempo, Angola estava dividida em seis regiões do ponto de vista das operações da ONU, mas em 1993, com as hostilidades reacendidas, ninguém sabia o que esperava o observador, pois a situação militar era confusa. Os representantes do ministério despediram-se dele e dos outros dez oficiais húngaros, com palavras lembrando que a situação poderia estar aquém das suas expectativas. Já estavam em Angola vários observadores húngaros cumprindo o seu serviço, sem que tivessem tido acesso a uma posição mais séria de chefia ou de comando, pois eram todos da categoria de capitães e majores. Depois deram-se conta da utilidade de estar presente no teatro das operações um oficial húngaro de maior patente militar, porque tendo em consideração a sua posição e patente podia contribuir para melhor se resolverem os assuntos dos oficiais húngaros em quase todos os aspectos da sua presença. Mal tinha chegado a Luanda, quando foi informado que as coisas não andavam de acordo com o previsto. Mavinga tivera que ser evacuada e os seus efectivos estavam concentrados em Luanda. Foi-lhe então oferecida a posição do comandante da região de Luanda-norte, o que estava de acordo com a sua patente.

A guerra tinha sido na altura retomada, pois Jonas Savimbi, o dirigente da UNITA, abandonara a mesa de negociações para recomeçar a sua luta. A UNITA foi de tal maneira bem-sucedida que os „galos” (como eram chamados pelos observadores pelo símbolo que utilizavam) chegaram ocupar 80 % do território do país. Ou seja, tudo parecia correr a favor dos „galos”, o que teve como primeira consequência os observadores da ONU terem que ser evacuados e retirados da maior parte de Angola, mantendo forças insignificantes no terreno nas diferentes regiões, sobretudo nos seus comandos sectoriais. Foi nestas condições que o coronel Forgács passou a ser o comandante da região a norte de Luanda. As suas tarefas também foram bastante particulares, porque, à medida que Savimbi ia ganhando e ocupando terreno, ele tinha que organizar a evacuação ou retirada de quase todas as forças de observadores da ONU, que estavam sob a sua alçada na região norte do país. Talvez se tenha reduzido a dois pequenos pontos de observação a sua presença física real, sendo que o resto teve que ser evacuado. Esta operação não deixou de ser também, por outro lado, muito curiosa, já que foi feita com helicópteros MI-8 e MI-17,

---

<sup>332</sup> Texto organizado por Besenyő János, com base na entrevista com o coronel em Maio de 2012.

fretados pela ONU (adquiridos e operados com pessoal soviético/russo), já que por esta altura as vias de comunicação terrestres estavam intransitáveis por causa da guerra, que as afectava. Esta operação de resgate dos efectivos teve que ser organizada segundo cronogramas e metodologias que elaboraram. Também teve que ser imposto um protocolo para o procedimento. Primeiro tinham que destruir os materiais e documentos secretos, seguidos das estações de transmissão de rádio, e assim sucessivamente, trazendo, na medida do possível, tudo o que se podia nas operações de evacuação. Os pilotos russos disseram a certa altura que só estavam dispostos a levantar voo se acompanhados por algum oficial húngaro, já eram os húngaros que tanto falavam russo como inglês. Nestas condições aterraram mesmo sob fogo cruzado. Houve um episódio caricato, quando o comandante da base, em plena evacuação, foi a correr directamente para o helicóptero, para ficar bem escondido. Nessa ocasião, coube ao oficial húngaro fazer o trabalho que o comandante deveria ter feito no seu lugar, mas com os soldados da UNITA bem próximos, dentro do raio de fogo naquela zona. É que era esta a regra geral: evacuar todos os observadores da ONU e todo o material possível, tentando porém pontualmente preservar certa presença da organização internacional. Nessa altura, os observadores estavam expostos a sérias ameaças e perigos, incluindo os húngaros. Há quem tenha estado na mira da espingarda e há quem tenha levado uma sova por parte dos soldados da UNITA, para apressar a saída do seu campo e embarcar logo no helicóptero que o evacuava. Afortunadamente ninguém não sofreu qualquer ferimento de maior gravidade. Depois as coisas foram-se acalmando.

Fez também parte da área atendida pelo comandante húngaro a província de Cabinda, o rico enclave inserido entre o Congo e o Zaire. Por coincidência, o comandante da base da ONU era um oficial húngaro. Este oficial um dia manda-lhe uma sucinta mensagem a dizer que fora raptado um oficial jordano. O comunicado limitou-se a estas palavras, tendo depois deixado de ficar acessível a fonte da informação. Instaurou-se imediatamente o pânico, pois em boa verdade desconhecia-se tudo: o que é que se passava ou como e onde tinha acontecido o episódio. A única coisa que se sabia era o nome do observador. Começou imediatamente a sua busca, mas as patrulhas voltaram sem terem encontrado qualquer pista, estando desaparecidos tanto ele como a sua viatura. O que veio a ser revelado foi que, desobedecendo às regras de segurança estabelecidas, o oficial saíra da base sozinho e fora a uma loja operada por americanos para fazer compras, tendo porém sido parado e raptado no caminho. O coronel deu a ordem de continuarem a busca com todos os recursos e meios disponíveis, e entretanto também ele, como comandante da região, pegou num helicóptero e foi para Cabinda reforçar o assunto com a sua autoridade. Mal chegou, soube-se terem encontrado o carro do oficial, escondido por entre os arbustos, embora sem qualquer rasto de sangue ou outra pista que indicasse tratar-se de um rapto. O rádio do carro funcionava normalmente, mas o rádio portátil desaparecera. O que fazer? Começaram um diálogo com os representantes locais do governo e do exército, que tinham afirmado que o oficial jordano provavelmente teria ido encontrar-se com a sua namorada e que não deveria tardar muito a voltar para a base. Alguns funcionários angolanos tinham um contacto secreto com as organizações que operavam em Cabinda e tentaram obter mais informações. Estes angolanos disseram tratar-se de algo muito feio e que se calhar tinham querido desacreditar a própria ONU com a história da namorada. Respondendo à insistente pergunta de Forgács sobre o oficial e o seu paradeiro, disseram que fora detido e que tinha sido maltratado, pois corriam vários boatos.

Entretanto tinha sido organizado para ele um encontro secreto com um sacerdote, que era a pessoa de ligação com os separatistas de Cabinda. Com o maior sigilo possível, ele e mais alguns dos oficiais foram ter com este padre, que lhes prometeu informar-se e logo dar parte dessa informação. O assunto ficou por ali e os observadores voltaram para Luanda. Entretanto, a ONU tinha contactado oficialmente países vizinhos, como o Congo ou o Zaire. Durante alguns dias não aconteceu nada e não se sabia o que se passava com o oficial. Ao quinto dia, o representante da ONU em Kinshasa informou que tinha um contacto e que o observador jordano tinha sido raptado pelo movimento separatista de Cabinda, que exigia que com eles se sentasse um alto funcionário da ONU. Acontece que a mais alta funcionária era a chefe da missão, Margaret Anstee, que não queriam ver posta em perigo. Quem poderia substituí-la? Que fosse o comandante da região dos observadores em causa, concluiu-se. Foi assim que Forgács foi mandado para Kinshasa. Com um dia de antecedência, informaram da intenção de voarem lá para negociar com as autoridades zaienses, e lá voaram. Sobrevoaram a fronteira e os controladores aéreos zaienses disseram que, mesmo não tendo a sua licença de voo, podiam continuar a sua viagem, pois não iriam ser abatidos... Quando chegaram sobre Kinshasa, não receberam licença de aterragem, pelo que ficaram a dar voltas cerca de meia hora. Entretanto, os controladores aéreos perguntaram em francês quanto combustível ainda tinham. O capitão disse que naquele momento já só o necessário para aterrarem. Então disseram-lhe que aterrassem. A comitiva foi detida imediatamente após a chegada. O coronel Forgács foi levado para a sala VIP, tiraram-lhe o passaporte e fecharam a porta à chave. „Mas como? Nós viemos para negociar com fulano tal, que todos vocês conhecem muito bem ... Tem aqui em Kinshasa o seu quartel-general”. „Nós não temos nenhuma informação.” Os pilotos tiveram uma atitude muito correcta: comunicaram por rádio a Luanda que as coisas não andavam bem e que tomassem as devidas diligências. Foram cinco horas de espera. Durante esse tempo, Forgács esteve sentado na sala, sem maiores transtornos, pois o ar condicionado estava a funcionar e de vez em quando serviam-lhe algum refrigerante, se bem que comida não. De repente aparece um jipe, no qual estavam alguns soldados e polícias pendurados aos montes, e não tarda a aparecer um senhor gordo de cor bem escura, que irrompe pela sala à procura de um oficial húngaro de alta patente. Veio a saber-se que era o chefe da polícia de Kinshasa que, para evitar um eventual desaparecimento da comitiva, tirou-lhes os passaportes e autorizou a conversa... O coronel teve pouco depois a sua reunião com o dirigente da ala militar do movimento de resistência de Cabinda e colocou algumas perguntas relativas ao observador da paz capturado. O interlocutor limitou-se a uma declaração política e exigiu que o seu ultimato fosse levado ao representante especial do secretário-geral. Prometeu porém que o oficial jordano seria libertado, apesar de todas aquelas circunstâncias. No entanto, tal libertação não teve lugar por uma razão banal, a saber, um desentendimento entre a ala política e a ala militar, tendo o oficial continuado refém. Foi então que o oficial húngaro de alta patente fez uma segunda viagem, mas desta vez com licença e tudo, podendo aterrar sem problemas e tendo combinado o lugar de entrega do refém. Isto foi no fim da terceira semana de sequestro, que não foi nem o primeiro nem o último em Cabinda, onde a mais curta duração destes actos ia além de meio ano e o resgate ultrapassava um milhão de dólares. O coronel Forgács não prometeu nem um tostão e mesmo assim conseguiu libertar o refém. Os rebeldes tiveram uma única condição, a saber, de que a conferência internacional que pediram para ser convocada tivesse lugar em Cabinda e não em Kinshasa. A Organização Mundial aceitou e a entrega do observador de



paz foi prevista para uma localidade vizinha na fronteira, em Boma, onde o único avião que estava na pista do aeroporto era o dos observadores. Levaram consigo médico e um oficial de imprensa, foram para a cidade, de lá para o mato e, no limiar da selva, para uma fábrica de cerveja. O capitão foi entregue lá, chorando nos ombros do coronel. Finalmente foi possível fazer-lhe uma consulta médica, de que aliás bem precisava, pois doença exótica que pudesse ter sido contraída, ele apanhava-a. Tinha malária, diarreia e outras infecções, e até tiveram que tirar-lhe um insecto que lhe tinha penetrado no ouvido. Depois os observadores seguiram para Kinshasa, onde a frente de libertação tinha convocado uma conferência de imprensa internacional sobre a libertação de Cabinda. Nesta, os jornalistas estrangeiros fartaram-se de criticar a atitude do movimento, dizendo que com sequestros não se alcança liberdade alguma. Pediram tanto ao capitão como ao coronel, comandante da região dos observadores, que fizessem uma declaração, e finda a conferência de imprensa, voltaram para Angola. Ao oficial jordano ofereceram-lhe a sua evacuação, por razões médicas, embora por fim tivesse ficado, tendo sido curado pelos médicos brasileiros do hospital da missão. A grande e boa surpresa do coronel Forgács foi que, passado um mês, recebeu uma carta de agradecimento assinada pelo rei da Jordânia.

O oficial de alto patente já estava prestando serviços em Angola há 6 meses, e abriam-se varias alternativas quanto a sua nova posição. Por um lado ofereceram-lhe assumir o posto de chefe do estado maior da missão angolana, que de resto teria pretendido continuar desempenhando um coronel indiano. O alto comando da ONU em Nova York, por seu turno, aventou a hipótese de ir para Uganda como comandante do grupo preparatório da sua nova missão. Esta posição acabou por ser ocupado por um coronel indiano, que em companhia do capitão húngaro, Makay Viktor, tinha feito os preparativos da abertuta desta missão. Finalmente recebeu um telefonema de Nova York em que lhe perguntavam, se estaria de acordo em seguir para Bamako, a capital do Mali, como o acessor militar do representante especial da ONU, já que na Libéria estavam para ser fechadas as negociações sobre a paz. Ele respondeu, que estava perfeitamente ao dispor das instruções que recebesse, pois considerava-se “emprestado” por um ano para a ONU por parte das Forças Armadas da Hungria. Desta forma, foi participante das negociações que decorriam em Genebra onde acompanhava ao representante especial do secretário-geral das Nações Unidas, sir Trevor Gordon-Sommers. Concluídas as negociações voltou para Angola, mas pouco tempo depois recebeu ordens de seguir para Libéria, passando a ser o chefe militar numero um da missão da paz de lá (Unomil) e de que ocupou o cargo de chefe do estado maior. Concluído entre tanto o seu ano de serviço em comissão, regressou da Liberia para a Hungria no natal de 1993. Antes de passar para a reserva e ficar reformado em setembro de 1995, viu desempenhar mais uma missão na Geórgia.

Com este rico currículo em cinco missões de paz da ONU, foi pedido pela Direcção das Operações de Paz na ONU para redigir as suas experiencias adquiridas em forma escrita. Foi com o maior prazer que aceito o convite, e foi para Nova York, onde escreveu um ensaio de 52 páginas, intitulado “ A cooperação dos observadores da ONU com as forças de manutenção locais da paz”, que mesmo hoje é um dos manuais de instrução de que se faz uso nesta matéria. Passou por tanto seis meses trabalhando no alto comando da ONU em Nova York, onde lhe foi oferecida mais uma possibilidade para por em prática as suas pouco menos vulgares

experiencias. Tendo trabalhado em cinco diferentes missões, e adquirindo vastíssimas experiencias em variadíssimas situações, falando fluentemente tanto inglês como russo, não queriam renunciar aos seus conhecimentos. Na ONU os competentes representantes acabaram por oferecer-lhe a posição de chefe responsável pela área da logística da missão UNAVEM-III, em Angola. Aceite o desafio, foi nomeado como chefe duma das mais importantes repartições da Direcção Geral de Logística, da Divisão de Equipamentos, que era o responsável de abastecer, cobrindo toda Angola de todos equipamentos necessários não só para os observadores, senão dos campos de refugiados também. Concluído o seu contrato em Angola passou a ser o chefe de operações, e depois o observador principal da OPCW – Organisation for the Prohibition of Chemical Weapons, sediado em Haia, onde também soube rentabilizar bem as suas experiencias angolanas.

## Surányi Péter, Major do Corpo Policial

Foi ainda oficial subalterno entre 1996-97, apresentou, voluntariamente, a sua candidatura para a missão em Angola. Depois de entregue esta candidatura foi chamado a apresentar uma prova escrita de inglês, seguida do exame oral, que teve lugar na Escola Superior de Formação de Oficiais para o Corpo Policial. Aprovado nos exames, foi para o Hospital do Ministério do Interior, onde passou por um exame médico exaustivo, para averiguarem a sua aptidão para o serviço. Como foi qualificado também neste, ficou seleccionado entre os candidatos que seguiriam para a missão em Angola. Não tardou muito para iniciarem um curso preparatório de uma semana numa base da Capitania Nacional da Polícia. A maioria das aulas preparatórias foi ministrada pelos antigos participantes das missões em Angola e Moçambique, respectivamente, já que o objectivo do curso foi passar as informações mais práticas. Depois de passarem pelo exame do curso, os membros seleccionados dos efectivos foram receber as suas provisões e equipamentos. Segundo as lembranças do major, os equipamentos estavam - de acordo com os níveis e padrões que caracterizavam a época - de acordo com as normas vigentes para poderem desempenhar as suas funções na missão com a eficiência esperada. À excepção do vestuário que tinha peças de materiais sintéticos, pouco aptas para as condições africanas, razão pela qual preferiram depois, as fardas de uso diário, de materiais mais aptos, incluindo a camuflagem tipo selva tropical, que estavam a par, não da moda, mas da utilidade e conforto. Uma das particularidades da missão angolana foi o fraco grau de reabastecimento de víveres, razão pela qual 60-70% da bagagem que os polícias levavam consigo eram conservas, sopas em pó, etc. ou seja, alimentos. Depois de equipados, tiveram um período de espera de, praticamente, um mês até receberem a ordem de partida seis polícias, que foram fazer a substituição dos colegas rendidos.

Os membros deste contingente, primeiro voaram com a Malév (Companhia Húngara de Aviação) até Bruxelas, e com a transferência da Sabena chegaram a Luanda, via Kinshassa. No aeroporto de Luanda eram esperados por um oficial de recursos humanos da missão, que deu um primeiro briefing, e levou-os ao seu alojamento temporário. Desfeitas as malas, começaram os preparativos para o seu curso intensivo, mais específico e focado, exclusivamente para Angola, onde receberam informações muito mais concretas do que na Hungria: sobre o terreno, o seu trabalho, a atenção especial em certos terrenos, etc., que finalizou com um exame e foi completado por provas linguísticas. Os cursos e exames que se fizeram na Hungria não estavam credenciados pela ONU e, por isso, tiveram que fazer um teste de compreensão auditiva (à base de gravações sobre situações reais) e, a parte escrita do exame foi baseada na realização de um ensaio. As outras provas e exames estavam correlacionados com o trabalho técnico: redigir participações e estabelecer contactos por rádio, áreas, onde a sua preparação apresentava mais lacunas, devido a falta de experiências e a uma menor ênfase no decorrer da sua preparação. Nenhum deles teve problemas com o seu exame de condução, já que na Hungria todos guiavam. Mesmo assim, ficaram algo assustados com os boatos que corriam sobre um oficial egípcio, que costumava chumbar os examinandos que depois, tinham a triste sorte de serem repatriados. Segundo as más línguas, houve casos de alguns contingentes que foram seriamente dizimados. Muito compreensível aliás, já que

alguns oficiais asiáticos e africanos guiavam de forma extremamente perigosa pois, nos seus países, não adquiriram prática nenhuma. Isto porque, por um lado, não tinham carros particulares e, por outro, não tiveram necessidade de aprender a conduzir: tinham os seus ordenanças, que eram os seus motoristas particulares. Por não passar o exame de condução, foi um único militar húngaro, reprovado e repatriado, acompanhado de resto por um polícia por repetidos casos de indisciplina o que, comparando com os outros contingentes, era um número insignificante aliás.

Esta sequência de exames não foi nem complexa nem muito complicada, o que era, de certa forma, o reflexo duma realidade diferente, duma missão africana: se uma missão é chefiada por dirigentes asiáticos ou africanos, os exames são mais permissivos e menos exigentes. Nas operações dirigidas por comandantes europeus ou norte-americanos há mais rigor e menos flexibilidade. Nesta operação, todos os comandantes tinham uma origem asiática ou africana o que, se traduziu também, no grau de organização e mentalidade vigentes. Tudo isto não foi mencionado pelo major húngaro como uma crítica negativa, não. Eram apenas as realidades das diferenças culturais e outras, que numa missão multicultural e plural têm que se ter em consideração no dia-a-dia das operações. Voltando ao assunto concreto, o exame de condução não resultou muito difícil e nenhum dos polícias húngaros teve dificuldade em passar até porque, a regra básica angolana e húngara (conduzir pela direita) coincidiam.

Depois de terem passado o exame, os polícias húngaros, segundo as regras da ONU, foram sendo distribuídos por campos diferentes por todo o país, mas não todos, ao mesmo tempo. Isto fazia lembrar o famoso livro policial de Agatha Christie, *Dez Figuras Negrinhas*, quando “as vítimas” foram desaparecendo um dia depois do outro. Nós também fizemos a despedida aos que partiam para o desconhecido pois, na maioria dos casos, tratava-se disso mesmo. As viagens sempre foram de manhã, ou seja, no mata-bicho eramos sempre um a menos sentados a mesa. O Alféres Surányi ficou para último, portanto, não teve nenhuma despedida. A sua primeira colocação foi na esquadra geral da polícia em Menongue, capital de província. Esta cidade, localizava-se na parte sudeste de Angola, a vários quilómetros de Luanda e a viagem fazia-se de avião: duas horas e meia de voo num C130, incluindo uma paragem técnica para reabastecimento de querosene em Lubango. Uma outra particularidade desta missão, residia no facto de as viagens só serem possíveis de avião. Acontece que não podiam usar o transporte rodoviário normal, devido à falta de segurança e instabilidade generalizada, quando, depois de reacesas as lutas entre as forças do governo e da UNITA, mesmo as viaturas da ONU estavam a ser regularmente atacadas. Por seu turno as estradas também estavam em péssimo estado, as asfaltadas quase não existiam, enquanto que, as de terra batida eram completamente impraticáveis na estação da chuva. Outro problema crucial era o dos engenhos explosivos. A direcção da missão acreditava que podiam haver 30 milhões de minas espalhadas por toda Angola, ou seja, que o país, depois de Cambodja, tinha sido transformado no segundo país mais perigoso sob o ponto de vista da existência de minas. Uns 80-90% das pontes e estradas tinham sido destruídas por minas no país. Ninguém sabia onde estavam dispersas, não as mapeavam, e o seu número aumentava constantemente com o desenrolar da prolongada guerra civil. Por esta razão, quase poderíamos dizer, com uma ponta de exagero, que até estava proibido fazer uso de transportes rodoviários. Estes estavam organizados por pontes aéreas, que ligavam os campos militares e as sedes regionais

por helicópteros, ao passo que, entre as sedes regionais e o comando da missão os transportes estavam assegurados por aviões nos quais, viajavam, além de equipamentos, os observadores da missão. Mesmo assim, e fugindo a esta regra geral, por pouco frequente que tenha sido, também se usavam as estradas, só que de forma excepcional. No entanto não foi exceção, o caso dum campo militar que estava situado mesmo no meio dum campo de minas, e onde, só por helicóptero é que se abasteciam os observadores da ONU, que voavam até lá, cumpriam o que lhes competia fazer e voltavam da mesma forma. Estes campos eram mistos, ou seja, serviam e conviviam lá, militares e polícias em conjunto. O Alferes Surányi, como servia numa cidade sede regional, não convivia com esta situação. No entanto, convivia com muitos militares e polícias, que estavam assegurados de duas formas: um regimento militar de Bangladesh deslocado fora da cidade, vigiava a segurança numa cidade rodeada por minas, que se tentavam evitar recorrendo ao patrulhamento por itinerários previamente limpos, mas nunca era um seguro de vida usar estas estradas. Portanto, o helicóptero estava, mais que justificadamente, posto ao serviço por lá também.

Os observadores de paz que estavam a prestar serviço na esquadra-geral, tinham uma missão muito diversificada, cooperando com a polícia das forças do governo e com a gente armada da UNITA. Os centros regionais, e duma forma geral, as cidades, eram dominadas pelas forças do governo, ao passo que, as zonas rurais estavam ocupadas pelas forças da UNITA: o mato, a selva, e... o resto do país. Por isso tinha a capacidade de instalar pontos de passagem e de controlo junto das cidades, e decidia autorizar, ou não, a circulação das pessoas por eles. Por outro lado, e naturalmente dentro das cidades, era tudo controlado pelas forças do governo. O acordo de cessar-fogo tinha perpetuado esta delicada situação, e os observadores da organização mundial tinham a tarefa de verificar este status quo, bem como, a não violação do que fora acordado. Para esse efeito, devia-se levar a cabo um patrulhamento regular nas imediações da cidade e nos seus nós mais importantes. O patrulhamento era, regra geral, uma tarefa militar, mas neste caso, estavam também chamados a participar os polícias que estavam integrados nestas equipas. A intenção era verificarem, se na dada e determinada passagem a circulação era realmente livre ou obstaculizada, ou se não teria ocorrido aí algum conflito armado entre as partes envolvidas. No caso da ocorrência de qualquer delito, e até o homicídio era bastante vulgar, os polícias actuavam em cooperação com a polícia local, o que não significava terem ficado integrados na investigação, mas sim, controlando o trabalho dos colegas locais, dos quais lavravam participações para os seus superiores – através de determinadas hierarquias - dando testemunho para a ONU da legalidade, ou da falta dela, durante o seu procedimento. Além disso, visitavam regularmente os cárceres, observando se os direitos humanos básicos estavam a ser respeitados, ou não, pelas forças do governo, incluindo os polícias. Portanto o seu papel era este.

A visita a uma prisão foi fruto dum processo de preparação em que o comandante do corpo policial delegado pela ONU - neste caso um tenente coronel policial uruguaio – e o comandante do corpo policial local procuravam encontrar um certo consenso, concertando os horários quando os observadores fiscalizariam as condições da reclusão, verificando, por exemplo, se a sua alimentação estava assegurada, ou não. Por outras palavras, procurava-se assegurar condições e tratamento condignos para os reclusos. Além disso, quando se tratava de

encontrarem pessoas aprisionadas sem qualquer julgamento com validade legal passado por um tribunal (que na maioria dos casos podia, puramente, não existir) pretendia-se que fizessem todos os esforços para as tirar da prisão. A título de exemplo, havia o caso de um indivíduo que estava na prisão já há quatro anos, sem que tivesse havido qualquer julgamento. Afinal de contas, ninguém sabia por que é que estava lá, mas de facto e, incontestavelmente ali estava, e foi isto, que verificaram. Não foi um assunto muito fácil, pois nem os funcionários da prisão, nem ele próprio, tinham ideia de qual era a sua aldeia e de como é que teria ido parar ali. Depois de aprofundadas pesquisas, veio a encontrar-se o rasto da sua família, que depois o levou para casa. Nas prisões e cárceres havia condições indescritíveis a todos os títulos. Não havia, por exemplo, uma alimentação centralizadamente fornecida aos reclusos, eram os próprios familiares que tinham que garantir o seu sustento. Faltando a família, estavam basicamente, condenados a uma lenta morte nestes calabouços. Outro factor incrível, que deixou o polícia húngaro também estupefacto foram as condições técnicas destes estabelecimentos, que eram um perigo de vida. Se torturavam ou não os prisioneiros, era difícil de averiguar, posto que, os presos não denunciaram tais casos, mas se os sinais de qualquer mau trato não foram vistos, já os da subnutrição eram mais que evidentes. O seu estado de saúde também era miserável, mas era difícil de acreditar no drama das condições paupérrimas em que estavam... Porque não os tinham deixado a Europa! De qualquer forma, naqueles tempos, direito e leis andavam um tanto divorciados no país. Aliás as próprias leis, que certamente ficaram apenas no papel, eram bem difíceis de perceber, até num sentido linguístico... já que o Alferes Surányi, como também, a maioria dos seus colegas, não dominava o português. Para conhecer, portanto, a lei, deviam ter recorrido à ajuda, sempre imprescindível, de tradutores para fazerem a sua interpretação. Tais tradutores em princípio existiam, eram os rádio-transmissores da missão, que eram oriundos do mundo luso-falante. Só que, para além de outras circunstâncias a comunicação com eles também não foi muito fácil ou eficiente, pois só falavam um inglês básico, no qual, não entrava muito o léxico jurídico, como também, não se podia confiar muito na credibilidade do texto “transposto”. A incomunicação e, também, a má tradução podiam ter originado – e originavam – perigos e problemas. Dar-se bem com os técnicos da rádio era aliás vital por outras razões também. Para se solucionarem alguns problemas pessoais, sempre se devia recorrer aos seus bons officios pois, mandavam-se via rádio, as mensagens aos colegas húngaros dos outros campos, recorrendo a mensagens previamente escritas à mão num pedaço de papel que, depois, o soldado do turno digitalizava na máquina. O recado era recebido, digamos em Luanda, onde havia uma caixinha para as mensagens dos húngaros, onde o iriam buscar. Muitas vezes era esta a única forma de comunicação pois, dadas as enormes distâncias, a rádio e o telefone podiam não funcionar. O sistema que estabeleceram era um e-mail primitivo e rudimentar.

O polícia húngaro participava em várias investigações de diferentes delitos cometidos. Este foi um trabalho policial clássico, tal como o que fazia na Hungria, só que em condições menos favoráveis. Os polícias da ONU averiguavam os casos que lhes diziam respeito, por exemplo, roubos de alguma pertença nas tendas onde dormiam, excesso de velocidade na condução, estado de embriaguez na entrada ao serviço. Depois da investigação lavravam as actas, que seguiam os seus trâmites até ao centro. Na região onde o Alferes Surányi estava, havia pouquíssimos casos deste tipo, já que estavam numa região calma e pouco problemática neste aspecto. Por



outro lado, as próprias condições que não favoreciam os crimes, também não favoreciam a sua investigação, devido à escassez de meios. Pese a estas, que sempre se fez tudo para fechar, o mais eficiente e satisfatoriamente possível, a investigação nos casos em que estas se produziram. Uma outra vertente do seu trabalho foi observar o trabalho dos polícias locais, e claro, sempre que tal fosse pedido, ofereceram um apoio profissional às investigações. Por isto, efectuavam visitas regulares aos postos de polícia, entravam em contacto com os chefes e os efectivos policiais das esquadras visitadas e iam-se conhecendo mutuamente. O polícia húngaro tinha a nítida sensação que, por aqueles tempos, o importante não foi o empenho profissional que exerceram, mas sim, a própria presença física. Com esta presença eram os guardiões de uma paz muito frágil, funcionavam como um pára-raios entre as forças do governo e os homens armados da UNITA.

Os polícias angolanos gostaram dos polícias estrangeiros, porque o reconhecimento dos observadores da paz da ONU tinha sido grande e o seu apreço considerável. A gente sabia o quão importante era a sua presença para proteger a paz num conflito do qual, as pessoas já estavam fartas e cansadas. Talvez se tenha devido a isso, o facto de nunca terem sido alvos de nenhuma atrocidade por nenhum dos lados. Quando efectuavam as suas visitas, era notável a alegria com que a população os recebia, de uma forma genuína, puerilmente inocente e de gente boa, que nunca escondia os sinais de sua simpatia e apreço. O Alferes Surányi sentia um apreço particular, sendo húngaro. Em Angola encontrou várias pessoas que tinham estudado na Hungria nos tempos do socialismo, e as pessoas trataram-no como se fosse da mesma família. Cabe mencionar aqui, que nunca, nem militares, nem polícias, tinham sido acusados de alguma parcialidade na sua actuação. A sua neutralidade foi sempre inegável e incontestável também. Mesmo assim, não deixa de ser curioso que, quando as insígnias ou o brasão que levavam no seu uniforme, davam a entender a sua origem, muitos, até de forma automática, dirigiram-se a ele em russo pois, sabia-se que, na época socialista, era esta a “língua franca” internacionalista. Alguns húngaros moravam, também, em Luanda, mas até foi mais emocionante ouvir um “szervusz” da boca dum angolano, com quem podia ter conversado sobre tudo, com a maior fluidez. No começo, tal foi a surpresa, que nem sequer deu conta de que lhe falavam em húngaro. Depois ficou tudo esclarecido: tratava-se de um antigo estudante angolano que tinha passado cinco anos na Hungria.

Na opinião do Alferes Surányi, das missões por ele conhecidas, era este o team site no qual as condições de trabalho e de alojamento eram mais problemáticos. O tipo de alojamento podia ser bem diferente. Há quem tenha ficado em tendas, outros em choças, ou então em barracas, ou até em contentores, mas houve quem tenha ficado em hotéis de cinco estrelas. Tudo dependia da posição e colocação da gente. As missões eram categorizadas em três classes: o tipo A, quando as pessoas viviam em tendas ou em choças de palha, longe da civilização e expondo a vida a múltiplos perigos. O tipo B, que correspondia a uma situação intermédia, onde já se podia escolher entre tendas e barracas militares e onde, o serviço era ligeiramente mais fácil, mas se tinha que trabalhar duro pelo próprio sustento e a sobrevivência. Nas boas posições e colocações da categoria “C” os observadores viviam em hotéis ou contentores, principalmente nas grandes cidades, onde as condições de compra de alimentos ou de restauração eram incomparavelmente melhores do que nas categorias supracitadas. Oficialmente, a rotação era semestral, mas os que tinham

uma rede de contactos ou cunhas, ficavam sempre melhor colocados do que os outros e podiam ficar com um posto privilegiado, enquanto os outros, iam de mal a pior. O polícia húngaro podia considerar-se como privilegiado pelo facto de ter começado o serviço numa posição “C”, numa grande cidade, onde os observadores moravam num campo de tendas militares. Esta podia não ser a melhor – a tenda de Surányi não dava para ser fechada, por exemplo, e como não dispunha de ar condicionado, aquecia rapidamente... Estava equipada com uma cama campal metálica, uma cadeira de metal e uma mesa da mesma matéria partilhada com o seu companheiro, já que viviam em pares. Este equipamento podia ser melhorado por complementos como um fogão, mas a maioria pretendia ficar integrado naquilo que se chamava uma “comuna de cozinhar”.

“Era sumamente importante conseguires ficar integrado nestes grupos de auto-sustentação, nas chamadas comunas de cozinhar, porque a sua alimentação estava a cargo do observador” - diz na sua entrevista Péter Surányi. Se alguém conseguia ficar integrado, podia reservar para si melhores condições, se não, devia fazer as compras, armazenar e cozinhar ele próprio e tudo sozinho, o que de forma colectiva era muito mais fácil. Por isso mesmo, havia uma regra básica que vertebrava o *modus vivendi* na operação da UNAVEM. Cada nação que participava na missão, devia ter alguém que servisse no alto comando da missão, para que houvesse alguém que pudesse ajudar no caso dos problemas que surgiam nos campos militares dispostos nas províncias, e que se responsabiliza por solucioná-los. Em Luanda comprava-se tudo, enquanto que, havia campos onde as possibilidades de compra eram nulas. Por isso, se alguém precisasse o colega na capital comprava alimentos, água em garrafa, cigarros ou o que estivesse a fazer falta, e despachava no próximo voo para o ponto de ligação aérea mais próximo. Por outras palavras, com este sistema montaram uma rede logística de abastecimento paralela quase institucionalizada organizada a escala “nacional”. Na maioria dos casos os homens da ONU bebiam água de poço, mas havia alguns campos, onde esta faltava e, nestes casos, os próprios observadores tinham que ir buscar a água a rios ou nascentes próximos. Banhavam-se nela, mas não só, bebia-se destas fontes pouco seguras. Por isso, houve quem se negasse rotundamente a beber desta água, recorrendo, portanto, a água purificada em garrafas, se pudesse permitir-se a este “luxo”. Acontece que, a prática da ONU era bastante contestada já que, só pagava, oficialmente, o alojamento mas, de forma assaz problemática. A diária do observador em missões de paz estava a ser calculada, neste caso, para 120 dólares, donde se descontava o preço do alojamento, ou seja, recebia-se apenas 72 dólares. Mas, não é bem a mesma coisa dormir numa tenda, com o sol a bater sobre ela, pelo mesmo preço de quem está instalado num hotel à beira-mar, com vista para o oceano. Em ambos os casos eram descontados 48 dólares, indiscriminadamente. Muitos protestaram, mas houve com certeza alguns, a quem convinha precisamente, esta situação. Como a alimentação não foi proporcionada pela ONU nesta missão, o maior desafio – para todos – residia em lidar com este desafio. Claro está que, os que estavam na província, estavam mais vulneráveis. Foi precisamente por isso, que foram inventadas as “comunas de abastecimento”, uma livre associação ditada pelas necessidades comuns. O Alferes Surányi fez parte duma comuna dos uruguaiois, ou melhor dizendo, uma “cooperativa” criada pelo Tenente-coronel uruguaio com patrícios e estrangeiros. Esta integração resultou ser vital. Ia-se reunido o dinheiro necessário e, semanalmente, iam todos às compras para ficarem abastecidos de matérias-primas. Fazia-se uma ementa consensual, que era preparada rotativamente e previamente

acordada. Assim, a pessoa que fazia o serviço da cozinha, ficava no campo militar, enquanto os restantes dez, trabalhavam mas, sempre na expectativa de se seguirem dez dias em que se isentaria de tais tarefas “domésticas” e se dedicaria aos seus afazeres. No mercado havia poucas frutas e vegetais e, mormente, limitavam-se a dois produtos, que eram complementados por batata doce, cana de açúcar e sardinhas em conserva com prazo de validade já expirado. Milho, trigo ou feijão adquiriam quando chegavam os carregamentos da FAO, dos stocks geneticamente manipulados ou hidrofílicos, se bem que, estes não eram destinados à comercialização, mas sim, a servirem de sementes nas sementeiras. Em boa verdade, os homens que não queriam morrer de fome, preferiam come-las do que as semear... Por isso, havia sempre “retalhistas” locais que iam comprando aos camponeses baratinho estas sementes doadas, para vende-las a preço de ouro nos mercados. O que foi aparecendo, também, no mercado, foi a abóbora, não se sabe donde e como, mas de vez em quando havia, e portanto, os observadores compravam e comiam com bastante frequência. Destas matérias-primas limitadas surgiram depois, as autênticas criações e combinações culinárias simplesmente, inacreditáveis na “cavaquinha” dos observadores. O Alferes Surányi não era um cozinheiro muito conceituado mas, também ele, tinha que se submeter à prova do paladar dos outros. Ora bem, nunca foi linchado, e não por razões físicas, sendo mais forte, mas sim, pela simples razão dos outros também não lhe levarem grande dianteira na arte gastronómica. Todos pretendiam fazer da melhor forma, a pouca variedade de matéria-prima predeterminada. Os pratos podiam sair melhor ou pior, mas nunca ficaram cheios e, acontece que, a fominha era grande, que como se sabe é o melhor condimento... O que era saboroso, era o pão que compravam fresco, acabado de sair do forno, ao vendedor ambulante, que o trazia num saco de plástico horrível, ao ombro, todas as manhãs. Pão quente e fresco era o seu acepipe mas, também, a comida que os saciava. O pão tinha que ser comido no dia, caso contrário, era intragável, ao passo que fresco, era uma delícia.

Carne já era mais difícil de adquirir, e era mais frango do que cabra, mas tudo bastante raro. O frango, no acto da compra ainda se parecia com o frango normal, mas depois de depenado e limpo, mais parecia a uma pomba do que a um frango. Imagine-se repartido, igualmente, por dez... Ouve quem se tenha aventurado na caça e na pesca com ajuda local, no que, o polícia húngaro teve muito pouca sorte, não por ser desprotegido por Diana, ou a sua boa sorte, mas porque os animais foram praticamente extintos pela população faminta, em toda a zona de Menongue. No tempo do seu serviço não tinha visto nenhum animal vivo, até pensava que em África não os havia mas, depois, foi informado pelos polícias locais de que boa parte da fauna, fugira da zona por causa da guerra, outra parte, fora caçada e, finalmente, uma terceira parte, foi vítima das minas. Como toda a vizinhança do campo estava minada, ficava explicada e não se estranhava a ausência total duma rica fauna local. A situação era mesmo perigosa, havia engenhos explosivos por todos os lados, e a gente não podia sair da fina cinta de asfalto das estradas desminadas. Os acidentes com minas que se iam sucedendo ensinaram também, a lição aos observadores...

A desminagem era efectuada não apenas pelas Nações Unidas, mas também, por várias organizações civis. Na missão angolana serviam sapadores especializados na desactivação de explosivos, mas estes ocupavam-se apenas das minas que punham em perigo o trabalho dos observadores e os obuses não explodidos. As outras áreas, na maioria dos casos foram sendo limpas por organizações civis. Entre

elas, o maior grupo era constituído por sul-africanos, que iam formando, paralelamente, especialistas locais. Estes eram muito menos experientes, e só podiam desactivar minas na presença de seus instructores estrangeiros e, mesmo assim, foram numerosas as baixas sofridas. Apesar dos altos riscos e numerosos acidentes fatais, a substituição das vagas era imediata, já que os novos especialistas angolanos ganhavam 150 dólares ao mês pelo seu trabalho, o que era assaz atractivo. Em muitos casos faltava-lhes um adequado equipamento de protecção, razão pela qual, estavam nas mãos da sua boa sorte. Com tudo a desactivação de minas dum determinado terreno podia não ter sido perfeita. Há memória de casos, que quando os sul-africanos acabavam de desactivar as minas num determinado troço duma estrada, que davam por inaugurada ao trânsito, no dia seguinte, a abandonar o terreno para continuar num terreno seguinte, a sua viatura explodiu num engenho explosivo anti-tanques na estrada limpa por eles, matando toda a unidade. Uma história idêntica foi a daquele oficial uruguaio, que após uma prévia experiência na UNAVEM-II, voltou para a nova edição das operações angolanas, e foi colocado como comandante duma unidade de draga-minas. Foi para o terreno em desactivação, pisou numa mina, que lhe arrancou o pé, vitimando-o com apenas uma semana de serviço na nova missão. As tristes histórias de acidentes deste tipo eram inúmeras, portanto, se a vida era importante, para os observadores nunca se esqueciam de acatar as regras de protecção básicas. Nunca sair do carro, nem em apuros e, se não se aguentava mais, era preferível fazer xixi da viatura e não pisar nada, nem o betão. Nunca fazer uma inversão, abandonando a estrada, ou seja, de preferência não se mexer... O polícia húngaro teve a possibilidade de fazer uma viagem de 10 dias com um seu colega holandês para a Namíbia nas suas férias. Naquele local, este país era uma ilha da paz, e muitos observadores optavam por fazer a sua regeneração neste paraíso vizinho, se as férias o permitiam. Chegados a Windhoek, apanharam um táxi para ir ao centro. Ao avistarem as lindas montanhas da paisagem por onde estavam a passar, pensou como era bom dar um passeio entre as montanhas, e perguntou ao motorista – sem reflectir no sentido das suas palavras – se ali se podia passear pelas montanhas. O motorista pensou que não estava bom de cabeça. Perguntou donde é que vinha. Disse que vinha de Angola. Acenou. Foi então, que se apercebeu do sentido que fazia a pergunta, e contestou que sim, claro que se podia passear por ali à vontade. Aqui não há minas. As regras de protecção estavam a funcionar por puro automatismo e, basta lembrar o episódio que se passou no Parque Etosha, onde foram fazer campismo. O oficial holandês ficou a preparar a comida e ele foi apanhar a lenha. Foi até à cerca do parque, ficou imobilizado depois de ter passado por debaixo do arame. Por um momento, não sabia sequer porque é que ficou petrificado. Depois, deu-se conta de que estava a cumprir as regras de protecção instintivamente, pois tinha acabado de sair da “zona protegida”. Sabia que estava na Namíbia, sabia que lá não havia minas nem perigos, mas, mesmo assim, o timbre do alarme começou a funcionar... Regressando com a lenha, entre o suor e o seu próprio mecanismo de auto-defesa, desatou a rir de si mesmo.

Nas missões, para além delas havia também outros riscos de segurança, como as diferentes doenças tropicais, a começar pela malária. Muitos acabaram por contrai-la e alguns deles só puderam ser evacuados tarde de mais, tendo partido literalmente moribundos. E morriam mesmo bastantes observadores da missão por causa desta doença. Para sorte do alferes Surányi, ele não foi infectado, mas não foram poucos os húngaros, tanto militares como polícias, que não foram poupados pela doença. Para se prevenirem da malária, receberam na Hungria um fármaco, o

Lariam, cujo efeito era tão contraditório na opinião dos médicos que, em boa verdade, não sabiam se valia a pena tomar o medicamento ou não. Assim cada qual decidia se tomaria ou não este produto. Mas havia também outros procedimentos para prevenir uma infecção, ou pelo menos para reduzir o seu risco. Ao cair da tarde, valia a pena vestir camisas de manga comprida e aplicar sobre a pele repelentes onde o corpo não estivesse tapado. Uma outra prática que lá aprendeu – das boas práticas africanas existentes – foi a (correcta) utilização das redes de mosquitos. Estas tinham que estar bem apertadas por debaixo do corpo, porque se não o mosquito subia pelos lados para entrar. É por isso que dormiam com uma lanterna debaixo da almofada. Primeiro faziam a inspecção da rede por fora antes de irem para a cama e deixavam-na ajustada debaixo deles quando deitados. Antes de adormecerem, deveriam fazer uma última inspecção, para ver se estavam “limpos”, ou seja, sem nenhum mosquito. Ele regularmente encontrava a sanguessuga na sua terceira inspecção, que passou a ser uma espécie de acto ritual, mas também uma prevenção que valia a pena seguir com a maior atenção possível. De resto, a utilização das redes era obrigatória para todos, embora para os que tinham estado a trabalhar fora fosse vital. Houve um observador militar húngaro que estava a servir na capital de uma forma contínua, mas foi colocado na província nos últimos dois meses da sua missão. Surányi logo lhe tinha oferecido a sua própria rede, e disse que a levasse porque iria encontrar nela grande utilidade. O observador disse que não, que não precisava, que estava acostumado àquele clima... Foi para o seu campo e em menos de dez dias teve que ser evacuado, tendo emagrecido 10 quilos até o terem conseguido trazer para o estado-maior geral, infectado com malária.

Nos primeiros tempos da sua missão, o polícia húngaro ainda tomava o Lariam, mas como chegou à conclusão de que, independentemente de o tomar ou não, o indivíduo podia adoecer de um momento para o outro, deixou de tomar este remédio. Em vez do medicamento, dedicava mais atenção a outras formas da prevenção, e lembrou-se de um bom conselho geral que recebera ainda na Hungria: tomar uns golos de uma qualquer bebida espirituosa, como a aguardente, para desinfecção do estômago antes de qualquer refeição e assim evitar infecções e cólicas. Por outras palavras, o homem branco e o clima reinante no país não andavam sintonizados. Afortunadamente, como Angola é um país cristão e não muçulmano, encontrar bebidas alcoólicas – embora no meio do mato não houvesse naturalmente tabernas – não era uma tarefa irrealizável. Para além da malária não faltavam outras doenças, como infecções dos intestinos, razão pela qual devia dar-se uma atenção especial ao que se comia, cozinhando-se tudo. A água potável era outro dos problemas, já que água limpa, que se podia beber sem ter de a ferver, era bem difícil de encontrar. A água que encontravam tinham que a filtrar eles próprios. Para este efeito, levavam consigo muitas pastilhas de desinfecção e tinham entre os seus equipamentos um aparelho de filtração da água por carvão activado. A água, quando não se bebia, também podia ser fonte de doença – tinham que ter também cuidado com os banhos e higiene pessoal, por causa de doenças tropicais especiais, como a bilharziose intestinal. Um banhinho e levava-se a recordação para toda a vida... Muitos pensavam que os rios de maior fluxo podiam ser ideais para os banhos, pois bactérias ou parasitas eram aí muito menos frequentes. Só que os crocodilos também compartilhavam da mesma opinião, e além disso gostavam especialmente da carne dos observadores desprevenidos. Inteirinhos.

Um polícia holandês estava a terminar a sua missão, preparando-se para voltar ao seu país, e foi em companhia dos seus amigos fazer a despedida a um dos rios. Os outros estavam mais perto da margem, enquanto ele foi para o meio do rio, já que nadava bem. O crocodilo foi porém mais rápido e apanhou-o. O que aconteceu não foi o habitual, pois normalmente as vítimas são apanhadas e levadas para o fundo do rio, afogando-se. O colega holandês teve outra sorte: o animal deu uma dentada no meio do corpo, separando-o quase em duas partes e deixando a vítima a flutuar. Os outros conseguiram levá-lo para fora do rio, mas já não conseguiram salvá-lo. Perecendo desta forma tão estranha, precedendo apenas em uma semana o fim da missão, num rio onde anteriormente não se tinha visto crocodilo algum, o caso deu para contar muitas histórias depois... Mas há também histórias de crocodilos diferentes, como o animal de estimação de um observador húngaro, que o tinha capturado num rio, levado consigo e “domesticado” num campo. Mais típico que os crocodilos era o perigo constituído por arranhas, escorpiões e diferentes tipos de serpentes. O alferes Surányi também não os encontrou, à excepção das serpentes, que havia por todo o lado. Sabe-se de alguns casos de observadores mordidos por serpentes, mas também de “caça desportiva” praticada por outros observadores.

Durante a sua missão, não se deparou com nenhum perigo de vida, se bem que ainda em Menongue o seu campo tenha sido evacuado, por ter ficado avariado um dos tanques no centro da cidade contendo cloro gás. O comando do campo tinha dado ordem imediata para a evacuação dos efectivos. Os que aí serviam corriam perigo de vida, sem que se tivessem dado conta dele. Afinal de contas até foi mais cómodo, pois passaram três dias no campo dos zambianos. Por outras palavras não se tratara de uma evacuação programada... Levou-se tudo o que se pôde, transporte não havia, tiveram que andar à boleia para conseguir subir a um camião e poderem chegar até ao dito acampamento dos zambianos. O incómodo da situação não era tanto para eles, mas precisamente para os que estavam de baixa, por causa da malária, como por exemplo um oficial do Bangladesh para quem tiveram de encontrar algum cantinho onde o colocar. Finalmente encontraram uma tenda para pelo menos o oficial ficar na horizontal. As condições eram literalmente desumanas, mas tinham que passar aqueles três dias. Descontando este episódio, não pode dizer que tenha passado por algum perigo maior, não tendo sido atacado ou roubado. Nem sequer houve tentativas, como aconteceu a outros. De resto, e diga-se de passagem, a gente nunca sabe quando passa por perigos numa missão. Não se contam as vezes quando uma mina não explode com uns por pura sorte, explodindo com outros. Havia um major húngaro que andava em serviço de patrulhamento sempre numa mesma e determinada parte de uma estrada, onde passado um mês apareceu um buraco, no qual acabaram por encontrar uma sanduíche de explosivos antitanque, cujo detonador por alguma razão não funcionava. E como não passavam por aí de camião mas sim de jipe, isso não fez explodir a viatura. Pensando bem, eles andavam a utilizar aquele troço da estrada diariamente durante semanas...

De Menongue passou para o quartel-general do comando da missão, onde serviu numa unidade especial, criada expressamente para a protecção da vida e segurança do comandante da missão. Não se tinha candidatado a esta posição, tendo isso sido fruto do mero acaso. Uma vez encontrou um polícia holandês que anteriormente tinha sido membro da unidade especial responsável pela protecção pessoal da rainha holandesa. Em Angola, servia na unidade especial responsável pela segurança do chefe da missão. Em Luanda havia um centro recreativo da



missão e os dois encontraram-se na respectiva piscina. Palavra puxa palavra e os dois polícias perguntaram um ao outro onde é que trabalhavam. Surányi mencionou que acabara de chegar, que era húngaro e que se ocupava destas áreas. Então o colega holandês mencionou que estava a recrutar, para uma posição vaga na sua unidade, alguém que percebesse de assuntos como prevenção do terrorismo, guarda pessoal, etc., e que o candidato deveria ser europeu, já que saíra precisamente um europeu com esse perfil da sua equipa. No final da conversa, fez a promessa de tomar a iniciativa de propor a sua entrada para esta posição na unidade especial, facto que se realizou quatro meses depois. Até aí ele estava a prestar serviço em Menongue, onde recebeu a sua ordem de colocação na nova posição. Haveria de ficar ao longo dos restantes meses nessa unidade de elite, até finalizar a sua própria missão.

Os participantes desta unidade especial não estavam sequer sob a alçada hierárquica do comandante do contingente policial, mas sim organizados numa unidade independente, formalmente chamada “TASK FORCE”, cuja tarefa consistia na protecção do representante especial do secretário-geral da ONU. Foi este que lhes deu as instruções, e o alferes Surányi assegurara os programas dele, acompanhando-o dia e noite. Basicamente pertenciam ao seu gabinete de apoio, mas é claro que não interferia nos seus assuntos de perfil profissional, pois eram dirigidos pelo chefe da unidade. Esta estava muito bem apetrechada, tendo em consideração as condições locais. Tinham um gabinete decente, equipamentos e viaturas – dois Land Rover Discovery – com bandeiras e sinalização especial. Se o representante especial se deslocava onde quer que fosse, eles iam com ele para a sua protecção pessoal. Não se podia ter tudo, pelo que eles não transportavam armas, como a equipa de quatro guardas pessoais do diplomata, bem como mais alguns polícias militares, que dispunham de arma de fogo para a sua protecção. Como eles também rodavam o seu pessoal, entre eles e os efectivos que não pertenciam ao contingente policial havia um relacionamento muito harmonioso.

Esta posição era considerada um privilégio, bastando pensar nos seus “objectos de cultura de luxo”, uns walkie-talkies com código de identificação próprio, que na ONU eram acessíveis a um limitado número de pessoas. Contavam-se entre elas os membros dessa unidade. Mais do que isso, não tinham de vestir farda a tempo inteiro, como os outros polícias, pelo que eram alvo de não pouca inveja por parte dos outros. A inveja era mais que justificada, mas compensada por seu turno por uma roda-viva constante. Por outro lado, esta facilitava passar o tempo mais depressa. Não foram todos que gostaram deste seu estatuto privilegiado. O já mencionado instrutor de condução egípcio, por exemplo, fez de tudo para tirar-lhes as suas viaturas “VIP”, mas a sua luta de vários meses acabou frustrada, sendo que puderam manter as melhores viaturas da missão. Mais do que poder reservar para si estas viaturas, não as tiveram de estacionar na garagem central, ficando sim com elas para seu uso pessoal e permanente.

A família do alferes Surányi suportava mal a sua ausência, principalmente por causa dos problemas em comunicar. Essa era uma outra diferença que havia, por exemplo, entre húngaros e holandeses no que diz respeito às respectivas “comodidades.” Os holandeses recebiam de forma regular, semanal e previsível a sua correspondência, que lhes chegava por mala diplomática, sendo que as cartas e encomendas iam e vinham a despesas do seu Estado. Os húngaros, por seu turno,

longe de terem um serviço gratuito, tinham que recorrer aos serviços postais angolanos ou da organização mundial. Neste caso, a troca de cartas era de quatro em quatro semanas. Claro que os que serviam na província tinham que fazer chegar primeiro as suas cartas à capital, já que nos campos militares não funcionavam correios. Esta foi uma das razões pela qual se tinha optado por uma rede logística paralela: a de servir cada uma das nações presentes na missão com pelo menos um dos seus efectivos. Tal sistema podia aliás tanto funcionar bem como mal, de acordo com o grau de responsabilidade com que o “nosso homem na capital” assumia este papel. Faltando de víveres, era-lhe enviada uma lista para o respetivo abastecimento, com a certa e devida antecedência, pois os vôos eram semanais e tanto podiam chegar como não, ou até a encomenda perder a sua ligação. O sistema funcionava assim: quando se sabia que ia por exemplo um avião para Menongue, deviam levar a encomenda encaixotada e endereçada para o aeroporto, para despachá-la. Mas se o “nosso homem na capital” era preguiçoso, ou por alguma razão só podia despachar a encomenda com atraso, o observador no campo militar da província ficava aí pendurado. Uma vez o alferes Surányi também deu por um lapso semelhante. Passado mês e meio, foi a Luanda por alguma razão de serviço, ou para tratar de algum assunto oficial, e foi encontrar um molho de cartas por distribuir – incluindo as suas. Lá no seu posto de serviço estranhava não ter recebido nenhuma correspondência, até encontrar a carta e o motivo da sua preocupação e da dos familiares, que tinham ficado sem informações... Fazer uma chamada telefónica também não era tão fácil a partir a capital, onde havia fisicamente cabinas públicas. Nas tabacarias podiam comprar cartões de telefone para poder iniciar uma chamada para casa. Havia cartões de cinco dólares, o que dava para um minuto, cartões de dez dólares para dois minutos e de quinze e vinte dólares, sendo que este último dava para falar durante quatro minutos. Isto era de qualquer das formas muito dispendioso. Além de cara, a chamada revelava-se também muitas vezes inútil, pois tinham tão pouco tempo para falar, que a chamada só baralhava as coisas em vez de se solucionar algum assunto familiar. Até certas vezes resultou pior do que não falar, por aumentar a saudade. Passado algum tempo, e depois de chegados, deu para perceber o contingente ter perdido este hábito de manter o contacto com a sua família. Restavam portanto as cartas. Lentas, isso sim, mas pelo menos dava para exprimirem as suas ideias e pensamentos de forma cabal e muito mais económica do que por telefone.

O alferes Surányi não tirou férias para voltar à Hungria, mas havia tanto militares como polícias que regressaram às suas custas para passarem lá as férias durante duas ou três semanas. Surányi resolveu aproveitar o tempo e as circunstâncias para conhecer um pouco mais de África. Ou seja, só voltou depois de um ano de serviço, para duas semanas, tendo voltado para continuar ainda os restantes três meses da prorrogação do seu serviço na missão em Angola.

Considerava como o seu maior desafio pessoal ir ao encontro de uma digna representação da Hungria. Tinha no ombro o brasão e insígnia húngaros, todos sabiam de onde vinha, que era húngaro, pelo que o seu rendimento e eficiência pessoais, bem como a sua conduta, davam motivo para formarem uma opinião sobre todos os húngaros e sobre todo o nosso país. Para ele, que estava a cumprir a sua primeira missão, e numa linha de primeira visibilidade, era realmente de importância máxima representar e representar bem a Hungria e a polícia húngara – incluindo a sua unidade através da imagem que tinha – e não apenas ele próprio. O outro maior

desafio era estar ao nível das exigências profissionais que lhe competiam na sua unidade especial, satisfazendo as demandas que o representante especial do secretário-geral esperava do seu serviço. Pensa que soube satisfazer estas últimas, pois passado algum tempo foi promovido para subcomandante da unidade de elite. A terceira área onde deveria ter um excelente rendimento era o serviço logístico dos seus camaradas e colegas húngaros: prestar o apoio que eles esperavam daquele representante patricio, a fazer o seu serviço na capital, contribuindo para minguar os seus problemas de aprovisionamento. Por seu turno, considera ter feito tudo para ser bem sucedido também nesta tarefa: fez tudo para que chegassem a todos as suas cartas, bem como as suas encomendas de alimentos e de medicamentos, que lhe pediam para comprar e despachar o quanto antes para os campos na província. Recebeu o reconhecimento de muitos e todos sabiam o muito que trabalhava para eles, intercedendo até em seu favor. Lembra ter feito ele as chamadas para esposas e namoradas, felicitando-as no aniversário do casamento ou quando faziam anos, já que pessoalmente alguns não estavam em condições de fazê-lo... Fazia-o ele. Emprestava sempre uma cama quando os seus colegas estavam de passagem pela capital, onde no seu contentor tinham um ponto de apoio. Organizou programas, arranjou vistos, tentava fazer avançar os assuntos de ordem burocrática, acompanhava-os para fazerem as suas compras no mercado em Luanda, ou seja, mostrou-se útil para eles em tudo o que podia. O alojamento do alferes estava sempre cheio de caixas de variadíssimo tamanho para embrulhar as encomendas a serem despachadas para os campos. No aeroporto era já um velho conhecido dos pilotos, que o cumprimentavam logo que lá chegava. Foi ele que reuniu as mensagens transmitidas por rádio, que foi coleccionando, pois pensava poder vir a publicá-las em forma de livro, mensagens engraçadas e mesmo as tristes, algumas delas sentimentais ou surpreendentes, pois reflectiam bem toda aquela psicose em que um serviço é realizado numa missão. Longe dos entes queridos, perto do dia-dia dos observadores da missão de manutenção de paz, essas mensagens reflectiam bem os desafios individuais que, somados, constituíam o sacrifício colectivo de uma missão.

Por isso o maior reconhecimento foi os seus companheiros terem podido contar sempre com ele. É claro que havia sempre um comandante do contingente em Luanda, mas era ele a primeira pessoa que chamavam tanto militares como polícias em apuros, pois ele pretendia dar sempre o seu melhor.

Finalizados os seus quinze meses de serviço, voltou para a Hungria, onde não esperava ninguém no aeroporto, mas também não vinha para andar perdido em Budapeste, e foi se desenrascando. Entregou o equipamento recebido, passou por um exaustivo exame no hospital central do Ministério do Interior, para ver se trazia consigo algum parasita ou doença exóticos. Logo depois, tirou as suas férias acumuladas e apresentou imediatamente a sua candidatura para ingressar na Escola Superior de Formação de Oficiais do Corpo Policial. No resto do ano até começar os estudos, ainda passou seis meses à frente da Divisão de Intervenção da província de Csongrád, após o que voltou para Budapeste. Lamentavelmente encontrou também aquela atitude que os outros companheiros da missão haviam igualmente encontrado: de repente multiplicaram-se os invejosos do seu posto de trabalho anterior, que pensavam que lá no estrangeiro “se ganhava uma pipa de dinheiro sem fazer nada”. Independentemente do que tivessem dito, o certo é que nenhum deles teria feito algum sacrifício para se alistar numa missão, da qual ele, por seu turno,

ganhou imenso, nomeadamente uma nova mentalidade e uma nova mundivisão. Tinha-se dado conta de que o mundo funciona de forma diferente do que se pensava a partir da Hungria. É mais colorido e as tonalidades destas diferenças são também muito variadas. Tinha-se apercebido de que dois terços da humanidade pensam e interpretam as coisas de forma totalmente diferente de nós, com os nossos valores professos na Europa. Uma Europa tão pequena e até insignificante para 70% das pessoas, que nem sequer sabe onde é que se encontra o velho continente. Apercebeu-se de que nós, no coração da Europa, pensamos ser o centro do mundo. Mentira! Iguamente veio com a consciência reciclada no sentido de estar ciente de quão afortunados e privilegiados nos podemos considerar aqui na Europa. Viu a miséria nas suas formas mais horríveis, de que a maioria dos húngaros tem uma visão superficial, obtida em documentários que passam na televisão. Em Angola vira hospitais que, comparados com os húngaros, estes últimos podem considerar-se hotéis de não apenas cinco, mas de nove estrelas. Com base nas suas experiências, julga poder ter tirado a conclusão de que o homem como tal é o animal mais flexível e adaptável do mundo, já que é capaz de adaptar-se às piores situações existenciais, conseguindo sobreviver aguentando. Deste ponto de vista tinha sido muito sortudo e afortunado, porque partiu para a missão com o coração e cabeça abertos, não pela “pipa de massa” que ganharia mas sim pelo desafio que o trabalho numa missão representava. Significava muito também ter sido da “selecção”, ter vestido as cores nacionais quando se lançou para ir correr o mundo. Por isso, tentou encontrar o lado positivo mesmo no pior, e não o pior do que era mau, sendo certo que havia casos destes também. Como o observador húngaro que, ao acordar no primeiro dia, lhes disse: “bom, temos ainda 256 dias, 14 horas, 30 minutos e 18 segundos para o fim de tudo isto.” Os outros, entre militares e polícias, não sabiam o que lhe dizer, apenas que “se não acabares com esta contagem decrescente vais acabar no manicómio, findo o serviço.” Tinham-lhe tentado explicar que valeria a pena se calhar encontrar também o lado bonito do mundo. “O quê?- disse – aqui tudo é merda e cheira mal.” Pois para esse observador deve ter sido horrível a mesma experiência que para ele constituiu a sua vivência mais marcante, gostando de Angola, sendo esta a sua missão favorita e não apenas a primeira das futuras missões. Nunca se arrependeu de ter dado este primeiro passo.

As suas experiências africanas foram desaproveitadas, mas depois o general brigadeiro Boda József ofereceu-lhe uma posição no quadro do Departamento de Relações Internacionais do Ministério do Interior, que lhe abriu a possibilidade de participar nos cursos de preparação que foram organizados para os futuros participantes de missões de manutenção de paz. Aqui já teve a possibilidade de dar palestras em que passava as suas experiências, colhidas ao vivo nesta missão.

## **Varsányi Lajos, tenente-coronel (2)**

Quando foi indigitado para participar nas operações da UNAVEM-III, os seus superiores tinham-no incumbido já em várias ocasiões de integrar a equipa dos preparadores que instruíam os novos grupos de contingentes que seguiam para Angola. Como outros oficiais das Forças Armadas Húngaras também tinham uma mesma experiência que a sua e fora pedida a sua participação nestes cursos de

preparação, podemos concluir que o quadro dirigente do Ministério da Defesa teve a preocupação de não deixar cair no esquecimento as informações anteriores relevantes que iam passando para as novas gerações de cooperantes. O que faltava era porém a sua sistematização: a análise e avaliação das mesmas, que não se ia avolumando num conjunto coerente e polivalente de informações, pelo que ao longo dos anos se desvirtuavam. Para que isso tenha tido esse triste percurso contribuíram vários factores de ordem hierárquica e estrutural: o Centro de Formação de Efectivos para a Manutenção da Paz e a Divisão de Relações Internacionais foram extintos, pelo que acabavam por desvanecer-se aqueles potenciais ateliês científicos que teriam podido realizar esta tarefa de sistematização do saber adquirido, faltando estes e/ou outros focos que tivessem podido recolher, analisar ou mesmo sistematizar estas informações. Quando se tratava de passar ao vivo uma série de informações úteis num prazo próximo da necessidade da informação, podemos dizer que as coisas não falharam.

Depois da sua preparação específica bem-sucedida, o tenente-coronel Varsányi foi nomeado comandante do novo grupo do contingente que se preparava para viajar, e passados alguns dias os observadores fizeram a sua viagem para Angola. Depois de chegados, foram reciclados num novo curso local específico: tiraram as suas cartas de condução e passaram pelas provas linguísticas. Lamentavelmente, a primeira destas provas foi penosa para um dos oficiais húngaros. Como na Hungria só conduzia o seu Trabant, não foi capaz de tirar a licença de jipe e foi mandado para casa. Tal desgraça acontecia aliás também noutros contingentes...

A primeira colocação do tenente-coronel Varsányi durou pouco tempo, tendo sido uma posição que desempenhou apenas durante um mês. Num acampamento militar misto de observadores militares e policiais, a 150 quilómetros e umas 3 horas de viagem de Luanda, tinham surgido sérios problemas disciplinares. Basicamente, uma terceira parte dos efectivos não queria trabalhar, ficando em Luanda sempre que podiam, “numa boa”. A chefia da missão tinha-se dado conta da situação e quis acabar com aquilo, sendo essa a razão para o tenente-coronel ser aí colocado: para restabelecer a ordem. Para ele, uma instrução destas não lhe parecia estranha, e se havia algo para que estava assaz bem preparado, pela sua experiência húngara, era para dizer “não”. Quando chegou, os efectivos foram aparecendo um a um, a pedir licença para se ausentarem em Luanda. Ele disse-lhes que transporte para Luanda sim que havia, uma vez por semana e para fazer compras, ou então por expressa ordem recebida por parte do alto comando. O resto dos seus problemas, que os resolvessem aí, de forma local, ou então que tirassem por favor as suas férias. Não passou sequer uma semana e deixou de praticar-se o vaivém contínuo e a anterior bagunça, e os observadores puseram-se a trabalhar. O campo militar estava afinal de contas funcional, o que lhe faltava era a disciplina, por causa da mão pouco firme do comandante anterior, o que fazia com que uma parte dos efectivos vivesse ao seu bel-prazer, enquanto a outra trabalhava por todos eles. Foi isso que Varsányi cortou pela raiz.

Em Angola, ao contrário do que se passava noutras missões, não havia uma grande animosidade tácita entre militares e polícias e os dois complementos da missão davam-se bem. É que não estavam hierarquicamente articulados um com o outro, nem no aspecto profissional. A distribuição do serviço tinha sido feita por Varsányi, que estava coordenado com o comandante policial, e efectivos de ambos

os lados faziam o seu melhor. Os polícias tinham uma viatura que era só deles, embora precisassem duma licença prévia do oficial húngaro para poderem sair do acampamento. De resto, tratava-se de polícias muito bem preparados e treinados, com quem desenvolver contacto humano não era difícil.

Depois do melhoramento deste campo militar, o militar húngaro recebeu uma nova colocação, a saber, a posição de comandante da região militar de Menongue. Esta tinha já sido a sua região militar favorita durante a sua experiência anterior, quando servia em Djemba. Por outras palavras, voltou aqui para a posição de comandante, numa área ocupada pela UNITA, com a diferença de que Menongue, aquando da sua missão, pertencia a Lubango, porque fora dominada pelas forças do governo. Agora eram as forças armadas unificadas que controlavam a área, e o desarmamento dos militares dos dois lados estava em curso, e numa fase adiantada. Foi a ONU que nestas circunstâncias deslocou o seu comando regional de Mavinga para Menongue. A razão principal resultava porém da maior batalha de tanques que estava a ser travada entre as forças do governo e as da UNITA junto desta cidade, além de a zona vizinha ter ficado completamente minada de explosivos. Partiram daqui em dois carros para o outro campo militar da ONU, o oficial húngaro e os observadores, um conduzido por Varsányi e o outro por Botev, um capitão búlgaro. Mantinham as duas viaturas o contacto por rádio, quando Botev decidiu fazer as suas necessidades ao pé da estrada junto de uns arbustos, onde o mapa da ONU, que ambos tinham à sua disposição, indicava como sendo um terreno seguro e limpo de minas. Foi neste percurso que um representante duma organização que se dedicava à desactivação de minas veio transmitir-lhe a nova informação de que precisamente aquele lugar onde Botev estava era uma zona ainda não desminada. O tenente-coronel, banhado em suor, teve de repente um calafrio, pois para urinar Botev não levava consigo o seu rádio. Tentou contactá-lo, mas em vão, e não teve como comunicar com ele até que voltasse para a viatura. Tinha de esperar e esperar pelo melhor... Quando voltaram a ver-se, Varsányi, sem dizer uma palavra, tirou do porta-luvas uma garrafa de uísque e entregou-lha com os seus votos de “feliz aniversário”. Botev, mais do que surpreendido, disse que não tinha nascido naquele dia, ao que o tenente-coronel lhe respondeu que acabava de renascer, pois não sabia do perigo por que passara, ileso. O búlgaro abriu a garrafa e bebeu-a toda antes de agradecer as preces e o presente. Acabavam de receber uma excelente confirmação por que é que estava na hora de fazer a mudança do campo militar para uma cidade, que sempre tinha condições de segurança mais sofríveis. Embora o quartel do comando fosse um campo militar de tendas, como os outros, agora já havia lojas e os observadores podiam mandar cozinhar pão para si, não tendo que perder tanto tempo com o seu sustento. Desta cidade podiam ter alargado uma segurança maior para os colaboradores das organizações humanitárias, holandesas e alemã, que se ocupavam da desactivação das minas, ou as internacionais como os “Médicos sem fronteiras” do que anteriormente, que deviam ter continuado a apoiar. Naquele tempo o tenente-coronel era o oficial de maior patente da ONU em toda aquela região militar, e como tal era o responsável pelo trabalho de todos os campos militares instalados naquela província e da cooperação das ONGs e das organizações governamentais. Por outras palavras, teve por missão realizar o clássico trabalho de planificação, organização e coordenação que competia a um oficial num estado-maior, por um período de nove meses e meio.



Aqui também vivenciaram alguns episódios bem curiosos. Cabe mencionar aqui, para uma melhor compreensão, que ao contrário da UNAVEM-II, nesta nova missão, para além dos observadores militares e policiais *darmados*, participavam também nas operações soldados de manutenção de paz armados. Esta precaução tornava-se imperiosa com a guerra civil reacendida, e a ONU passou a estacionar em Angola primeiro seis brigadas e depois batalhões de soldados. Cada uma das unidades militares estava instalada numa das regiões militares demarcadas, sendo distribuídas por companhias nos pontos estratégicos mais importantes, aquarteladas nos mesmos campos militares que os observadores militares e policiais que serviam sem armas. Evidentemente estas unidades tinham a sua estrutura de comando hierarquizado independente, a quem não se lhes dava nenhuma ordem ou instrução, embora mesmo assim colaborassem com eles estreitamente. Uma das tarefas do tenente-coronel Varsányi foi efectuar, com uma periodicidade mensal, visitas de inspecção a cada um dos campos militares deslocados na região militar. Tanto o subcomando como o oficial responsável pelas operações no seu *staff* e quase todos os oficiais subalternos eram zambianos. Ia ele visitar, acompanhado deles, uma companhia precisamente de zambianos no campo de *Liqua*, quando ao aterrar com o seu helicóptero em *Mavinga* ouviram um grande barulho. A roda de aterragem do aparelho tinha-se partido e eles foram deslizando para a direita e entrando pelo mato adentro. O piloto, depois do primeiro susto, disse que iria abrir a porta de trás para saírem, mas recomendou vivamente tomarem o caminho do sendeiro aberto, pois o terreno estava minado. Essa é que não foi brincadeira nenhuma e, como reza o ditado inglês, “*toda a dor dos dentes toca cair no sábado*”. Isto foi numa sexta-feira à noite, mas no sábado e no domingo não havia voos previstos. A região militar tinha aquele único aparelho, para o qual estavam asseguradas duas rodas sobresselentes, estando estas porém armazenadas em Luanda. Ora bem, a roda, indispensável para os nossos observadores poderem seguir viagem, primeiro parou numa outra região militar, passou por uma segunda e terceira escalas, e acabou por chegar só na terça-feira à tarde. Por conseguinte, desde a noite de sexta-feira até terça à tarde, o comando passou a desempenhar as suas funções temporariamente a partir do campo de *Liqua*: chegavam lá os relatórios e também se transmitia de lá as informações para o estado-maior geral da missão. Por outras palavras, não há fel sem mel, e foram muito bem tratados pelos zambianos. No regresso também não faltaram aventuras. O piloto do helicóptero MIG 17 russo, que trouxe a peça de substituição, tinha sugerido que o oficial húngaro regressasse com eles para o seu posto de comando, por ser mais seguro que o aparelho que estava sendo reparado. Varsányi pensou que se calhar seria mais rápido, por isso aceitou a proposta, para esta nefasta situação poder voltar quanto antes à normalidade. A meio caminho, junto de *Mavinga*, também ele teve que pousar o helicóptero para reabastecer os seus depósitos. A longa viagem requer companheiros e os pilotos optaram por umas *vodkazitas*. Resumindo, estavam tão bêbedos, que quase foram acertar no outro helicóptero em reparação. “*Despentearam*” o rotor, o que se traduziu em mais duas semanas de “*inoperabilidade*” para o seu comando. Tudo isso repercutia nos campos militares da zona, que deixaram de ver assegurado o seu abastecimento por via aérea, já que as estradas eram inseguras. Na manhã seguinte, os pilotos, já sóbrios, seguiram o seu itinerário, como se nada se tivesse passado... E não se passou mesmo, não podiam ser dispensados ou castigados, pois a sua presença era indispensável...

Nesta nova missão já não se praticava o anterior sistema de rotação da UNAVEM-II, posto que os cinco ou seis anos passados trouxeram um desenvolvimento tal na própria missão que os diferentes campos militares ofereciam aos observadores um nível de vida mais ou menos equivalente em qualquer posto onde serviam. Com o oficial húngaro passou-se a mesma coisa. Na sua primeira posição e colocação serviu um mês e na outra nove meses e meio. Antes de partir para a Hungria, foi ainda passar algum tempo junto das minas de diamantes. Tudo isto porque o governador daquela província, um antigo coronel, originário das fileiras da UNITA, não estava disposto a entrar em negociações com o anterior comandante da ONU, por ter anteriormente a patente de major, dizendo que o desprestigiava tratar de assuntos com ele. Como tinha excelentes contactos políticos, conseguiu que não fosse desrespeitado o seu vaidoso pedido para ser mandado um oficial de patente maior, com que estava mais à vontade para negociar os assuntos. Foi esta a razão que o levou para o tal campo militar – não menos bonita aliás. Aqui já estava a prestar serviço um outro oficial húngaro também. Passou em Angola por não poucas aventuras, mas não pelo risco de perder a vida. Isto estava reservado para ele no Kososvo, onde participaria depois nas operações da KFOR.

Os húngaros gozavam de boa fama geral na missão. Não apenas a população local não tinha problemas com eles, em nenhum dos lados aliás, como a ONU também os soube prezar. Para tal confluíam vários factores. Por um lado, nunca exportaram armas para Angola, e por outro, quando estavam presentes no país, vinham para construir e não para destruir. O seu empenho profissional era reconhecido, pois queriam e sabiam trabalhar. Porquê? Os húngaros tiveram um passado militar diferente do dos outros. O exército húngaro, mesmo na sua época áurea, passava por enormes problemas internos, o que se traduziu numa capacidade de resolução dos problemas por parte dos seus oficiais. Lá não se podia trabalhar à americana, ou seja, esperar que os grupos de apoio logístico viessem solucionar-lhes os problemas que surgiam numa operação. Com os húngaros tal não existia. Tinham os comandantes que resolver os problemas eles próprios, quaisquer que fossem, desde trocar a roda de um carro até desbloquear outro impasse maior, improvisando. O oficial húngaro sabia lidar com os problemas cuja resolução estava normalmente nas mãos de uma patente inferior, e tinha até, em certos casos, capacidade para executar o que estava previsto fazer um simples efectivo, um soldado recrutado. Devia ser polivalente e ter uma mentalidade que visava resolver um determinado problema, e não apenas pensar sobre ele na óptica do oficial comandante. Os observadores da manutenção da paz húngaros várias vezes tinham que encarar problemas de muitos tipos, mas houve pouquíssimos casos em que não os tenham podido resolver pela sua criatividade e ideias trazidas consigo. Podiam passar, e até passaram, por maus lençóis, mas não ficaram em perigo de vida pela sua incapacidade ou falta de preparação. Terminado o seu serviço, o tenente-coronel Varsányi nunca mais voltou a África, mas sempre guardou e guarda ainda óptimas recordações de Angola.

Depois de obter o diploma que atesta os seus conhecimentos de língua inglesa, recebe a possibilidade de participar num curso de formação de observadores de manutenção da paz na Hungria, organizado pelas Forças Armadas Húngaras na primavera de 1994, testado durante um ano na prática, aquando da sua participação na missão da ONU em Moçambique. A vida numa missão foi “contagante” e, mal regressou à Hungria, alistou-se na missão da UNAVEM-III. Tratou-se de uma obra do acaso: alguém desistiu, houve uma vaga para servir em Angola e como os dois comandantes da missão, o coronel Kiss Ernő e o tenente-coronel Pávits Sándor o conheciam ainda dos tempos da anterior missão moçambicana, ofereceram-lhe a possibilidade de participar nesta missão. Pese o facto de ter passado já por um curso de preparação semelhante, bem como possuir uma experiência de missão como observador, teve que repetir o curso específico com os outros. Finalizou o seu curso e viajou para Angola em dezembro de 1996.

Quando chegou, fez o curso local obrigatório de especialização e, depois de passar o exame final, foi colocado na localidade de Cuíto. Tratava-se de uma localidade que antigamente devia ter sido uma cidade maravilhosa, mais tarde completamente destruída, e situada num planalto, a 2.800 metros de altitude. No campo militar vizinho serviu juntamente com um polícia russo, um búlgaro e um sul-americano. Faziam o patrulhamento de uma enorme área de extensão, tanto a pé como de carro, e ajudaram também os colaboradores das organizações humanitárias presentes nessa região, cuja segurança pessoal era também por eles assegurada. Quando o oficial húngaro chegou, o pequeno campo militar estava sob o comando de um oficial russo de alta patente, que passados três meses recebeu uma nova posição e veio a ser substituído pelo tenente-coronel Bozsik. Este era portanto responsável por tudo, desde a distribuição do serviço por turnos de 24 horas às informações que três vezes por dia, de manhã, a meio-dia e à noite, eram transmitidas para o comando regional superior. O campo dispunha também de um aeroporto, cujo funcionamento era igualmente da sua competência. Na prática, isto significava que era necessário assegurar a aterragem segura dos aviões. Quando eram avisados da chegada de um avião da ONU ou de qualquer aparelho das organizações humanitárias, tinham que ir „avaliar” as condições meteorológicas, coisa simples, pois bastava saírem para o exterior e, se avistavam as montanhas, comunicavam uma boa visibilidade ao piloto. Depois recolhiam da pista de aterragem todos os objetos por aí dispersos e que pudessem causar algum dano para os motores do avião. Da pista iam também afastando os animais, já que as cabras e ovelhas sempre pastavam por aí, sendo que em mais de uma ocasião tiveram que afugentar dos aviões esses „obstáculos vivos”. No seu aeroporto havia também um depósito de querosene feito de borracha, que servia para reabastecer os aviões que chegavam. A existência destes aviões era vital, já que tudo chegava por via aérea para o sustento do campo de observadores, inacessível mormente para as viaturas mais pesadas. Claro que podiam servir-se de carros mais ligeiros para se deslocarem às localidades mais próximas, mas daí podiam trazer apenas os víveres básicos mais necessários.

---

<sup>333</sup> Baseado na entrevista com o tenente-coronel, realizada em Agosto de 2012.

Os observadores moravam em condições espartanas, mas, ao contrário de outros campos militares, viviam em edifícios de pedra e não em tendas. As operações eram semelhantes em muitos aspectos à da missão ONUMOZ. Apesar destas semelhanças, havia muitas diferenças que provinham da diferença das situações existentes entre os dois países, o que se repercutia nas respectivas missões. Mas havia um aspecto em que não diferiam: as minas. Os campos minados significavam o mesmo perigo para os observadores, tanto aí como em Moçambique, embora em Angola a situação fosse bem pior por causa dos franco-atiradores, que actuavam em emboscadas e tiroteios. Aconteceram perdas humanas, quando os observadores sentados ao pé do motorista eram pontualmente abatidos desta forma, da mesma forma que os roubos abundavam também muito mais do que em Moçambique. O oficial húngaro, apesar destas sinistras circunstâncias, gostou mais de Angola, cujas condições naturais lhe agradavam mais, rica que era em diamantes e minérios de todo tipo, o que talvez tenha resultado por seu turno numa luta mais feroz pela posse desta terra por parte dos seus habitantes.

Viu esta conclusão ser ainda mais reforçada na província de Cabinda, quando o tenente-coronel Bozsik foi aí colocado, poucos meses depois: esta província setentrional era a terra do petróleo, dos diamantes e de outros minérios. A área era ocupada pela Frente para a Libertação de Cabinda, e não pela UNITA, sendo o domínio efectivo das forças do governo bastante limitado. Os observadores de paz da ONU em Cabinda realizavam um patrulhamento que visava apenas reforçar a confiança, já que não estava em curso o programa de desarmamento que funcionava noutras províncias. No campo militar de Cabinda, o tenente-coronel Bozsik também servia como comandante, ou seja, tinha que desempenhar funções semelhantes das da sua colocação anterior, só que em condições e num contexto diferentes, tratando-se de um outro movimento de resistência. Os húngaros gozavam de muito boa fama na missão, pois gostavam de trabalhar e não fugiam das responsabilidades. Muitos passaram a integrar os quadros de comando ou, numa percentagem maior do que teria justificado a sua presença numérica, vários trabalhavam nos estados-maiores da missão e das regiões militares. Lembra o caso de húngaros terem desempenhado simultaneamente as funções de chefe de recursos humanos, subcomandante responsável pela área da logística e comandante de uma das regiões. Mas havia muitos comandantes a chefiar também campos militares dispersos pelo país.

O tenente-coronel Bozsik já era tratado como „veterano”, dadas as experiências adquiridas em Moçambique. As condições climáticas já não lhe constituíam um desafio maior ou desconhecido, sendo que as condições de deslocação eram também semelhantes entre os dois países. Angola era porém considerada uma área de serviço muito menos segura do que Moçambique. Por esta razão, estavam colocados guardas locais à entrada dos campos da ONU. Todos os dias vinham polícias que faziam os seus turnos. Um deles parece não ter gostado muito desta tarefa, ou simplesmente estava aborrecido, pois de vez em quando se ausentava para ir beber, e à tarde já estava completamente bêbedo. Aconteceu que uma vez os observadores estavam precisamente a fazer a recolha do dinheiro destinado para a compra semanal de alimentos, pois preparavam-se para ir ao mercado, tendo o dinheiro sido colocado num envelope. Toca o telefone, o tenente-coronel levanta-se para atender a chamada do comando superior e deixa a lista de compras e o envelope sobre a mesa, ao sair para o quarto das radiotransmissões. Ao voltar, o envelope desaparecera. Uma das criancinhas que por lá andava indicou que fora o polícia quem o tinha levado. O

tenente-coronel Bozsik chamou-o, tirou da sua algibeira o dinheiro dos observadores e advertiu que não admitiria se outra vez voltasse a acontecer a mesma coisa. Quando voltava para o seu quarto, o policia humilhado, cheio de raiva, regressou para os seus copos e, como se soube depois, jurou vingança ao oficial húngaro. Da vez seguinte que saiu do seu gabinete, as quinze ou vinte crianças que estavam sempre a brincar ao lado do campo como um bando de pardais dispersaram, exclamando e gritando-lhe algo, que primeiro não percebia, pois não entendia português, embora em tudo aquilo houvesse algo de muito sinistro e agourento. Foi então que viu o policia na rua, diante dele, a uns três ou quinze metros, com a metralhadora apontada, pronta a disparar. O oficial sabia que devia tentar tirar-lhe de alguma forma a arma, mas sabia também que se fosse em direcção a ele seria abatido. Fez como se nada tivesse visto e nada tivesse acontecido, deu meia-volta, e foi em direcção do portão de metal do campo, que estava aberto. O caminho pareceu-lhe uma eternidade... Entrou, fechou o portão atrás de si, foi a correr para o seu gabinete, que dava para a rua, e dirigiu-se à janela para ver o que se passava. O policia atirou a arma para o chão, bem como o seu quépi, caiu de joelhos e começou a bater na própria cabeça. Estava completamente embriagado. Afortunadamente, meia hora depois chegou a rendição e levaram-no de carro. O intérprete dos observadores disse ao motorista que na próxima rendição o comandante húngaro do campo queria falar como o comandante do policia. Quando este chegou, informou-o do que tinha sido cometido pelo seu subalterno e exigiu que este fosse afastado daquele serviço, pois não o queria voltar a ver. O policia foi levado e os observadores inteiraram-se depois que foi fuzilado quase imediatamente a seguir. O tenente-coronel teve que informar o Centro e os seus superiores sobre esta ocorrência, e o alto comando resolveu colocá-lo numa outra posição para evitar que ficasse exposto à vingança dos familiares do policia. Faltavam-lhe poucos dias para completar o seu serviço de um ano, que aliás tinha passado no comando da missão. Em contraste com a maioria dos observadores, o tenente-coronel, depois de regressar à Hungria, aproveitou muito bem as suas experiências africanas. No ano de 2000 finalizou um curso na Faculdade de Letras da Universidade de Pécs, e na sua tese conseguiu dar uma síntese da experiência adquirida na missão de Angola. O júri avaliou com uma nota excelente o seu trabalho, o qual no futuro tenciona ainda publicar em livro.

## Bibliografia utilizada:

1. David B. Abernethy: The Dynamics of Global Dominance. European Overseas Empires 1415-1980. Yale University Press, New Haven, 2000. pp 536.
2. Victor Agadjanian, Ndola Prata: War, Peace, and Fertility in Angola. In: Demography, Vol. 39, No. 2. (2002), pp. 215-231.
3. Charles Ambler: African Resistance to the Atlantic Slave Trade. In: The Journal of African History, Vol. 46, No. 3. (2005), pp. 513-514.
4. Dr. Axmann Ágnes: Fertőző és trópusi betegségek (Doenças tropicais e contagiosas) 2002- Alexandra kiadó, pp 398
5. Gerald J. Bender: Angola Under the Portuguese: The Myth and the Reality. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1978. pp 287.
6. Béres Mária: Számok Fekete-Afrika mindennapi életében (Os números no quotidiano da África Negra) In: Afrika Tanulmányok (Estudos sobre a África), Budapest, VII. évf. 1. sz.
7. Besenyő János: Harc az afrikai olajért, Kína gazdasági térnyerése a fekete kontinensen.( Luta pelo petróleo africano, a expansão da China no continente negro) In: Nemzetvédelmi Egyetemi Fórum XI. évfolyam, 2007. 4. szám, pp.36-37.
8. Besenyő János: Magyar békefenntartók tapasztalatai: Angola és Uganda( As experiências dos peacekeepers húngaros: Angola e Uganda – In: Afrika Tanulmányok, (Estudos sobre a África), Budapest, 2011. V. évfolyam, 4. szám, pp.112-127
9. Besenyő János: A Magyar Honvédség részvétele az angolai béketeremtésben (A participação Das Forças Armadas Húngaras no processo de paz angolana) In: Sereg Szemle, (MH ÖHP szakmai tudományos folyóirat)[Revista científica do Exército] VIII. évfolyam, 1. szám, 2010. január-március pp.134-143
10. Besenyő János: Magyar békefenntartók Afrikában, (Húngaros nas missões de paz em África), Katonai Nemzetbiztonsági Szolgálat kiadványa, 2013, 489 pp.
11. Besenyő János: Szudán. Országismertető.(O Sudão, Dados sobre o país), Seregszemle, Székesfehérvár, 2010. pp
12. Besenyő János: Az Afrikai konfliktusok és kezelésük sajátosságai, a békefenntartó műveletek során szerzett tapasztalatok (Os conflitos da África, as experiências adquiridas nas missões de paz) In: – Felderítő Szemle, VII. évfolyam, 3. szám, 2008. szeptember (Magyar Köztársaság Katonai Felderítő Hivatal tudományos folyóirata), pp.5-15.
13. Besenyő János – Molnár Erik: ENSZ békefenntartás magyar részvétellel: Namíbia,(Manutenção da paz da ONU com participação húngara), Seregszemle, (MH ÖHP szakmai tudományos folyóirat) X. évfolyam, 1. szám, 2012. január-március pp.133-144.
14. Besenyő János – Molnár Erik: A fegyverkereskedelem jelenlegi helyzete és szabályozása Afrika déli részén (A situação do comércio das armas na região sul-africana) - Szakmai Szemle, 2012. 1. szám, pp. 97-107. Biernaczky Szilárd: Még egyszer Magyar Lászlóról ( Mais



- uma vez sobre László Magyar) In: Magyar Tudomány, Vol.172. No. 6. pp. 710-716. Philippe le Billon: Angola's Political Economy of War: The Role of Oil and Diamonds, 1975-2000. In: African Affairs, Vol. 100, No. 398. (2001). pp. 55-80.
15. Blahó András–Prandler Árpád: Nemzetközi szervezetek és intézmények. ( Organizações e instituições internacionais) Aula Kiadó, 2005, pp 700
  16. Inge Brinkman: Angolan Civilians in Wartime 1961-2002. In: John Laband (ed.): Daily Lives of Civilians in Wartime Africa: From Slavery Days to Rwandan Genocide. Greenwood Publishing Group, Westport, CT., 2007. pp 301.
  17. Victoria, Brittain: Death of Dignity, Angola's Civil War, 1998. pp 109
  18. Ian Brownlie, Ian R. Burns: African Boundaries: A Legal and Diplomatic Encyclopaedia. C. Hurst & Co. Publishers, London, 1979. pp 1315.
  19. Búr Gábor: A 21. század Afrika évszázada? ( O século 21, um século de África?)In: Afrika-történeti tanulmányok. ( Estudos de história da África) Mundus Novus , Budapest, 2011. pp 349.
  20. Búr Gábor: A szubszaharai Afrika története 1914-1991. (A história da África sub-saarina), Kossuth, Budapest, 2011. pp 215.
  21. Búr Gábor: Afrika vallásai (As religiões da África) In: Afrika Tanulmányok. Vol. 3. No. 1. 2009. pp. 3-21.
  22. Edward Burnett Tylor: Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. Murray, London, 1873. pp 426.
  23. Thea Büttner: Geschichte Afrikas. Afrika von den Anfängen bis zur territorialen Aufteilung Afrikas durch die imperialistischen Kolonialmächte. Teil I. Von den Anfängen bis zur Gegenwart. Akademie Verlag, Berlin, 1976. pp 285.
  24. Allan Cain, Mary Daly, Paul Robson: Basic Service Provision for the Urban Poor: The Experience of Development Workshop in Angola. Human Settlements Working Paper Series. Poverty Reduction in Urban Areas. No. 8. Human Settlements Programme, International Institute for Environment and Development London, 2002. pp 46.
  25. Patrick Chabal: A History of Postcolonial Lusophone Africa. C. Hurst & Co. Publishers, London, 2002. pp 339.
  26. James Ciment: Angola and Mozambique: Postcolonial wars in southern Africa. Facts on File, New York, 1997. pp 246.
  27. Thomas Collelo (ed.): Angola: A Country Study. Area handbook series 550. No. 59. Washington, 1991. pp 61.
  28. Jacopo Corrado: The Creole Elite and the Rise of Angolan Protonationalism: 1870-1920. Cambria Press, New York, 2008. pp 312.
  29. Jose C. Curto, Raymond R. Gervais: The Population History of Luanda during the Late Atlantic Slave Trade 1781-1844. In: African Economic History 29. 2001. pp. 1-59.
  30. James Duffy: Portuguese Africa (Angola and Mozambique): Some Crucial Problems and the Role of Education in Their Resolution. In: The Journal of Negro Education. Vol. 30, No. 3, 1961. pp. 294-301.

31. Peter Forbath: *The River Congo. The discovery, exploration and exploitation of the world's most dramatic river.* Harper & Row, New York, 1977. pp 404.
32. Eustache de la Fosse „*Voyage d'Eustache Delafosse sur la cote de guinée, au Portugal & en Espagne 1479-1481.* Collection magellane. Editions Chandeigne, Paris, 1992. pp 181.
33. Füssi Nagy Géza: *Határtalan Szakrális Tér: Fekete-Afrika ( Um espaço sagrado sem fronteiras: África Negra)* In: *Korunk*, Vol. 10. No. 2. 2005. pp. 36-45.
34. Marek Garzdecki: *Angola. Recent History.* In: Katherine Murison (ed.): *Africa South of the Sahara 2003.* Routledge, London, 2003. pp 1305.
35. Piero Gleijeses: *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976.* University of North Carolina Press, Chapel Hill, N.C. 2003. pp 552.
36. Didier Gondola: *The History of Congo.* Greenwood Publishing Group, Westport, CT., 2002. pp 215.
37. Joseph Greenberg: *The Languages of Africa.* Bloomington, 1963. Indiana University Press. pp 180.
38. William David Hammond-Tooke (ed.): *The Bantu-Speaking Peoples of Southern Africa.* Taylor & Francis, London, 1980. pp 298.
39. Lazarus Hangula: *Die Grenzziehungen in den afrikanischen Kolonien Englands, Deutschlands and Portugals im Zeitalter des Imperialismus 1880-1914, Europäische Hochschulschriften, Reihe III, Geschichte und Hilfswissenschaften, Band 493, Lang Verlag, Frankfurt am Main, 1991. pp 266.*
40. Patricia Hayes: *Order out of Chaos: Mandume Ya Ndemufayo and Oral History.* *Journal of Southern African Studies*, Vol. 19, No. 1, Special Issue: *Namibia: Africa's Youngest Nation (1993)*, pp. 89-113.
41. Bernd Heine, Derek Nurse: *African Languages: An Introduction.* Cambridge University Press, Cambridge, 2000. pp 396.
42. Bernd Heine, Derek Nurse (eds.): *A Linguistic Geography of Africa.* Cambridge University Press, Cambridge, 2008. pp 371.
43. Linda M. Heywood: *The Growth and Decline of African Agriculture in Central Angola, 1890-1950.* In: *Journal of Southern African Studies*, Vol. 13, No. 3 (1987), 355-371.
44. Linda M. Heywood: *Church, State and War.* In: *The Journal of African History*, Vol. 43, No. 1 (2002), pp. 181-182.
46. Linda M. Heywood: *Unita and Ethnic Nationalism in Angola.* In: *The Journal of Modern African Studies*, Vol. 27, No. 1 (1989), pp. 47-66.
47. Linda M. Heywood: *Contested Power in Angola, 1840s to the Present.* Boydell & Brewer, Rochester, NY., 2000. pp 305.
48. Tony Hodges: *Angola from Afro-Stalinism to Petro-Diamond Capitalism.* Indiana University Press, Bloomington, 2001. pp 201.
49. Rolf Hofmeier, Mathias Schönborn: *Politisches Lexikon Afrika.* Beck Verlag, München, 1984. pp 510.
50. C. Silvester Horne: *David Livingstone: Man of Prayer and Action.* Christian Liberty Press, Arlington, IL., 2002. pp 129.

51. John Iliffe: *Africans: The History of a Continent*. Cambridge University Press, Cambridge, 1997. pp 323.
52. International Energy Agency: *Angola towards an Energy Strategy*, 2006. pp 172
53. IBP Usa staff: *Angola Mineral & Mining Sector Investment and Business Guide*, 2009. pp 300
54. Abram J. Jaffe: *Methods of Appraisal of Quality of Basic Data for Population Estimates*. Manuals on methods of estimating population. Population Studies, No. 23. United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Branch, New York, 1955. pp 278.
55. W. Martin James: *A Political History of the Civil War in Angola: 1974-1990*. Transaction Publishers, Piscataway, N.J., 2011. pp 314.
56. W. Martin James: *Historical Dictionary of Angola*. Scarecrow Press, Plymouth, 2011. pp 400.
57. Ryszard Kapuściński: *Golyózaporban Angola földjén (Mais um dia da vida, Angola 1975)* Kossuth, Budapest, 1977. pp 125.
58. David Killigray: *African Civilians in the Era of the Second World War, c. 1935-1950*. In: John Laband (ed.): *Daily Lives of Civilians in Wartime Africa: From Slavery Days to Rwandan Genocide*. Greenwood Publishing Group, Westport, CT., 2007. pp 301.
59. Kiss Zoltán László: *Magyarok a békefenntartásban. ( Húngaros na manutenção da paz)* Zrínyi Kiadó, Budapest 2011. pp. 143
60. Krizsán László: *Magyar utazók Afrikában, (Viajantes húngaros em África)* Nemzeti Tankönyvkiadó, Budapest, 1994. pp 104.
61. Bethany Lacina, Nils Petter Gleditsch: *Monitoring Trends in Global Combat: A New Dataset of Battle Deaths*. In: *European Journal of Population* 21(2-3), 2005. pp 145-166.
62. 145-166.
63. David Lea, Annamarie Rowe: *Political Chronology of Africa*. Taylor & Francis, London, 2005. pp 499.
64. Magyar László *Délafrikai levelei és naplókivonatai. ( Suas cartas e excertos do seu diário)* (kiadta: Hunfalvy János) Pest, 1857. pp 92.
65. John A. Marcum: *The Angolan Revolution: The anatomy of an explosion (1950-1962)*. M.I.T. Press, Cambridge, MA., 1969. pp 473.
66. John Samuel Mbiti: *The Prayers of African Religion*. Orbis Books, New York, 1976. pp 193.
67. Joseph C. Miller: *Angola before 1900: A Review of Recent Research*. In: *African Studies Review*, Vol. 20, No. 1 (April 1977), pp. 103-116.
68. Bjorn Moller: *Privatisation of Conflict, Security and War*. Danish Institute for International Studies, Working Paper No. 2005/2. Copenhagen, 2005. pp 41.
69. Yasu Nakayama: *International Waters in Southern Africa*. United Nations University Press, Tokyo, 2003. pp 306.
70. Bernard Nantet: *Dictionnaire d'histoire et civilisations africaines*. Larousse, Paris, 1999. pp 228.
71. Roland Oliver, Anthony Atmore: *Medieval. Africa, 1250-1800*. Cambridge University Press, Cambridge, 2001. pp 251.
72. Roland Oliver, Anthony Atmore: *Africa since 1800*. Cambridge University Press, Cambridge. 2005. pp 405.

73. Adebayo O. Oyebade: *Culture and Customs of Angola*. Greenwood Publishing Group, Westport, 2007. pp 183.
74. Paulo S. Polanah: „The Zenith of our National History!” National identity, Colonial Empire, and the Promotion of the Portuguese Discoveries: Portugal 1930s. [http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-64322011000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-64322011000100003&script=sci_arttext) (Descarregado em: 13 de fevereiro 2013)
75. Gérard Prunier: *Africa's World War: Congo, the Rwandan Genocide and the Making of a Continental Catastrophe*. Oxford University Press, Oxford, 2009. pp 576.
76. Rákóczi István: *A Portugál Tengerentúli Birodalom. (O Império Ultramarino Português)* In: Poór János (szerk.): *A kora újkor története (A história universal pre-moderna)* Osiris Kiadó, Budapest, 2009. pp 494.
77. István Rákóczi: *Monopoly and free trade – Tordesillas become global*. In: *Tradcraft Review, Periodical of the Scientific Board of Military Security Office*, 2011/1. pp. 91-104.
78. Rákóczi István: *Tengerek tengelye. Ibér terjeszkedés az Atlantikumban a 15-16. században. (O eixo dos mares. A expansão ibérica no Atlântico, nos séculos 15-16)* Mundus, Budapest, 2006. pp 288.
79. Luís Nuno Rodriguez: „For a better Guinea”. *Winning Hearts and Minds in Portuguese Guinea*. In: Phillip E. Muehlenbeck (ed.): *Race, Ethnicity, and the Cold War*. Vanderbilt University Press, Nashville, 2012. pp 324.
80. Ricardo Roque: *The Razor's Edge: Portuguese Imperial Vulnerability in Colonial Moxico, Angola*. In: *International Journal of African Historical Studies*, Vol. 36, No. 1. Special Issue: Colonial Encounters between Africa and Portugal (2003), pp. 105-124.
81. Matthew Schoffeleers: *Myth and/or History: a Reply to Christopher Wrigley*. In: *The Journal of African History*. Vol. 29. No. 3. November 1988. pp. 385-390.
82. Sebestyén Éva: *Kaland és kutatás Afrikában. Magyar László életrajza. (Aventura e exploração. A biografia de László Magyar)* ELTE Eötvös Kiadó, Budapest, 2008. pp 288.
83. Eduardo de Sousa Ferreira: *Africa: the end of an era. The effects of Portuguese colonialism on education, science, culture and information*. Bernan Associates, Paris, 1974. pp 170.
84. Matthew G. Stanard: *Interwar Pro-Empire Propaganda and European Colonial Culture: Toward a Comparative Research Agenda*. In: *Journal of Contemporary History*. Vol. 44. No. 1. (2009) pp. 27-48.
85. Mike Stead, Sean Rorison: *Angola*. Bradt Travel Guides. Guilford, CT., 2009. pp 280.
86. Jamie Stokes (ed.): *Encyclopedia of the Peoples of Africa and the Middle East*. Infobase Publishing, New York, 2009. pp 824.
87. Thirring Gusztáv: *Magyar László élete és tudományos működése: kritikai adalékok a magyar földrajzi kutatások történetéhez: Magyar László kiadatlan írásaival. (Vida e obra científica de László Magyar,*

- Achegas para a história das explorações geografias húngaras), Kilián, Budapest, 1937. pp 166.
88. John Thornton, Andrea Mosterman: A re-interpretation of the Kongo-Portuguese War of 1622 according to new documentary evidence. In: The Journal of African History, Vol. 51, No. 2. (2010) pp. 235-248.
  89. Jan Vansina: Ambaca Society and the Slave Trade c. 1760-1845. In: The Journal of African History, Vol. 46, No. 1. (2005), pp. 1-27.
  90. J. D. Vincent-Smith: The Anglo-German Negotiations over the Portuguese Colonies in Africa, 1911–14. In: The Historical Journal, Vol. 17, No.3. (1974) pp. 620-629.
  91. Peter Walkenhorst: Nation - Volk - Rasse: Radikaler Nationalismus Im Deutschen Kaiserreich 1890-1914. Vandenhoeck & Ruprecht, Berlin, 2007. pp 400.
  92. Stephen L. Weigert: Angola: A Modern Military History, 1961-2002. Palgrave Macmillan, New York, 2011. pp 284.
  93. Peter Wise: Portugal appeals to Angola for funds. Financial Times, November 17, 2011.

#### **Artigos sem menção do seu autor:**

94. Angola: Towards an Energy Strategy. International Energy Agency. OECD/IEA, IEA PUBLICATIONS, 9. Paris, 2006. pp 170.
95. ONGC Videsh to buy into Angola block for \$600 mn. In: Business Standart, Mumbai April 9, 2004.

#### **Fontes na Internet:**

Angola to end military reform aid in Guinea Bissau.  
<http://www.reuters.com/article/2012/04/10/ozatp-angola-guineabissau-idAFJ0E83900P20120410>(Descarregado em 28.02. 2013)

Markus Weimer: The Peace Dividend: Analysis of a Decade of Angolan Indicators, 2002–12. Programme Paper. Chatham House, London. 2012. pp 1-19. 2012/03<http://www.chathamhouse.org/publications/papers/view/182750> (Descarregado em 9.02. 2013)

<http://www.reuters.com/article/2010/09/23/ozatp-angola-hydropower-idAFJ0E68M08W20100923> (Descarregado em 18.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/country-profile/transport-and-infrastructure/> (Descarregado em 18.02. 2013)

Guus Meijer, David Birmingham: From military peace to social justice? The Angolan peace process, 2004.

[http://www.c-r.org/sites/c-r.org/files/15\\_Angola\\_2004\\_F\\_ENG.pdf](http://www.c-r.org/sites/c-r.org/files/15_Angola_2004_F_ENG.pdf)

(Descarregado em 18.02. 2013)

Miscanthus - A great research effort in Africa.

<http://biozio.com/blog/2009/07/miscanthus-a-great-research-effort-in-africa.html>

(Descarregado em 18.02. 2013) (Letöltés ideje: 2013. február 28.)

<http://www.goruma.de/Laender/Afrika/Angola/Wissenswertes/index.html>

(Descarregado em 02.02. 2013)

[http://www.reuters.com/article/2010/03/09/us-angola-elephants-](http://www.reuters.com/article/2010/03/09/us-angola-elephants-idUSTRE6283KE20100309)

[idUSTRE6283KE20100309](http://www.reuters.com/article/2010/03/09/us-angola-elephants-idUSTRE6283KE20100309) (Descarregado em 21.12. 2012)

[http://www.fv-berlin.de/oeffentlichkeitsarbeit/pressemitteilungen-](http://www.fv-berlin.de/oeffentlichkeitsarbeit/pressemitteilungen-1/pressemeldungen-archiv/2006/seltenste-antilopenart-der-welt-wieder-aufgetaucht)

[1/pressemeldungen-archiv/2006/seltenste-antilopenart-der-welt-wieder-aufgetaucht](http://www.fv-berlin.de/oeffentlichkeitsarbeit/pressemitteilungen-1/pressemeldungen-archiv/2006/seltenste-antilopenart-der-welt-wieder-aufgetaucht)

(Descarregado em 28.02. 2013)

<http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/socind/>

(Descarregado em 18.01. 2013)

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ao.html>

(Descarregado em 03.02. 2013)

<http://data.worldbank.org/country/angola> (Descarregado em 08.02. 2013)

Population and development in Africa. Philippe Rekacewicz, Delphine Digout, UNEP/GRID-Arendal.

[http://www.grida.no/graphicslib/detail/population-and-development-in-africa\\_918d](http://www.grida.no/graphicslib/detail/population-and-development-in-africa_918d)

(Descarregado em 29.01. 2013)

<http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/pdf/034angol.pdf>

[/034angol.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/pdf/034angol.pdf)

(Descarregado em 21.01. 2013)

<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTHEALTHNUTRITIONAND>

[POPULATION/EXTDATASTATISTICSHNP/EXTHNPSTATS/0,,contentMDK:21737699~](http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTHEALTHNUTRITIONAND)

[menuPK:3385623~pagePK:64168445~piPK:64168309~theSitePK:3237118~isCURL:Y,00.html](http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTHEALTHNUTRITIONAND) (Descarregado em 02.02. 2013)

<http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/pdf/034angol.pdf>

[/034angol.pdf](http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing19502050/pdf/034angol.pdf)

(Descarregado em 21.01. 2013)



<http://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.TFRT.IN> (Descarregado em 21.01. 2013)

[http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report\\_EN\\_13Mar2012.pdf](http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report_EN_13Mar2012.pdf) (Descarregado em 29.01. 2013)

<http://www.chathamhouse.org/publications/papers/view/182750> (Descarregado em 09.02. 2013)

[http://www.unicef.org/infobycountry/angola\\_502.html](http://www.unicef.org/infobycountry/angola_502.html) (Descarregado em 09.02. 2013)

Birth right. Where to be born in 2013. Jan 1st 2013, 14:14 by Economist.com. <http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2013/01/daily-chart> (Descarregado em 01.02. 2013)

Alex Duval-Smith: UNICEF and EU-supported training for teachers boosts education quality in Angola. [http://www.unicef.org/infobycountry/angola\\_61321.html#sthash.X1aRHpA4.dpuf](http://www.unicef.org/infobycountry/angola_61321.html#sthash.X1aRHpA4.dpuf)

(Descarregado em 24.02. 2013)

Yolanda Nunes Correia: Slow but steady results in Angola's fight against malaria.

[http://www.unicef.org/infobycountry/angola\\_62286.html#sthash.ULJD4vyO.dpuf](http://www.unicef.org/infobycountry/angola_62286.html#sthash.ULJD4vyO.dpuf)  
[http://www.unicef.org/infobycountry/angola\\_62286.html](http://www.unicef.org/infobycountry/angola_62286.html) (Descarregado em 22.02. 2013)

<http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/socind/> (Descarregado em 14.02. 2013)

<http://search.worldbank.org/data?qterm=angola&language=EN> (Descarregado em 14.02. 2013)

World Urbanization Prospects, the 2011 Revision. Data on Urban and Rural Populations. <http://esa.un.org/unpd/wup/CD-ROM/Urban-Rural-Population.htm> (Descarregado em 14.02. 2013)

[http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report\\_EN\\_13Mar2012.pdf](http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report_EN_13Mar2012.pdf) (Descarregado em 09.02. 2013)

[http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report\\_EN\\_13Mar2012.pdf](http://www.unicef.org/sowc2012/pdfs/SOWC%202012-Main%20Report_EN_13Mar2012.pdf) (Descarregado em 09.02. 2013)

<http://www.gutenberg.org/files/1039/1039-h/1039-h.htm> (Descarregado em 28.02. 2013)

United Nations, Department of Economic and Social Affairs. Population Division. World Urbanization Prospects. The 2011 Revision.Sources of Data for

Estimates of Urban Agglomerations and Capital Cities.  
[http://esa.un.org/unup/pdf/FINAL-FINAL\\_REPORT%20WUP2011\\_Annextables\\_01Aug2012\\_Final.pdf](http://esa.un.org/unup/pdf/FINAL-FINAL_REPORT%20WUP2011_Annextables_01Aug2012_Final.pdf)  
(Descarregado em 14.02. 2013)

Growth of Africa's Top 20 urban agglomerates over the years 2005-2015.  
<http://public.tableausoftware.com/views/AfricasTop20UrbanAgglomerates/AfricasUrbanAgglomerates>(Descarregado em 14.02. 2013)

United Nations, Department of Economic and Social Affairs. Population Division. World Urbanization Prospects. The 2011 Revision.Sources of Data for Estimates of Urban Agglomerations and Capital Cities. File 1: Population of Urban and Rural Areas and Percentage Urban, 2011. October 2012.  
[http://esa.un.org/unup/pdf/FINAL-FINAL\\_REPORT%20WUP2011\\_Annextables\\_01Aug2012\\_Final.pdf](http://esa.un.org/unup/pdf/FINAL-FINAL_REPORT%20WUP2011_Annextables_01Aug2012_Final.pdf)  
(Descarregado em 14.02. 2013)

UN-HABITAT:The State of African Cities 2008. A framework for addressing urban challenges in Africa. Figure 5.1.2: Luanda Urban Growth by Source. <http://reliefweb.int/report/world/state-african-cities-2008-framework-addressing-urban-challenges-africa> (Descarregado em 10.02. 2013)

<http://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.NETM/countries> (Descarregado em 14.02. 2013)

Top 50 cities: Cost of living ranking.  
[http://www.mercer.com/costoflivingpr#City\\_rankings](http://www.mercer.com/costoflivingpr#City_rankings) (Descarregado em 11.02. 2013)

Julie Zeveloff: The Insane Cost Of Living In Poverty-Stricken Luanda, Angola. Business Insider, Oct. 3, 2011.  
<http://www.businessinsider.com/luanda-angola-expensive-city-2011-10?op=1#ixzz2MEf5PZMc> (Descarregado em 18.02. 2013)

World Directory of Minorities and Indigenous Peoples - Angola: Ovimbundu.  
<http://www.unhcr.org/refworld/country,,MRGI,,AGO,,49749d63c,0.html>  
(Descarregado em 14.02. 2013)

<http://www.uiowa.edu/~africart/toc/people/Chokwe.html> (Descarregado em 15.02. 2013)

<http://www.nshr.org.na/index.php?module=News&func=display&sid=720>  
(Descarregado em 20.02. 2013)

<http://architectafrica.com/NETWORK/ANGOLA/category/person/mwe-ne-mbandu-iii> (Descarregado em 28.02. 2013)

<http://www.artafrika.es.tl/MBUNDA.htm> (Descarregado em 28.02. 2013)

<http://www.ethnologue.com/language/knw> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://angolafieldgroup.com/historic-tours/> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://www.gcatholic.org/dioceses/diocese/luan0.htm> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://www.catholic-hierarchy.org/country/dao.html> (Descarregado em 27.02. 2013)

David Shukman: Angola: War without end. BBC World Service, Friday, 5 May, 2000. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/736421.stm> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://search.worldbank.org/data?qterm=angola&language=EN> (Descarregado em 14.02. 2013)

<http://www.dfat.gov.au/geo/fs/ango.pdf> (Descarregado em 14.02. 2013)

<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?page=1> (Descarregado em 14.02. 2013)

Lucas Kawa: The 20 Fastest-Growing Countries In The World. Business Insider. Jan. 29, 2013. <http://www.businessinsider.com/fastest-growing-economies-through-2015-2013-1?op=1> (Descarregado em 14.02. 2013)

[http://www.portalangop.co.ao/motix/en\\_us/noticias/economia/2012/2/10/Angola-exports-reached-over-USD-billion-2011,69d4248d-f010-47b7-9570-02b8afbc9421.html](http://www.portalangop.co.ao/motix/en_us/noticias/economia/2012/2/10/Angola-exports-reached-over-USD-billion-2011,69d4248d-f010-47b7-9570-02b8afbc9421.html) (Descarregado em 14.02. 2013)

<http://www.dfat.gov.au/geo/fs/ango.pdf> (Descarregado em 14.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/country-profile/industries/oil-and-gas/> (Descarregado em 11.02. 2013)

<http://www.sonangol.co.ao/wps/portal/ep> (Descarregado em 26.02. 2013)

<http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=CH> (Descarregado em 28.02. 2013)

Markus Weimer: Angola: Slick Business Deals. <http://www.chathamhouse.org/media/comment/view/179785> (Descarregado em 26.02. 2013)

Markus Weimer: The Peace Dividend: Analysis of a Decade of Angolan Indicators, 2002–12. Programme Paper. Chatham House, London. 2012. pp 1-19. 2012/03 <http://www.chathamhouse.org/publications/papers/view/182750> (Descarregado em 09.02. 2013)

Angola Produces Over 1.7 Million Barrels of Crude-Oil Per Day. 27 FEBRUARY 2013. [http://allafrica.com/stories/201302271037.html?aa\\_source=slideout](http://allafrica.com/stories/201302271037.html?aa_source=slideout) (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/outlook/economy/> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/country-profile/industries/oil-and-gas/>  
(Descarregado em 11.02. 2013)

Overview data for Angola. <http://www.eia.gov/countries/country-data.cfm?fips=AO> (Descarregado em 27.02. 2013)

<http://prosperitysaskatchewan.files.wordpress.com/2012/01/diamonds-2011-mining-journal-supplement.pdf> (Descarregado em 23.02. 2013)

<http://www.primestyle.com/news/richest-diamond-mines-in-the-world#sthash.WgSblZEK.dpuf>  
(Descarregado em 23.02. 2013)

<http://www.macauhub.com.mo/en/2013/01/04/angola%E2%80%99s-endiama-begins-alluvial-diamond-mining-this-year/> (Descarregado em 23.02. 2013)

Pascal Fletcher: Angola sees iron ore production from 2014 or 2015.  
Reuters, Wednesday, Nov 7, 2012.  
<http://www.reuters.com/article/2012/11/07/angola-mining-iron-idUSL5E8M7DWT20121107> (Descarregado em 23.02. 2013)

[http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola\\_Agrar.pdf](http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola_Agrar.pdf) (Descarregado em 23.02. 2013)

[http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Food\\_Security\\_Risk\\_Index\\_2013\\_Map.pdf](http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Food_Security_Risk_Index_2013_Map.pdf) (Descarregado em 24.02. 2013)

[http://csis.org/files/publication/110623\\_Vines\\_Angola\\_Web.pdf](http://csis.org/files/publication/110623_Vines_Angola_Web.pdf)  
(Descarregado em 23.02. 2013)

Data underlying the Calculation of the 1990, 1996, 2001, and 2012 Global Hunger Index Scores.  
<http://www.ifpri.org/sites/default/files/publications/ghi12.pdf> (Descarregado em 23.02. 2013)

<http://www.ifpri.org/sites/default/files/publications/ghi12.pdf> (Descarregado em 23.02. 2013)

[http://www.ipim.gov.mo/worldwide\\_partner\\_detail.php?tid=11400&type\\_id=1285&lang=en-us](http://www.ipim.gov.mo/worldwide_partner_detail.php?tid=11400&type_id=1285&lang=en-us) (Descarregado em 25.02. 2013)

Agrarwirtschaftliches Profil der Republik Angola, 28.06.2011.  
[http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola\\_Agrar.pdf](http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola_Agrar.pdf) (Descarregado em 22.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/country-profile/industries/agriculture/>  
(Descarregado em 23.02. 2013)

[http://www.portalangop.co.ao/motix/en\\_us/noticias/economia/Coffee-Production-Angola-Rises-5000-Tons.a8d1cf1c-ce27-41cf-9e7a-c4d46c9229f2.html](http://www.portalangop.co.ao/motix/en_us/noticias/economia/Coffee-Production-Angola-Rises-5000-Tons.a8d1cf1c-ce27-41cf-9e7a-c4d46c9229f2.html) (Descarregado em 19.02. 2013)

<http://www.espressocoffeeguide.com/gourmet-coffee/arabian-and-african-coffees/angola-coffee/> (Descarregado em 23.02. 2013)

[http://www.portalangop.co.ao/motix/en\\_us/noticias/economia/2012/2/10/Angola-exports-reached-over-USD-billion-2011,69d4248d-f010-47b7-9570-02b8afbc9421.html](http://www.portalangop.co.ao/motix/en_us/noticias/economia/2012/2/10/Angola-exports-reached-over-USD-billion-2011,69d4248d-f010-47b7-9570-02b8afbc9421.html) (Descarregado em 23.02. 2013)

<http://data.un.org/Data.aspx?q=angola&d=FAO&f=itemCode%3A789%3BCountryCode%3A7> (Descarregado em 25.02. 2013)

[http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola\\_Agrar.pdf](http://www.southafrica.diplo.de/contentblob/3310136/Daten/1696203/Angola_Agrar.pdf) (Descarregado em 22.02. 2013)

The Fishing Industry in Angola - International Trade Centre, Cancún, Mexico – September 2003.  
[https://www.google.hu/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.intracen.org%2FWorkArea%2FDownloadAsset.aspx%3Fid%3D52007&ei=bzYtUZWsEYWctAaTnYDgBQ&usq=AFQjCNGk3cVNAWIpxJVZ\\_R-a\\_-cVMhKHg7g&sig2=NAAet7r07Tcli4V0OtifcQ](https://www.google.hu/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.intracen.org%2FWorkArea%2FDownloadAsset.aspx%3Fid%3D52007&ei=bzYtUZWsEYWctAaTnYDgBQ&usq=AFQjCNGk3cVNAWIpxJVZ_R-a_-cVMhKHg7g&sig2=NAAet7r07Tcli4V0OtifcQ) (Descarregado em 24.02. 2013)

Angola - Structure and characteristics of the fishing industry.  
<http://www.bonganisa.co.za/www/content286> (Descarregado em 24.02. 2013)

[http://www.ipim.gov.mo/worldwide\\_partner\\_detail.php?tid=11400&type\\_id=1285&lang=en-us](http://www.ipim.gov.mo/worldwide_partner_detail.php?tid=11400&type_id=1285&lang=en-us) (Descarregado em 25.02. 2013)

<http://www.unesco.org/new/en/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/anniversaries-celebrated-by-member-states/2013#> (Descarregado em 20.02. 2013)

Paulo S. Polanah: „The Zenith of our National History!” National identity, Colonial Empire, and the Promotion of the Portuguese Discoveries: Portugal 1930s.  
[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-64322011000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-64322011000100003&script=sci_arttext) (Descarregado em 13.02. 2013)

<http://siteresources.worldbank.org/AFRICAEXT/Resources/africa-brazil-bridging-chapter2.pdf> (Descarregado em 23.02. 2013)

Teresa Pinto Coelho: Lord Salisbury’s 1890 Ultimatum to Portugal and AngloPortuguese Relations.  
[http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/6\\_pintocoelho.pdf](http://www.mod-langs.ox.ac.uk/files/windsor/6_pintocoelho.pdf) (Descarregado em 23.02. 2013)

Guus Meijer, David Birmingham: Angola from past to present. p. 13.  
<http://www.c->

r.org/sites/cr.org/files/accord%2015\_3Angola%20from%20past%20to%20present\_2004\_EN G.pdf (Descarregado em 11.02. 2013)

<http://www.menszt.hu/layout/set/print/content/view/full/186>

Robert Moss: Battle of Death Road. <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm> (Descarregado em 11.02. 2013)

<http://www.guardian.co.uk/technology/2012/nov/27/call-of-duty-savimbi> (Descarregado em 02.02. 2013)

World Directory of Minorities. Africa Minority Rights Group International. Directory, Angola, Ovimbundu. <http://www.minorityrights.org/?lid=3881&tmpl=printpage> (Descarregado em 13.02. 2013)

African Elections Database. Angola. <http://africanelections.tripod.com/ao.html> (Descarregado em 02.12. 2011)

<http://daccessddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N93/502/71/PDF/N9350271.pdf?OpenElement> (Descarregado em 02.02. 2013)

Lusaka Protocol. Lusaka, Zambia, November 15, 1994. Peace Agreements Digital Collection. [http://www.usip.org/files/file/resources/collections/peace\\_agreements/lusaka\\_11151994.pdf](http://www.usip.org/files/file/resources/collections/peace_agreements/lusaka_11151994.pdf) (Descarregado em 13.05. 2011)

<http://www.un.org/Depts/DPKO/Missions/Monua/monuab.htm> (Descarregado em 20.02. 2013)

<http://daccess-ddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N99/134/03/PDF/N9913403.pdf?OpenElement> (Descarregado em 18.02. 2013)

[https://peaceaccords.nd.edu/site\\_media/media/accords/The\\_Luena\\_Agreement\\_2002.pdf](https://peaceaccords.nd.edu/site_media/media/accords/The_Luena_Agreement_2002.pdf) (Descarregado em 18.02. 2013)

<https://peaceaccords.nd.edu/matrix/accord/12> (Descarregado em 18.02. 2013)

<http://www.angola-today.com/country-profile/transport-and-infrastructure/> (Descarregado em 22.02. 2013)

[http://www.gichd.org/fileadmin/pdf/ma\\_development/wk-landrights-oct2010/LMAD-wk-Angola-case-study-Feb2011.pdf](http://www.gichd.org/fileadmin/pdf/ma_development/wk-landrights-oct2010/LMAD-wk-Angola-case-study-Feb2011.pdf) (Descarregado em 26.02. 2013)

Angola election judged „free and fair” by African Union. BBC News, Africa, 2 September 2012. <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-19460914> (Descarregado em 09.02. 2013)

<http://www.rnw.nl/africa/bulletin/dos-santos-mpla-takes-718-angola-elections-commission> (Descarregado em 09.02. 2013)



<http://www.governo.gov.ao/Organismos.aspx?op=P> (Descarregado em 01.02. 2013)

<http://www.expatarrivals.com/angola/safety-in-angola> (Descarregado em 25.02. 2013)

<http://info-angola.ao/images/stories/dpa-grande.png> (Descarregado em 13.02. 2013)

Louise Redvers: Angola's Chinese-built ghost town. BBC News Africa, 2 July 2012. <http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-18646243> (Descarregado em 25.02. 2013)

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2034rank.html?countryName=Angola&countryCode=ao&regionCode=afr &rank=32#ao> (Descarregado em 23.02. 2013)

[http://www.deagel.com/news/Embraer-Delivers-the-First-Three-A-29-Super-Tucano-to-the-National-Air-Force-of-Angola\\_n000011185.aspx](http://www.deagel.com/news/Embraer-Delivers-the-First-Three-A-29-Super-Tucano-to-the-National-Air-Force-of-Angola_n000011185.aspx) (Descarregado em 28.02. 2013)

Angola and Serbia Agree On Building Military Infrastructures. AllAfrica, 27 February 2013. <http://allafrica.com/stories/201302280218.html> (Descarregado em 28.02. 2013)

Angola, Brazil Agree On Joint Defence Committee. AllAfrica, 19 February 2013. <http://allafrica.com/stories/201302200152.html> (Descarregado em 28.02. 2013)